

CRISTINO PIMENTEL

# ABRINDO

O  
LIVRO DO PASSADO



Campina Grande - PB  
2ª Edição

## Cousas de Cristino!

Durante muito tempo a crônica jornalística foi encarada como um tipo de texto de valor efêmero e passageiro. Sem a profundidade dos “grandes textos literários”. A crônica, por tratar de coisas corriqueiras, ínfimas, pequenos acontecimentos do dia-a-dia, ou dos aspectos pitorescos da política e da sociedade de uma época, era vista como algo datado e mesmo descartável. Uma filha bastarda da arte literária.

Todavia, grandes escritores brasileiros muniram-se de suas penas para escrever neste estilo literário e construíram inúmeras representações sobre os seus espaços cotidianos, deixando para nós, historiadores, uma enorme contribuição no que diz respeito ao acesso ao passado. Crônicas, como indícios das realidades vividas em certo tempo e lugar constituem-se em excelentes fontes para os historiadores buscarem entender os possíveis sentidos do passado.

Para José de Alencar, a crônica seria “uma arte difícil essa, de dizer tudo, não dizendo nada”. Já o grande cronista que foi Machado de Assis, dizia que as crônicas, deveriam tratar das “cousas doces, sem sangue nem lágrimas” e de forma leve e célere.

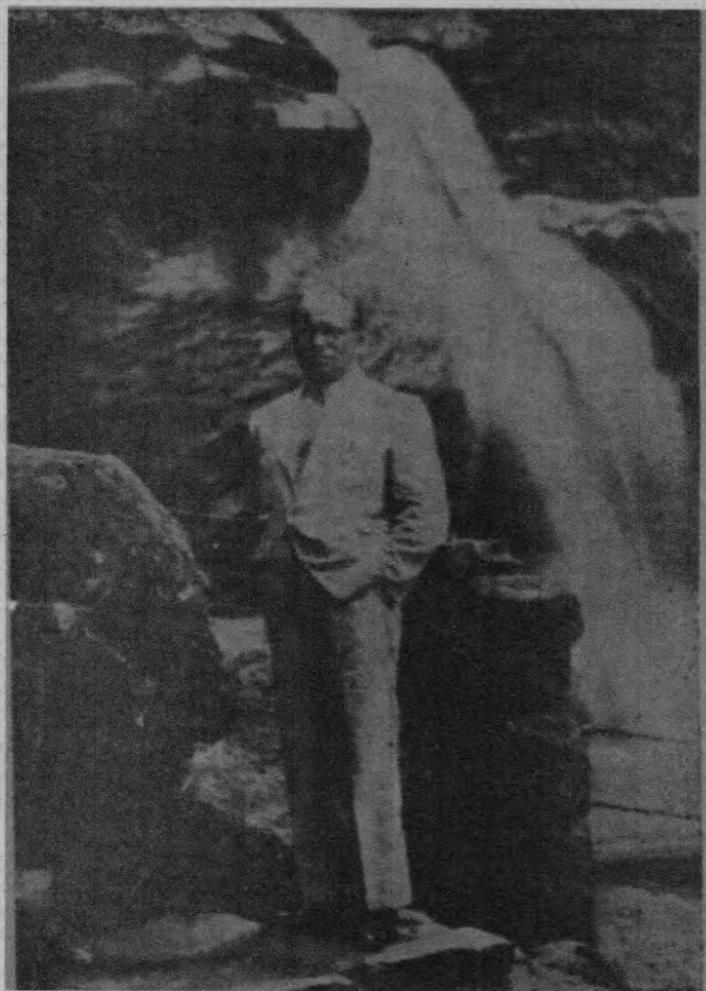
Foi a esta tarefa que dedicou-se Cristino Pimentel entre os anos de 1930 e 1960. Cronista por excelência da cidade de Campina Grande, onde nasceu e morou por quase toda sua vida, Cristino elaborou um conjunto de textos e discursos sobre a cidade que tanto amava e admirava, sempre com o intuito de mostrar aos leitores como ela tinha o “destino” de tornar-se moderna, progressista e independente. A par do caráter polêmico de sua escrita,



sempre se envolvendo em contendas com os prefeitos da época, o Cristino, como sempre afirmava ao final de algumas de suas crônicas era o “melhoramento” e a “civilização da cidade”.

Abrindo o livro do passado, republicado agora pela EDUFPG, com edição do prof. Antonio Soares, do Instituto Cultural Português, é um “mergulho” nos desvãos da História de Campina Grande, que permitirá aos leitores, entender a cidade submersa do passado através tanto dos olhos de “Seu Cristino” dono da “Fruteira” como do jornalista sagaz, dinâmico e observador dos detalhes miúdos, dos personagens típicos, das memórias das ruas, da beleza dos dias.

Se as crônicas aqui (re)apresentadas perderam um pouco de seu sabor do momento, porque formadas com termos, palavras, sentidos que não são os nossos atuais, as imagens, desejos e sonhos deixados pelo cronista, sempre nos permitirão afirmar: o que vai dito aqui são “Cousas” de Cristino!



O autor Cristino Pimentel na cascatinha -Rio

**ABRINDO  
O LIVRO  
DO PASSADO**

**CRISTINO PIMENTEL**

**ABRINDO  
O LIVRO  
DO PASSADO**



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

R672 Pimentel, Cristino.

Abrindo o livro do passado / Cristino Pimentel. – 2. ed. –  
Campina Grande: EDUEFCG; 2011.  
168 p.

ISBN: 978-85-8001-023-7

1. História. 2. História da Paraíba. 3. História de Campina Grande.  
4. Crônicas. I. Título.

CDU- 94(813.3)

*Aos meus mestres mudos:*

## **Os livros**

*Literários, Poéticos, Filosóficos, Biográficos  
são vulto de Respeito*

*À minha amada mãe*

**Maria Geogina Pimentel**

*À minha dedicada esposa*

**Honorina Câmara Pimentel**

*Ao livreiro poeta*

**José C. Pedrosa**

*Força intelectualizada,*

*rei do livro no Nordeste,*

*que concorre para a cultura*

*de Campina Grande*



Praça do algodão - 1915 Hoje Rua Marquez do Herval

## ÍNDICE

1 - João Mendes de Souza	11
2 - Major Fuça	17
3 - Como o destino brinca com a gente	21
4 - Rua Maciel Pinheiro	25
5 - Rua do Açude Novo	29
6 - A Rua Afonso Campos	34
7 - "Futrica é governador"	39
8 - Amélia de "Serrote"	45
9 - De casa do "emboca" a rua do "emboca"	50
10 - Cicero Campina	53
11 - Professor Capiba	56
12 - Caminho do Açude Novo	59
13 - Antonio Telha, o poeta	62
14 - A voz das cousas	71
15 - Tempo bom! tempo de Deus!	75
16 - O boi de "seu" Martiliano Bispo	80
17 - À guisa de conto	83
18 - Rua Monsenhor Sales	87
19 - Dr. Luis Gomes da Silva	90
20 - O enterro do carroceiro Zé 14	95
21 - Cobra água -	98
22 - Estevam Charutão	101
23 - A Rua Venâncio Neiva	104
24 - Dois poetas que vivem no esquecimento	108
25 - Lembrando meu avô	121
26 - D. Cosminha e Prof. Balbino	127
27 - A feira do bicho careta	130
28 - A tenda do Mestre Honório	134
29 - O negro Manoel Maria	137
30 - "1910..."	141
31 - Em tudo o destino... como nasceu "A Fruteira"	144
Cristino Pimentel - vida e Obra	159

## IMPLORAÇÃO

*Eis-me, mais uma vez, em palpos de aranha, em oferecendo aos leitores e aos meus amigos um mel de furo, daqueles que enjoam pelo cheiro e pelo paladar. Estou lançando ao público o meu terceiro livro, tem um título até bonito, parece que escolhido para causar efeito, ABRINDO O livro do passado.*

*Disse alguém que recordar é viver. Não tenho bem na lembrança qual tenha sido o pensador, talvez Júlio Dantas; mas Júlio Dantas ou outro, disse uma verdade.*

*Quando o nosso espírito, pelos fios maravilhosos do pensamento, abre o livro do passado e lhe vira as páginas, o que sente o nosso coração?, o inefável da saudade e, também, a dor da pena, quando a página foi, de fato, vivida, e a sua imagem ficou, como um raio de sol de primavera, no fundo do nosso peito, bem retratadazinha, bem guardadazinha, bem gravadazinha, que causa gosto levantar, sempre que se tenha oportunidade, para uma alegria, embora ilusória.*

*Entrego o meu livro ABRINDO O LIVRO DO PASSADO aos críticos e àqueles que apreciam ler uma página onde não haja primores de linguagem, mas exista clareza, fulgores de pensamento, ideia e gosto de narração.*

*Não posso afirmar que ABRINDO O LIVRO DO PASSADO seja uma produção onde o pensamento, a imagem, a frase saltem perfeitos, limados - em bom relevo, não: a oficina de onde ele saiu pobrecoitada, de instrumentos e de um bom sistema de calor -, assemelha-se a uma banquinha de sapateiro, onde a brocha, o prego de salto, o pedaço de sola, o trapo de lixa, a faca de aparar se misturam, dificultando o trabalho do artista, que conta apenas com a coragem do seu espírito.*

*Em todas as festas da inteligência humana e em todos os momentos em que o talento se mostra, mesmo sem o lavor que o alcandora,*

*há sempre motivo de vaidade, e eu não fujo a esse estado, pois, dos muitos que se lançam no campo da publicidade, seja um mestre ou seja um principiante, alguns merecem desculpas, e é, justamente, o que implora o meu limitado espírito.*

*Assim, peguem, tomem do meu livro, e não tenham pejo em empurrá-lo para lá, como se faz com a chávena de chá de mau sabor... se não valer a pena de ser lido.*

## 1 - JOÃO MENDES DE SOUSA

Ainda o sol do dia 8 de agosto de 1949 não se havia derramado pelo casario da cidade, já corria, célere, a notícia da morte de João Mendes de Sousa, hóspede voluntário do Asilo de Mendicidade São Vicente de Paula.

Fora verdade. Morrera debaixo de um teto de caridade, onde a dor encontra o seu óleo próprio, a mágoa física o seu remédio pronto, e a dor da alma, que é a maior e a que mais maltrata a gente, tem o alívio, que consola e torna em aleluia as noites escuras da vida. Naquela casa santa se tocam o útil e o belo, aliviando dores, enchendo de esperança corações descrentes.

João Mendes trazia no peito essas três companheiras do homem que luta contra o destino: a dor, a decepção e a descrença. Onde se recolhera, para não mais tomar parte dos festins do mundo, achou amparo e remédio para os seus males. Viveu o seu resto de vida recolhido e esquecendo o que, no círculo da hipocrisia, colhera de amargo entre as caretas humanas. Sim, porque o que vemos e o que assistimos por toda parte onde esteja presente a máscara humana, nesta hora de materialismo maluco e entontecedor, é o menosprezo pelos que padecem, pelos que, desgraçadamente, vivem pelas ruas, ao sol e à chuva, arrastando-se sem arrimo. Juntem-se a estes os que se deixam levar pelo encanto feiticeiro das colombinas devassas, pelos tentadores acenos do vício. Desgraçado daquele que pender para esse lado escuro da vida. Ficará sem amigos, sem moral: sua existência tornar-se-á num amargo ranger, deixará de ser tratado como um homem, transformar-se-á num pária, e a sua alma, que não morre, nunca mais saberá o que é primavera, e o tédio o matará.

João Mendes conheceu, em tempo, que uma grande tormenta vinha vindo, no poente, para envolvê-lo; que algo de fatal o arrastava para uma ladeira sem Deus, para um abismo de onde não poderia sair nunca mais, abismo onde a prece é uma praga e o grito do coração ferido não encontra eco.

O pensamento vivo de Romain Rolland é que “O raio cai onde quer. Mas os cumes o atraem. Certas almas são ninhos de tormenta; elas as criam ou aspiram de todos os pontos do horizonte; e, do mesmo modo que certos meses do ano, certas épocas da vida estão de tal modo saturadas de electricidade que os raios fuzilam senão à vontade - pelo menos na hora esperada”. João Mendes sentiu isto, e sentiu como um condenado à morte sente se aproximar a hora da execução.

É sombrio todo o mal que vem de fora para dentro. “E é feliz quem impele a alma para a frente e a treva para trás”. Recolheu-se ao Asilo São Vicente de Paula para viver o resto dos seus dias longe dos maus, dos olhares curiosos e de ironia dos amigos que se afastaram, mas próximo da bondade das santas religiosas que dirigem aquela casa de amor. Renunciando a toda espécie de ventura que ainda viesse lhe doirar os dias futuros. Homem de espírito, inteligente, poeta, arrependido do lodo que atraiu para si, alcançou a inutilidade a que poderia chegar; entregou-se, vencido, ao Destino e ali ficou até ao derradeiro dia de sua atribulada vida.

A religião cristã nos incute que o sofrimento é um prêmio de Deus, para que a alma se encha de graças no céu. Creio. O pensamento é força, e força criadora, que eleva o espírito e dá ao homem a coragem de lutar, e até de morrer contente. João Mendes sofreu, sofreu como ninguém, mais do que a sua adorada esposa, que, doente, vendo em tudo um contato mau, arrasta uma vida de dor, agora mais do que nunca, porque partiu para o além o peito amigo que viveu ao seu lado em todos os momentos de angústia, dando-lhe o conforto da sua palavra repassada de carinho.

Apagou-se-lhe a esperança. Agora, sobrepondo-se ao tormento da sua doença, está a hegrura da viuvez. O ferro que corta, a chama que queima, o raio que fere, não dói mais que um golpe assim. Para a dor causada pelo ferro há recurso; para a queimadura há bálsamo e contra o raio há abrigo. Só não há, porém, consolo para uma viúva doente. Destino doloroso! João Mendes passou, de verdade, por provações terríveis, mas veio a morte e o livrou do martírio. A sua pobre Marieta continua viva, sem nenhuma esperança de cura e felicidade. Ficaram-lhe os filhos por amparo. Mas o filho, por muito dedicado que ele seja, não se compara nunca com o orvalho de uma palavra branda, de um carinho bom que o esposo derrama no coração da companheira.

Foi para ela que a sua alma de poeta em pranto falou neste soneto, numa hora de silêncio e de saudade, num momento de insônia e de lento padecer:

## AUSENTE

No isolamento em que me sinto agora  
Sofro a angústia mortal de um torturado..  
Um saibro amargo de ânsia e de pecado  
Morde-me a carne e a mente me desdora.

Treva profunda. E, se trouxesse a aurora  
Um lenitivo à dor do atribulado?..  
Mas, não! sinto-me à mágoa acorrentado  
E a luz sorri, enquanto esta alma chora.

Fique-me a treva imensa em que me acoite,  
Mas que fuja ao meu peito a infinda noite  
Da saudade, que punge e me apunhala...

Que a sua ausência nunca mais me doa  
E que jamais eu viva assim à toa  
Sem ver-lhe o rosto e sem ouvir-lhe a fala...

E foi assim, coitado, que a morte, a amiga que chega sempre na hora própria dos desconsolados, deu-lhe o abraço fatal e o conduziu para o mundo desconhecido dos homens, onde o orgulho da fortuna, o brilho do ouro, o calor dos exaltados e a vaidade dos nulos chegam ao termo. Morreu sem ver o rosto nem ouvir a fala daquela que era o pão do seu pensamento, a comunhão do seu espírito. Quem sabe lá se não foi esta a sua maior angústia!

Levamos à sua sepultura humilde as nossas lágrimas e as flores da nossa piedade, pois muito sofreu entre os vivos, ensurdinando os seus gemidos, escondendo o cálix de fel, que provava com estoica resignação. Não sabemos de onde vimos, muito menos para onde marchamos. O destino torna-se, às vezes, cruel, mas, se temos na alma alguma reserva daquilo que levou Jesus ao monte do Calvário, enfrentamo-lo como o rochedo às vagas, certos, porém,

de que é dele a última cartada.

Vida, vida humana, nada és sem Deus!

João Mendes de Sousa possuía talento. Quando aqui chegou em 1918 como guarda-livros, vindo do Recife, seu espírito enriqueceu o meio intelectualizado da cidade, e era um prazer conversar com ele. Sua prosa encantava, via-se que era instruído e espirituoso, entre o sério e o gaiato, riso franco, e era prestativo. Tipo elegante e atraente, de porte um tanto soberbo, tinha o dom de fazer-se notado. Guarda-livros, contador, poeta e também jornalista. A essas qualidades primordiais do espírito juntava-se a de boêmio comedido, lado fraco que o destino soube aproveitar para fazê-lo sofrer. O Almanaque de Campina Grande, editado em 1934 pelo poeta Euclides Vilar, de saudosa memória, inseriu alguns dos seus sonetos, entre os quais estava este:

## TEUS SEIOS

Sob as rendas de seda transparentes  
Do teu corpete róseo e delicado,  
Tremem teus seios mornos, pubescentes,  
Num ritmo senhoril descompassado...

Os teus seios são duas inocentes  
Aves do amor. Ah! se me fora dado,  
Eu quisera feri-los nos meus dentes  
Como o fez Eva ao fruto do pecado.

E, embora como um réprobo, maldito,  
Deus me expulsasse, irado, do Infinito  
Do seu amor, tão grande e tão profundo,

Eu seria feliz, pois nos teus seios,  
Que de prazer estuam nos anseios,  
Vibra outro amor mais alto e mais fecundo.

João Mendes era organizador, vontadoso. Como poeta e cronista colaborou nos jornais que circulavam periodicamente na cidade. Em 1925, organizou e deu à publicidade o Anuário de Campina Grande, prestando um grande serviço às letras campinenses e à

cidade, que adotou como sua. Nesse seu livro, que foi um dos mais bem orientados e completos da época, até agora não suplantado por nenhum outro, João Mendes ressaltou admiravelmente a vida comercial, social e política de Campina Grande, destacando-se a sua apreciação sobre os homens de fora que nela se radicaram e se diferenciaram pelo brilho intelectual e moral, e pela posição que cada um ocupava na sociedade contemporânea, sem se salientarem nem se vangloriar, possuindo talento bastante para assim fazê-lo. Nessa sua obra literária, que atravessou, vai atravessando e atravessará sempre os tempos como a melhor no gênero, focalizou brilhantemente a fundação da cidade, que começou com o aldeamento em 1697 de uma tribo de índios cariris, trazida por Teodósio de Oliveira Ledo. Adiante destacou as personalidades de Cristiano Lauritzen, Monsenhor Sales, Lino Gomes da Silva, Dr. Afonso Campos, Cel. Lourenço Porto, Professor Clementino Procópio, Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo, e homenageou os vultos de Sólon de Lucena, chefe do partido Epitacista na Paraíba, Dr. João Suassuna, presidente do Estado, o Prefeito Ernâni Lauritzen e o valoroso caudilho Dr. Generino Maciel, que foi deputado estadual, anos depois tangido pelo destino para as plagas paraenses, onde morreu em 1943 como membro catedrático da Faculdade de Direito de Belém.

Se é certa a filosofia de que - quem, publicando um livro, planta uma árvore e deixa filhos no mundo - não morre, João Mendes de Sousa está vivo, e não desaparecerá jamais, quando se folhear o Anuário de Campina Grande, se apertarem as mãos de seus filhos e se recorrer à história da vida social da “formosa Princesa da Borborema”, onde brilham tantos espíritos e fervilham alguns aventureiros da política e do comércio, aqueles encantando-a pela inteligência, estes malfadando-a pela baixa ambição.

Fazendo essa lembrança da vida de João Mendes, ABRINDO O LIVRO DO PASSADO presta-lhe esse preito de homenagem, para que sua lembrança não desapareça e o seu espírito continue vivo em Campina Grande.



Fachada da A Fruteira. - 1928 - 1953

## 2 - MAJOR "FUÇA"

O tempo, como a vida, passa rápido, basta que não nos preocupemos com ele. Os prisioneiros, os que gemem continuamente e aqueles que são portadores de algum mal incurável, e que lhes causa insônia, são os que acham o quanto é agro e demorado o passo do tempo. É isto muito natural, porque, às vezes, criaturas sem ocupação e sem entretenimento vivem, coitadas, a contar as horas e a sentir o peso dos dias e dos anos, até que lhes chegue o momento derradeiro, cessando aí todos seus tormentos.

Os que gozam saúde, vigorosos, movimentando-se para aqui e para acolá, nem pensam no tempo, e, quando menos esperam, lá se foram os anos com as suas ilusões e os seus iludimentos para servirem de gozos puramente vaidosos. E é só, então, que começam a recordar e a sentir: *Menino, como estou envelhecendo! Como correu o tempo! Bem que eu sentia a fuga das minhas ilusões... Minha barba está branca, minha cabeça está prateada... Agora trabalho e me enfado... ando e o corpo me dói!*

E em tudo uma saudade...

Bem se exprimiu o poeta popular Antônio Pereira:

- Saudade é a borboleta  
Que não conhece a idade,  
Voando, vai lá, vem cá,  
Misteriosa a vontade;  
Soltando pelo das asas,  
Cegando a humanidade!

- Saudade é como cobreiro  
Desses que sai na cintura;  
Saudade é como lanceta  
No peito da criatura;  
Tocou no gume, se corta,  
Tocou na ponta, se fura!

E a borboleta da vida vai voando e dentro da gente o desejo que ela pare.

É mesmo assim. Cada dia traz uma lição. E o tempo, inexorável, vai fazendo da gente um frangalho humano sem que o percebamos senão quando notamos as rugas do rosto, a vista diminuindo, o reumatismo chegando, o cansaço na alma, e o coração, sede dos sonhos, começando a enfraquecer e a ter palpitações constantes, obrigando-nos a encolher na cama com o peito a doer de angina.

Lembro-me que há 40 anos passados, nas ruas da Estação e dos Armazéns, hoje Irineu Jófili e Marquês do Herval, respectivamente, com garotos do meu tempo, Leônidas Barbosa, João Figueiredo, Argemiro Figueiredo, Biu Matias, Anézio Leão, Inácio Leão, Euclides Leão, Sílvio Carvalho e tantos outros peraltas, brincávamos de “Toca”, de “Esconder”, de “Manjim-Manjão”, por cima dos grandes lotes de sacas de algodão, que “seu” Zumba Monteiro, cel. Salvino, cel. Demóstenes, Joaquim Vigolvino e o Dr. Virgílio Maracajá mandavam acumular nas ruas por falta de depósitos.

Nesse bom tempo, em que os sertanejos, confiantes, entravam com os seus comboios de lã e os entregavam aos compradores para pesar, não havia departamentos nem incêndios, porque não existiam seguros contra acidentes... Uma coisa se fazia notar: o critério, à sombra do qual dormiam, tranquilos, os produtores da preciosa malvacea. Tudo mudou com o correr do tempo. As sacas de algodão hoje em dia se estendem em algumas calçadas para as “facadas” do Departamento e, à noite, não se vê uma só na rua. Como as donzelas daquele tempo, são trancadas a “sete chaves”, em armazéns babilônicos de cimento armado com portas de ferro. Ainda assim o fogo encontra brecha e acaba com tudo lá dentro.

Desse tempo de folguedos, tenho saudade das peraltagens e dos insultos sem maldade, que fazíamos aos velhos portadores de apelidos: Major “Fuça”, apelido de Manoel Fabrício da Costa; Inácio Que Esporou a Mãe; Lamparina, que mordida como um cachorro danado; o cego Couro Grosso; Gardinin; Jacinta Buche Quebrado; Nequinho de Licurgo; Inácio Manta e tantos outros infelizes, marcados com a flor de lis do sofrimento. Major “Fuça” era um negro velho magro, olhos vivos e pequenos, curvado pelo peso dos anos e pelas muletas em que andava apoiado, ainda com um braço na tipoia, quebrado por um neto, negro mau que deve andar vagando pelo mundo purgando os pecados como um ruim pagador de

bodega. O coitado do velho, encascado nos seus noventa anos, mesmo assim fazia graças, gargalhava, sem dentes mastigava bolaria fazendo caretas. Quando os “moleques” lhe chamavam do Major “Fuça”, ele repelia assim: “menino, moleque e nego são três pedas imorais, dizia meu pai! Se uma mulata bonita lhe fazia uma graça ou indiferente passava por ele, Major “Fuça” avivava os olhos, botava a pala do boné para trás, quando não o jogava no chão, passava a mão do bigode para o queixo, dava uma gargalhada e caía de costas, rolando no chão, no movimento do verme que luta para amar e viver.

Conheci muito o Major “Fuça”. Era meu vizinho. Morava na Rua do Açude Novo, num rancho de palha, erguido por trás da casa de dona Sinhá Bandeira, vizinho a um pequeno sítio que existiu onde hoje se ergue a Igreja Evangélica, na atual Rua 13 de Maio, antiga Rua do Fogo, e, depois de 1847, Rua do Açude Novo, quando foi construída a bacia que hoje se vê com o balde calçado e com uma balastrada construída pelo prefeito mais pecador e industrial que Campina já teve, o Dr. Plínio Lemos.

O tempo levou Major “Fuça” e o sítio de dona Sinhá Bandeira, e a casinha baixa onde trabalhei de ferreiro com Manoel Grosso, batedor de facas.

Major “Fuça” viveu 112 anos. Da sua mocidade nada se sabe, nem um traço sequer. Negro, e demais infeliz, naturalmente foi cativo. Morreu, como morrem as velhas árvores, ignorado.

Tocar em uma chaga é fazê-la sangrar. Lembrar um passado feliz é avivar a saudade daquilo que está dentro de nós, guardado; um quadro, um encontro, um beijo, uma cantiga, a música de um andar, um toque medroso de mão, um cantinho onde brincamos. Então somos Humberto de Campos, despedindo-se do seu cajueiro em Parnaíba e, mais tarde, em São Luiz, comendo o doce dos seus frutos deliciosos feitos por sua mãe.

Foi lendo uma carta do meu amigo de infância, Leônidas Barbosa, residente em Los Angeles, que me veio à lembrança o passado do negro velho Major “Fuça”. “Achei interessante as suas reminiscências sobre o velho Major ‘Fuça’ provocadas pela minha carta”, disse Leônidas. E mais: “Agradeço as gentis referências feitas ao meu velho (seu pai, cel. Demóstenes Barbosa) que, apesar de ignorado aí, muito contribuiu para o desenvolvimento comercial de Campina, tornando-a conhecida e acatada nos mercados

mundiais, talvez você não esteja a par do que foi o seu humilde criado que introduziu os algodões seridó nos mercados ingleses, os quais consumiam o artigo considerando-o, porém, de procedência de Pernambuco onde os embarques eram efetuados”.

Pai e filho, um jaz no seio profundo da terra; o outro mora em Los Angeles. Ambos, de excelentes mãos, dedicados às coisas do comércio de Campina Grande. O filho, lá fora, com o espírito, não esquecendo a terra querida; o pai, quando vivo, lutando pela vida, pontual e honesto, legando à família um patrimônio moral e econômico que honra qualquer clã bem constituído.

O abraço daqui, como se fôssemos os mesmos garotos de 1910, as mesmas crianças brincando de “Toca” nos montões de sacas de algodão seridó do seu velho - baraúna que o machado do tempo só conseguiu abater em 1952.



Vila Nova da Rainha - A cerca marca o terreno da Maternidade Municipal - 1948

### 3 - COMO O DESTINO BRINCA COM A GENTE

Na penosa estrada da vida do necessitado, da vida cheia de espinhos do pobre, encontramos criaturas que trazem no rosto a marca da luta nobre em que se empenharam, em que sentiram descer pelo corpo as bagas de suor deixando os traços salgados pelas rugas dos braços cansados.

São muitas as feridas que o sofrer constante deixa no homem que abraça com denodo e força de vontade a luta pela vida e não recolhe, no fim da jornada, uma só gota do elixir consolador do seu ideal. Os quadros de infortúnio que testemunhamos, por onde quer que andemos, são tocantes e o número dos sem ventura é desproporcional.

Puriton, um grande moralista da Norte América, disse: "A vida se torna pior que um deserto, quando vemos desfeitos os nossos sonhos queridos".

Dentro do quadrado onde se movimenta e sofre a vida anônima, onde um incontável número de criaturas se movimenta sem sorte e se empenha numa luta incessante para atingir um ponto feliz - ponto quanto mais cobiçado tanto mais difícil de ser alcançado - desenvolvem-se dramas tocantes que fazem chorar a alma da gente, neste século de materialismo sem par, onde as competições desiguais, cheias de inveja, não deixam que o espírito repouse, coisa que todo mundo almeja, mas só os filósofos alcançam. No mundo dos venturosos se desconhece como se processa a combustão da vida sem conforto, atingida pelas doenças, morrendo-se pelas calçadas, como sucedeu com um negro velho, chagado, sem família, sem casa, sem proteção, que caiu para morrer na porta do "Campina Hotel", hoje "Hotel Magestic", na noite do dia 31 de julho de 1944. Grande número de pessoas presenciou esse drama. O corpo do pobre homem foi conduzido, já fedendo, para o quadrado da igualdade, lugar comum, que guarda a todos sem distinguir cor nem traje, se é grande ou pequeno, se manda ou se é mandado nesse mundo de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o

destino... Creio num poder que traça a marcha das criaturas na terra. Quando somos lançados no mundo, banhados de mil esperanças, ignoramos o ponto que teremos de atingir e onde parar. Consoladora ignorância! Crescemos, trabalhamos, sonhamos, temos ambições, e dia e noite "não cessa o forno do nosso pensamento cozinhando os tijolos dos nossos castelos". Somos Cristo, pregando a paz entre os homens; Lavoisier, descobrindo o oxigênio; São Francisco Xavier, percorrendo as Índias com o Evangelho nas mãos; Palyse, esmaltando a louça; Lesseps, construindo o Canal de Suez, enfim o conde Bernadotte, apaziguando os judeus, assassinado em Jerusalém, quando tentava salvar aquela orgulhosa gente da fogueira da guerra.

Nenhuma luta se apresenta tão bonita para o homem, mas, forte para o espírito, como a luta pela vida. A fé na vitória que enche o peito de um lutador convence-o de que sua marcha é a de todos que têm como agulha apontando o seu Norte, o dever do trabalho, se sonha, de fato, ser um homem de bem. Traça o seu castelo, e no erguer das paredes, das tesouras da coberta, na ação da desempoladeira, alisando e aperfeiçoando os rebocos, põe toda a sua confiança. Mas, eis que uma tesoura afraca, as paredes do castelo se fendem, os tijolos se desagregam e tudo se desmorona, reduzindo a escombros o que, à força de vontade, o homem construíra, pensando numa vida rica e no conforto que lhe chegaria a casa, melhorando-lhe a existência.

Qual o motivo da queda? Por que fenderam as paredes? Não o sabe ninguém.

E o homem, cheio de novas esperanças, prossegue na luta. Novos esforços. Trabalhos mais árduos. Reforços de energias. E, depois de tanto labor, de tanto titanismo, quando já o balão se enchia de gás para o voo desejado, uma explosão o reduz a fumo e a pedaços.

Qual a causa do desastre? Por que o balão não subiu para felicidade do trabalhador? Ninguém atina.

O homem, ainda confiante no poder da sua vontade, põe em ação novas forças. Remove os escombros e com coragem enceta nova tarefa para realizar o seu sonho de fortuna. Mas, eis que o seu corpo reclama repouso; seu espírito se estafa e pede tranquilidade; seu cérebro já não dispõe de reserva de fósforo; os seus músculos estão lassos; o seu coração cansou e os cabelos bran-

cos lhe alcançaram a cabeça, onde os sonhos tiveram um ninho quente, as ideias nasciam robustas, e os cálculos vinham fáceis, como as águas que afluem dos cumes das serras. E o homem luta. E o homem trabalha, agora sem mais aquele ardor dos primeiros anos, porque os insucessos transformaram a sua natureza e o pessimismo lhe tomou conta da alma e o desencorajou, tornando-o submisso à destra do destino. Entregou os pontos. Formiga que cansou com o peso da barata. Sua vontade já não tem aquela rijeza de outrora, suas mãos, cheias de calos, tremem e vacilam, sem mais aquela força de torquês removendo os pregos do sapato, que solou para a caminhada. Compreendeu que é inútil ter birras com o destino. Modera a marcha da vida e espera pelo que há de vir. Com o dissabor de tanto ter lutado e não ter conseguido passar a perna na sorte.

Conheci um homem que era rijo de vontade e trabalhava como um marinho que enfrenta uma borrasca em alto mar. Esforçava-se como um dono de tarefa, que não olha para trás, sem se incomodar com o suor que lhe cai do rosto e lhe molha o peito da camisa. Esse homem, cujo corpo a terra recolheu desde 1941, contando 58 anos de idade, foi professor, maleiro, empregado no comércio, guarda-livros, comerciante, industrial e praticante. O destino o jogou de novo na arte, de onde saiu mais cansado. Arrancou-o ainda do ofício de maleiro para fazê-lo funcionário da Polícia, de onde o tirou o governo que substituiu o Dr. Argemiro de Figueiredo em 1939. Fui seu aluno. Morava na mesma rua em que eu moro, Rua do Açude Novo (13 de Maio) de onde o arrancou a morte, não de esmola, mas pobre, deixando oito filhos e a companheira doente.

Chamou-se, em vida, esse homem, Chateaubriand Williams Guedes, conhecido por Chatú. Dotado de coragem para a peleja da vida, era e foi fiel aos seus ideais políticos, que o levaram, depois dos empurrões do destino, a um emprego inseguro, dado de mão encolhida, como prêmio às perseguições que sofrera, como eleitor que sempre fora da oposição. Logo que fora demitido do cargo de escrivão da Polícia, atacou-o um forte traumatismo moral. Fugiu-lhe o ritmo do coração. Fraquejaram-se-lhe as pernas de nordestino da gema. Seu físico foi definhando, afracando como uma planta cuja raiz mestra secasse. Ficou indiferente a tudo, e na noite do dia 1o de julho de 1941, com o pensamento voltado para Deus, ajoelhou-se diante do seu oratório, orando aos santos da sua fé, e voltando os olhos para a sua mulher enferma, disse: “Minha

velha, vou morrer!...” Recomendou os filhos à companheira dedicada, deitou-se contrito e, com o corpo exausto de tanto sofrer, em poucos minutos entregava a alma a Deus, vencido pelo tacão forte do mau fado que sempre o acompanhara.

Eis como o destino brinca com a gente!

Tudo causa. Tudo passa. Tudo chega a um fim, a um nada. Que se lute cheio de fé, que se trabalhe sofrendo...

Nem sempre a vida é bondosa,  
Para quem vive a lutar,  
Também no caule da rosa  
Tem um espinho a furar...

E sem lutar ninguém colhe  
Os doces frutos da vida.  
Quem luta sempre recolhe  
Desgostos, mágoas, feridas...



Vista parcial das Ruas Afonso Campos e Vila Nova da Rainha em 1920

## 4 - RUA MACIEL PINHEIRO

As ruas mudam de aspecto, como os homens, de resolução. Como estes, elas têm suas chagas de coração. Não há uma só rua em Campina Grande que não tenha mudado de roupagem com o surto do progresso que a vem transformando desde 1939, época do seu saneamento. Os bairros que surgiram, com o aumento da população, com ruas largas e construções modernas, como os da “Conceição”, “40”, “Tambor” e “Liberdade”, este estendendo-se até quase “Três Irmãos”, “Alto do Seixo” e “Cruzeiro”.

A Rua Maciel Pinheiro, que trago para esta página de saudade, salta à nossa vista como um rasgão de fogo divino em noite de inverno forte. Toda assobradada, embora com iluminação insuficiente e mal disposta, nela a reforma foi total, pouco ou quase nada restando do seu aspecto primitivo. Sempre foi a preferida para os divertimentos da população, agora com mais razão depois que o Progresso lhe tirou o roupão de brim ordinário e vestiu-lhe um rico jaquetão de linho bem talhado. Nessa rua, menino, assisti a cavalhadas, “topadas de boi”, entrudos, feiras, cinemas, e até tiroteios em tempo de eleição. Os seus dois primeiros cinemas foram o “Apolo” e o “Fox”. O primeiro, frequentado pelas famílias governistas; o segundo, pelos elementos da oposição. O “Apolo” surgiu com o arrasamento do Comércio Novo; o “Fox”, em substituição à casinha baixa, de beira e bica, onde morava dona Chiquinha Machado, viúva do sr. Francisco Machado Carneiro Rios, pais da senhorita Severino Machado Carneiro Rios, residente no sítio Cumbe, deste município. Vizinha a essa casa era a residência do sr. Frederico Gil, amestrador de cavalos, que diziam ser coiteiro de Antônio Silvino. Era uma casa recuada, com um pequeno sítio, com vazante de capim e uma estribaria onde se amarravam cavalos nos dias de feira. Os seus limites confinavam com a Rua José Precipício, chamada hoje Venâncio Neiva, que dava para a “Caixa de Fósforo”, de Vicente Alvião, um arruado de casinhas baixas, nas imediações da atual Rua Vidal de Negreiros. Com o correr dos anos desapareceu a “Caixa de Fósforo” e o depósito de lixo que a Prefei-

tura fazia ali. No sítio de Frederico foi construída a célebre “Casa Rossbach”, mais tarde substituída pelo atual Centro de Saúde. A “Rossbach” era compradora de couros frescos, que eram estendidos por toda a área, atraindo os urubus com o seu mau cheiro, o que motivou, mas tarde, a sua retirada.

Aqui estão alguns nomes que teve a Maciel Pinheiro: “Rua Grande”, “Rua da Feira”, “Rua das Gameleiras”, e até “Praça Epi-tácio Pessoa”. Esse último nome veio depois que o então prefeito Ernâni Lauritzen fizera uma excursão pelo sertão, com o historiô-grafo campinense Dr. Hortênsio Sousa Ribeiro, angariando donati-vos para erguer um monumento ao grande paraibano Dr. Epi-tácio Pessoa. A praça chegou a ser preparada, arborizada, etc. A base foi construída de rocha, encimada com um bonito bloco polido a cinzel, para receber o busto do jurista e senador. Foi uma pena o não ter sido erguido esse monumento, pois Epi-tácio Pessoa foi o maior vulto que a Paraíba possuiu.

As pedras polidas, depois de rolares à toa por diversos cantos, foram aproveitadas, pelo prefeito Bento de Figueiredo, que em 1940 erguera um monumento ao Escravo Desconhecido, na Rua 13 de Maio, que foi apelidada de “Praça Relâmpago” por ter sido construída e inaugurada em menos de uma semana. Essa praça teve mau começo e péssimo fim: foi arrasada e seu terreno cedido a um particular, na gestão do Dr. Severino Gomes Procópio, em 1947.

Na grande reforma, que mudou totalmente o aspecto da Maciel Pinheiro, assobradando-a e dando-lhe novo alinhamento, feito pelo prefeito Wergniaud Wanderley, a praça desapareceu, e os blocos do monumento foram atirados no “Beco do Mijo”, onde teve começo a atual Rua Venâncio Neiva, que se prolonga até alcançar a da Independência. As pedras, que tiveram a sorte de judeu errante, foram, depois, jogadas, nos muros da Usina de Luz, onde se encontram esperando uma nova remoção para outro destino. E assim Epi-tácio Pessoa ficou sem o seu monumento na terra que lhe serviu de refúgio quando sofreu as perseguições de Floriano Peixoto. O que acontecia de alegre em Campina Grande, a Rua Maciel Pinheiro era testemunha. Procissões, retretas, cinemas, carnaval e tudo enfim que servia de divertimento social.

Cristiano Lauritzen, Floripes Coutinho e Dr. Severino Procópio conduziram por essa rua, em grandes cortejos cívicos, seus bandos

de eleitores para o exercício do voto no Conselho Municipal. O pleito de 1915 ficou célebre na crônica da cidade. Houve tiros e correrias. Nessa eleição, como em outras, até defuntos votaram, o que ainda hoje acontece apesar do voto secreto. Há quem não ame o progresso, quem censure a civilização. É o mesmo que fechar os olhos à luz do alfabeto.

E as cavalhadas? E os esquipadores de cavalos? Neco Belo, Zeferino, Zé Bernardino, José Patrício, “seu” Zé Cassimiro, capitão Ricardo, Honorato dos Reis e outros levantavam nuvens de poeira na rua sem calçamento, correndo nos seus cavalos, fazendo volta pelas gameleiras.

As vendas de Tito Sodré, de Ildefonso Souto, de João Ribeiro; as padarias do cel. Probo, major Padeiro, Neco Xavier e Neco Belo, cheias de gente humilde prosando e bebendo cachaça. José Camelo, Nequinho de Licurgo, Pedro Maranhão, Inácio Manta, Fortunato, Jacinta Preta, Cobra D’água, Lamparinã, Severino Bispo, João Doido, Couro Grosso, Zé Congo e Bento Lopes, todos fregueses da venda do major Tito, que nunca estava vazia e chamava-se “o Amigo do Povo”. Era uma espécie de quartel general dos desgraçados, que afogavam na aguardente as mágoas que traziam no peito. E “seu” Tito, bom, paciente, brincava com todos e os consolava. Gostava também de um aperitivo forte, só se excedendo no carnaval. Contam dele que, no carnaval de 1911, brincou tanto de entrudo e bebeu tanto que esquecera ter terminado o carnaval, e na quarta-feira de cinzas, sem máscara, com voz de papangu, na porta do seu estabelecimento, perguntava a quem chegava: “Você me conhece?”

Um fato interessante registrou-se nessa rua, num dia de “Topa Boi”. A Maciel Pinheiro, cheia de gente. Um curral armado e dentro um touro bravo, que havia de ser “topado” pelo negro Cambraia, exímio nesse gênero de luta. Se achava no local o negro José Congo, bebedor de aguardente. Francisco Afonso, vulgo Perua Preta, dono da “Loja da Lua”, que passava por doido, mas era somente engraçado, abeira-se do negro e o convence de que devia topar o “boi”. O negro, um tanto esquentado, “comeu a corda” e saltou dentro do curral com um pau de carrapateira na mão. Espanto geral. O touro, como que sentindo o insulto e querendo apenas assustar o negro, pegou-o com as pontas e jogou-o fora do seu domínio. O negro foi cair no meio da rua. Protegeu-o uma camada grossa de

areia do leito da rua. Levantou-se, sacudiu a roupa, puxou uma faca da cintura e gritou: “apareça o fio da p... qui dixeu que eu sabia topá boi”... O velho Perua Preta escafedeu-se...

A história da Rua Maciel Pinheiro é bastante longa e engraçada, não pode ser contada numa simples crônica. Deixemos que outros se lembrem e, com brilho, relatem tudo que nela tenha ocorrido e ainda venha a ocorrer de bom e de mal, de sério e de engraçado, até aos nossos dias. Não estará longe a época em que outro tome o meu lugar e conte com melhor espírito tudo o que nela aconteça agora e nos anos futuros.



Vista parcial da cidade destacando-se a Matriz (1930)

## 5 - RUA DO AÇUDE NOVO

Quando se é criança, tudo se grava. De quase nada nos esquecemos. A colmeia do cérebro em formação e o espírito em desenvolvimento concorrem para essa agradável situação. Mesmo que só se aprenda no livro magnífico da vida. Com o estirar do corpo chega-se à idade madura, e tudo que se gravou na meninice vem à retina, fácil e claro, como a água da fonte que escorre, silenciosa, por entre pedras ou folhas caídas no chão da mata. E a memória nos transporta como se estivéssemos vivendo os quadros da vida que passou.

Ao lado de minha esposa, que lia Eugênia Grandet, de Balzac, certa tarde, eu revia pela imaginação o que fora a Rua do Açude Novo, de 1901 a 1935. E via perfeitamente os seus sítios, o riacho que corria no leito da rua, o areal, a tenda onde trabalhei de ferreiro, a casa de Sinhá Bandeira, a água furtada da velha Penha, a casinha de mãe Rachel, a parteira dos pobres; o tanque e a casinha de palha onde morava major "Fuça", a casa do capitão Cariri, de "sá" Zefinha Paulo, a escola de dona Ritu, a casa dos "Nova-Seita", transformada hoje em grande templo; a pracinha 13 de Maio, com um monumento erguido ao Escravo Desconhecido, destruído pelo desvario de uma administração inoperante e retrógrada. O monumento, embora sem figuras, lembrava a Abolição da Escravatura em 1888. Foi construído pelo prefeito Bento de Figueiredo. Arrasada a praça, o seu espaço foi ocupado pela residência do comerciante Antônio Francisco da Costa, velho habitante da rua.

Quando meus pais se mudaram da Rua dos Armazéns, a atual Marquês do Herval, foram morar na Rua do Açude Novo que, nesse tempo, era cheia de pequenos sítios. Havia os sítios do "seu" Basílio, de José Rodrigues, Gustavo Lira, Sinhá Bandeira e outros, que o tempo foi arrasando e substituindo por casas de residências humildes.

Nenhuma rua desse tempo foi tão movimentada como a Rua do Açude Novo. Pelo seu leito passavam diariamente grandes com-

boios de lã, vindos do sertão e do cariri, e voltavam pelo mesmo caminho, os burros carregados de gêneros para abastecer as populações longínquas de Batalhão, Monteiro, Patos e outras localidades ainda mais distantes. Os estalos dos relhos como que orquestravam, enchendo a rua de ruídos, como esses modernos batuques musicados de salões de danças. Os matutos traziam grandes carteiras a tiracolo, enfeitadas com estrelas de metal, com as cabeçadas dos muares, guias dos comboios, também cheias de guizos e de emblemas, polidos, figurando pequenos espelhos refletindo os raios solares, chamando a atenção dos passantes, os quais, às vezes, paravam para observar a cadência dos animais amestrados, que apressavam as passadas por conhecerem chegado o fim da caminhada. Nenhuma outra também assistira ao tristonho e degradante espetáculo das “cubas”, carregamento tétrico de excrementos humanos, que os presos, acorrentados, despejavam nas margens do açude potável, o que concorria para o alastramento da bexiga e outros males oriundos da sujeira. O progresso tudo transformou, acabou com as “cubas” e arrasou com a cadeia, pondo em seu lugar a majestosa Praça Clementino Procopio.

Comigo, outras crianças contemplavam, medrosas, esse triste quadro. O nosso medo não era maior do que a nossa curiosidade, defeito das crianças, paixão ou ruindade de alguns velhos e graça das mulheres. De todos os defeitos da mulher, a curiosidade é o que melhor lhe assenta. O drama das “cubas” aterrava e repugnava. A desdita, irmã gêmea da desgraça, comove. Vendo-se passar um bocado de homens acorrentados pela lei, trazendo à cabeça um peso maior em fodor do que aquele que o fez criminoso, arrepia. Felizmente Deus inspira os homens sensíveis para que eles vejam a tetricidade de certas coisas, a prática de certos atos, como o drama das “cubas” e a matança de gado à vista das crianças. Bom é o progresso, boa é a civilização. Estúpida é a ignorância, que não vê a necessidade da mudança das coisas. A mudança das coisas modifica as naturezas e traz melhora para a humanidade. Mudar para melhor deve ser o itinerário de todo o homem de espírito. O mau não continuará de todo mau, se a sociedade o conduzir para o lado claro da compreensão. É verdade que tudo e todos, coisas e seres, são influenciados terrivelmente pelo destino, mas, dentro do espírito da tolerância e da paciência, não há nada que se não modifique. Educar, educar, é a missão do progresso. Quem diz progresso, diz revolução. As revoluções não se fazem só com o poder

dos canhões, fazem-nas também os filósofos com as suas ideias, os pensadores, os moralistas, os reformadores como Rousseau, Diderot, Renan, Emerson, Carlyle e tantos outros, que deixaram no mundo cadernos que serviram, e ainda servem, de guias para reformar a vida humana nos seus desregramentos.

Como um preito de saudade, lembremos os nomes das pessoas que viveram e morreram na Rua do Açude Novo: Damião José Rodrigues, meu avô materno; Crispim Nepomuceno, João Correia, João Galdino, "seu" Graciano, Francisco Gomes, Manoel Estaquilino, capitão Cariri, sargento Jovino Ferreira, Chateaubriand Williams Guedes, Manoel Grosso, Pitão, Francisco França, que, com os filhos, todos músicos, formava uma orquestra que divertia a rua; Sindulfo Montenegro, mestre Teodósio, Francisco Costa, Joaquim Bandeira, Olinto Cordeiro e outros, cujos nomes eram ignorados. Lembro-me de uma luta a cacete, em que se empenharam mestre Teodósio e o mulato Francisco Rosa, devido a um mal entendido surgido entre as duas famílias que, de boa fé, acolheram nos seus corações intrigas nascidas da inveja e do despeito de vizinhos maldizentes. O Diabo teme a cruz de Cristo e foge sempre à sua presença, assim devem proceder os bons vizinhos ao se defrontarem com espíritos intrigantes. O Diabo que conversava com Papini, era demasiadamente gentil e se apresentava corretamente trajado, trazendo as mãos "irrepreensivelmente enluvadas". Relia a Bíblia de quando em quando e a chamava de "Livrinho". Era um tipo melhor, mais sociável e modestamente apresentado, diferente do Mefistófeles de Goethe, que gostava das cortes e se apresentava com grande aparato de fogo, tecendo intrigas e provocando ciúmes. A cautela é dos sábios, evitar o mau vizinho tem qualquer coisa de sabedoria.

A Rua do Açude Novo assistiu rivalidades de ordem religiosa de pegar fogo. Fundaram em 1912 a Igreja Evangélica, e foram seus organizadores "seu" Genésio, Sinfrônio Costa, Olinto Cordeiro, João Canuto, João Galdino, Manoel Albino e outros, todos bons de natureza e crentes no Evangelho. Bem junto à casa em que esses irmãos oravam, morava Sinhá Bandeira, católica praticante e fanática, com um Santo Antônio entronizado, que passava por casamenteiro. A fé no santo de Lisboa nunca arrefeceu nos corações das jovens aspirantes a casamento, por isso muitas visitavam a casa de dona Sinhá Bandeira para rogarem ao santo que lhes mostrasse um noivo, nunca deixando de prendá-lo, e a sua dona,

para obtenção da graça. Como a fé remove montanhas (assim está nos Evangelhos) muitas delas casavam-se atribuindo a graça à intervenção do santo.

Não me sai da lembrança, e a todo momento estou como a escutar, através do fio maravilhoso da recordação, a voz grossa e mal entoada do ferreiro Manoel Grosso, em serenata na porta da sua mulher, depois de uma bebedeira que causou o rompimento, que durou oito dias, num dia de sábado, quando saiu de casa dizendo que ia ao açougue comprar um quilo de fígado para o almoço dos molequinhos, e só voltou 36 horas depois trazendo, de fato, o pedaço de fígado já fedendo. A porta se fechou e o negro velho, bêbedo, teve de amargar o chão duro da tenda fazendo da safra travesseiro. E triste, e triste cantava:

Vem vê Candinha cuma a noite é bela  
E as estrelas cuma briam no céu,  
E a roseira se cobre de ovaio  
Cuma a noiva se cobre cu véu...

A porta tornara-se a abrir no oitavo dia, quando o “cantor apaixonado” comoveu a alma da mulher com essa modinha:

O pobre tem objeto de ouro  
O rico diz que é de cobre,  
No mundo vale quem tem  
Tu me desprezas meu amor  
Porque sou pobre...

Manoel Grosso, nos seus setenta anos de idade, ainda era rijo; morreu no mês de janeiro de 1928. Seu corpo, a terra guarda no seu seio profundo, e sua alma, talvez, paire sobre os mocambos dos filhos assistindo o desconforto dos netos que se estorcem de necessidade sem a esperança de uma vida melhor, porque o seu sangue de negro infeliz deixou neles a tara do sofrimento.

Como a Rua do Açude Novo, muitas outras têm a sua história, o seu passado, o seu drama íntimo, onde o burburinho da vida é como uma fatalidade pesando no ombro de um presidiário político, tangido para ali e para acolá, ora embarcado no porão de um

navio, ora conduzido num automóvel, alta noite, às pancadas, com fome e sede, enfrentando a ira do verdugo que o leva e, por fim, é jogado ao esquecimento, até que Deus se compadeça dele e o chame para o seu reino.



Igreja do Rosário - Demolida - em seu local está o cine Capitólio

## 6 - A RUA AFONSO CAMPOS

Recordar é um movimento do espírito, feito através do cérebro. Pela recordação vivemos, pela recordação sofremos, machucando o espírito, comprimindo-o como o grão de milho entre duas mós. A memória é bem um livro e, quando viramos e reviramos as suas páginas, vemos, nítido, o que a cabeça guardou. De mal ou de bem, de pitoresco ou de árido, de santo ou de bruto, quer de alegre ao coração, quer de torturante para a alma.

Lembro-me do antigo aspecto da Rua do Meio, hoje Afonso Campos; de um lado, casas baixas de beira e bica, com pequenos frontões, vestígios que ainda se encontram, pois o progresso não reformou de todo essa rua; do outro, casas altas, de frontões, construídas em cima da barreira, destacando-se ainda hoje alguns portões pertencentes a residências da Rua da Catedral. Muitas dessas casas conservam os frontões antigos. Para se chegar aos seus batentes galgam-se estreitas escadarias que os proprietários se viram obrigados a construir depois que as picaretas da Prefeitura, em 1935, rebaixaram e nivelaram o leito tortuoso da rua. Era prefeito o Dr. Antônio Pereira Diniz. Essa rua assistiu a espetáculos memoráveis no tempo de eleições. Nela residia o Dr. Afonso Rodrigues Campos, homem erudito, idealista do partido dos Bacuraus, que sonhava tomar o poder e realizar grandes coisas na cidade natal. Nas eleições saía esse chefe à frente de seu eleitorado para o Conselho Municipal, dando vivas ao seu partido e morras aos Conservadores, chefiados pelo “gringo” Cristiano Lauritzen. Vizinhos de Afonso Campos lutavam ao seu lado: Néu Pontes, João Agra, cel. Joca Sá, Neco Luna, Manoel Justino de Farias Leite, Antônio Capoeiro, Pedro Luna, João Porto, Manu Colaço, José Elói, Luiz Cavalcante, José Juvêncio dos Santos, professor Balbino e muitos outros, que formavam a elite da oposição. Muitas vezes ganhavam as eleições, mas nesse tempo não prevalecia o voto popular, se riscava das listas os nomes dos eleitores e os livros eleitorais desapareciam como por encanto, tal e qual como hoje em dia desaparecem dos cofres os dinheiros das autarquias, das caixetas dos correios sem punidade, e às vezes até sem vexames para os culpados.

Mas o “gringo” ficava sempre, governo não perdia eleição. Cristiano Lauritzen era um homem probo e leal, e se esforçava para desenvolver Campina Grande, e pôr fim à onda de crimes. Foi nos auspícios do seu governo que desapareceram as cargas de defuntos que chegavam em redes no Comércio Velho, nas gameleiras da Cadeia, na Sociedade Deus e Caridade. Tanto a Cadeia, como as gameleiras e a Sociedade Deus e Caridade, o progresso arrassou para na área ser construído o Cinema Capitólio. O terreno da cadeia foi ocupado pela Praça Clémentino Procópio, ampliada no governo Elpídio de Almeida com a demolição da Usina de Luz e suas muralhas, serviço que deu ao povo campinense o direito de tomar baforetas de ar confortavelmente sentado em bancos de granito olhando os jactos de luz multicolor da fonte luminosa ali existente, criminosamente esquecida pelo prefeito nefando e impopular que foi o senhor Plínio Lemos, levado ao poder pelo prestígio do Dr. Elpídio de Almeida, que de boa fé o elegeu, e ele, como um Judas, desgraçadamente o traíra.

Não se pode falar na Rua Afonso Campos sem se mencionar que nessa rua tiveram vida o Campinense Clube, a Charanga Afonso Campos, os colégios de Gilberto Leite e Pedro Luna; os jornais a “A Razão” e “A Batalha”, dirigidos por Mauro Luna e Arlindo Correia da Silva. A pena de Mauro Luna, brilhante, cantora da natureza, pena que irradiava poesia, servia a oposição, aos “Bacurus”. A de Arlindo Correia, panfletária, chispante e verrumosa, servia ao povo em geral, com uma grande tendência para o social-comunismo, tendo a ajuda de Izidro Aires, espírito irrequieto e vivo, que ao lado do companheiro Arlindo enchia-se de esperanças, sonhando com as ideias de Rousseau, de Lenine e Carlos Prestes, querendo romper os diques da desgraça que já naquele tempo afetava a vida dos seus conterrâneos com os erros e as incompreensões dos vis exploradores do erário público. O mal tomou e vem tomando proporções espantosas. Se alastrou, se enraizou e se enraiza, como um câncer, e, hoje, com as goelas mais alarguecidas e franqueadas pela impunidade, vão da farsa política às falcatruas e aos esbanjos criminosos, daí, até aos desfalques, sem que a justiça os pegue pela gola e os conduza ao pelourinho da punição.

No colégio do professor Pedro Luna teve lugar o “complot” que roubou a vida do poeta e jornalista José Alves Sobrinho, em 1915. Tomaram parte nesse assassinio Pedro Luna, Isaías Lima, Epitácio Rezende e Cícero Siqueira, vulgo Senhor do Lixo. Descobertos

quando o suposto assassino, João Vermelho, cumpria a sentença a que fora condenado, inocente. Cegou na prisão devido aos maus-tratos que recebera para confessar um crime que não cometera. Entrou para a cadeia artista e saiu mendigo, depois que cumprira dez meses dos trinta anos da pena que lhe fora imposta. Tendo saído cego da prisão, não teve outro meio senão o de recorrer à caridade pública. A quem deveu ele isto? A um erro da justiça. Coisa terrível! Se a justiça erra, se julga com dúvida, se manda um homem para a cadeia sem se aperceber do erro, então que Deus se compadeça da humanidade, porque não tem quem a ampare. A lei deve ser um instrumento de fé, de segurança, reta, de garantia, não só para o próprio Estado mas também para a pessoa física, que, por uma fatalidade, é acusada ou inocentemente condenada por um crime não verdadeiramente esclarecido; não deve nunca tornar-se algoz, quando seu papel é punir, e punir com consciência absoluta, depois de apurada toda a verdade. O espírito foi, é e será sempre o caminho luminoso por onde se chega à clarividência. A meditação faz parte e deve ser o apanágio da justiça. Se a justiça não medita, não pensa, desfalece, fraqueja, incorre em grave culpa, peca então.

“Não pecar absolutamente é o sonho do anjo; tudo quanto é terrestre está sujeito a pecar. O pecado é uma gravitação”; assim disse o autor de *Os Miseráveis*.

A justiça é um anjo, e como anjo não tem direito a pecar. O juiz é um ente privilegiado; se erra nos seus julgamentos, abandone a toga, porque está fazendo um grande bem a ele próprio e aos outros. Se a justiça que está encarnada no juiz não medita, se segue a linha da dúvida, se se perturba, se não julga como mandam os princípios, então não haverá tranquilidade nem confiança nunca mais. A sociedade está desamparada. O papel da justiça é fazer chegar luz onde existem trevas.

João Vermelho foi vítima de grave erro, e por causa desse erro imperdoável foi arrastado à miséria e forçado a mendigar para viver. Num país de justa lei, ele teria sido amparado e não teria morrido amaldiçoando a justiça que o condenou.

A crônica da Rua Afonso Campos nos empurra também para o boêmio José Nóbrega. Não era político; seu pai o era. Boêmio de nascimento, vivia José Nóbrega de serenatas, cantando noite adentro nas ruas e nas tascas. Um dia, enfadado da vida, cansado

de sofrer, resolveu fugir dela aos 31 anos de idade, suicidando-se de uma forma original. Antes do momento que determinara para morrer, andara convidando os amigos para o seu enterro, e, na véspera, pediu na casa mortuária de um seu parente o caixão em que teria de ser sepultado, dizendo ao proprietário que, se não lhe desse o caixão, ele, depois de morto, passaria a perturbá-lo. Como os vivos temem sempre os mortos, o estranho pedido do boêmio foi satisfeito, e na manhã do dia 24 de novembro de 1926 José Nóbrega tomou do seu violão e marchou tocando e cantando pelas ruas Afonso Campos e João Tavares até a margem do Açude Velho. Ali chegando, sob os olhares curiosos das lavadeiras, penetrou na água dedilhando o violão e cantando esta modinha:

Ó Júlia, Ó Júlia, Ó Júlia!  
O que é, o que é mulher...  
Eu vou casar com Júlia  
Pra saber Júlia quem é...

Júlia não é casada,  
Solteira também não é,  
Júlia não é viúva  
O que diabo Júlia é!...

E mergulhou com o violão. Ainda veio à tona e gritou: “O que é isso cobra!” Tornou a mergulhar. Foi o fim. Seu corpo foi pescado com o violão que ficou boiando, sentindo, talvez, a morte do companheiro inseparável! Esperando, quem sabe? que o braço amigo que tantas vezes o consolara novamente o tomasse para o último canto!

Na saudade dos seus, José Nóbrega ainda vive. Sua velha mãe, que um automóvel tragou anos depois da morte do filho, ao atravessar a Rua João da Mata, lhe fez estes versos, transcritos aqui como um preito de veneração à boa velhinha:

## ECOS DE MÃE

Não quiseste viver, deixaste a vida,  
Ainda assim no vigor da mocidade

Abandonando tua Mãe querida,  
Deixando-a submersa na saudade...  
Nunca mais te verei, filho querido...  
Viverei, nesta vida, em amargura,  
Mas, se os mortos veem, tu me verás sempre  
Bem juntinho da tua sepultura...

Enquanto viva, dona Maria Nóbrega nunca se esquecera do filho. Suas preces todas as noites subiam para Deus pedindo paz para a alma do seu boêmio... “Podem secar-se num coração de mulher a seiva de todos os amores, nunca se extinguirá a do amor materno”.

Mãe e filho devem estar abraçados no céu, e a gente, ao abrir o livro do passado, ouve a música, ora triste, ora alegre, que, em surdina, toma conta do nosso espírito, comovendo o nosso coração...

Eis, leitor amigo, um pedaço da história da Rua Afonso Campos!



Praça Epitácio Pessoa - 1915 - extinta - Hoje rua Maciel Pinheiro

## 7 - "FUTRICA É GOVERNADOR"

Uma das originalidades do glosador Laurindo Pereira de Sousa, vulgo Bernardo Cintura, era a de criar, dentro da sua poesia agreste, tipos que encarnavam o seu pensamento de crítica a coisas e pessoas. Com ele próprio criou Bernardo Cintura, que queria dizer desbarrigado, seco de fome.

Laurindo Pereira de Sousa e Bernardo Cintura eram uma e a mesma pessoa. Ligava-os uma só alma, um só cristão, um só tipo, desses que, na feira, pairam de venda em venda, de barraca em barraca para beber e se lamentar:

No lugar aonde eu moro  
lastimando a triste sorte,  
tem dias que peço a morte,  
Padeço gemendo e choro...

Esqueceu o seu nome de batismo e cognominou-se de Bernardo Cintura, que lhe escondia o verdadeiro nome e mostrava o poeta, "que só falava a verdade pura em toda rebêta", como dizia onde chegava:

Eu sou Laurindo Pereira  
Vulgo Bernardo Cintura,  
Só falo a verdade pura  
Aqui e em toda "rebêta";  
Chego cedinho na feira,  
A todos presto atenção,  
Dou a um e a outro a mão  
Sem escolher qualidade,  
No meio dessa cidade  
Eu vivo de louvação...

Vivia assim, e bebericando nas tabernas para espantar a mosca impertinente da desventura. Foi numa época posterior a 1877, de fome e seca no Nordeste, sem recurso algum para nutrir-se, magro e acabrunhado, encontraram-no na feira do Teixeira e lhe perguntaram: Laurindo velho, como vai? “Magro e seco como um ‘Bernardo Cintura’”, magro e seco como um bacalhau, queria dizer o poeta. E, assim, “magro e seco” fez na vida uma longa caminhada, de barbas longas e alvas, sem perder a alcunha que mesmo lhe botara.

Há sofrimentos que não passam nunca, quando o destino persegue. Feliz de quem não desespera e, morrendo ou vivendo, tem uma palavra de escárnio para a dor que o fere.

Outra criação do velho Cintura: “Balarina”. Nome que o velho poeta dera à Influenza Hespanhola, mal que no Brasil e no mundo inteiro fez mais vítimas do que a guerra de 1914. Temos aqui um seu conselho nessa glosa:

**PARA CURAR “BALARINA”  
MASQUE ALHO, MASQUE ALHO,  
Está um remédio aprovado  
Por doutor Chatô Briante  
Que cura em qualquer instante  
Enfermo desenganado.  
Muitos têm se levantado.  
Vão cuidar no seu trabalho,  
Forma o barcão faz espalho  
No mundo da medicina,  
Para curar “Balarina”  
Masque alho, masque alho.**

E vem “Futrica”. Futrica foi uma sátira à falta de troco, que em 1900 levou alguns comerciantes a emitirem vales de 100, 200 e 500 reis, que passou a abuso e a esperteza, causando distúrbios, e, se não fosse a intervenção enérgica das autoridades, teria degenerado numa revolução. Esse “Futrica” celebrou-o Bernardo Cintura em décimas como a seguinte:

Futrica” em Rio de Janeiro  
É governo federá,  
Governa em todo lugá,  
Não deixa trocar dinheiro.  
O general vai primeiro,  
Pediú licença ao avô,  
“Futrica” depois chegou,  
Disse ser juramentado,  
No comércio está ficando  
“Futrica” é governadô.

E o senhor “Futrica” ainda atormenta o comércio e azucrina as donas de casa. Manda como um fiscal de feira, desses que de lápis e talões na mão intimam leoninamente ao vendedor de bugingangas a pagar o tributo, mesmo que nada tenha apurado. Sem troco, o comércio fica em situação difícil. Se não troca, não vende, e se confia leva desvantagem, porque o freguês pode esquecer a dívida.

Bernardo Cintura criou “Futrica” para a venda, para a loja, para o cobrador etc. etc.:

“Futrica” na padaria,  
“Futrica” no criador  
E também no mercador  
De cravo, alho e cumim,  
Até na feira de capim  
“Futrica” é governador.

Ào lado de “Futrica” e “Balarina”, figuram “Barão Rafeé”, “José Sertão”, “Generá Bodoque” e “Generá Inseto”, personagens introduzidos nas suas glosas de poeta analfabeto e sem vintém, que vivia da musa, louvando a pretos e brancos, a grandes e pequenos, “capando” com rimas “sem escolher qualidade”. E isto lhe rendia algumas moedas, que iam caindo no seu bolso de duas cores ou na mochila que trazia sempre a tiracolo.

Sem causar pequeno estorvo  
Boto o laço e puxo o laço,  
Vou pegá Sousa Venanço  
Na rua do Açude Novo.

“Capo” de escopo goivo  
Que a boca lhe amarga a fé,  
Debaixo de um catolé,  
Para tirar de um engano  
Como é mais moço o seu mano  
Capo sempre de quicé.

Nem no porto de Lisboa  
Nem no trapiche do mar  
Poderá desembarcar  
Tão ilustrada pessoa  
Para rimar minha loa  
Eu me lembrei de gilete,  
Pegado num canivete  
Na cidade de Campina  
Para cumprir minha sina  
“Capei” major Lafaiete

Aos setenta anos, Bernardo Cintura ainda era o mesmo boêmio de feira e de bodega. A forja da miséria lhe queimou o conforto a vida inteira, mas não lhe destruiu o ar irônico, com que recebia as relhadas do destino. Desde moço que buscava a dita, mas esta lhe fugia sempre:

Eu ando caçando a dita  
E a dita não me aparece,  
Quando eu desço a dita sobe,  
Quando eu subo a dita desce.

E sentenciava:

Quem nasceu pra ser cachorro  
O jeito é morrer latindo,  
Quando se deita é rosnando,  
Quando se acorda é grunindo”.

Como todo trabalhador infeliz, só bebia aguardente, e bebendo conceituava:

Vício feio é lamber prato,  
Lamber beiço, roer unha,  
Gostar de ser testemunha  
Não é vício de homem exato.

Ser guloso, é vício chato,  
Ser falso, é vício indecente,  
Afinal pra toda gente  
Não há vício que console,  
Como da "branquinha" um gole,  
De vício só aguardente.

É um bom vício amolar  
Para o sujeito que amola,  
É feio pedir esmola  
Se se pode trabalhar.  
É mau vício não pagar,  
Dizer dito: vôte, ôxente,  
Isso é lá vício de gente,  
Isso é vício de vadio;  
Pra quem tem calor ou frio  
De vício só aguardente.

Se em noite de trovoada  
Vai-se buscar a parteira  
Com um botijão na algibeira  
Para nós não falta nada.  
Se encontrá-la deitada,  
Grita: a comadre está doente,  
Vamos depressa acudir!  
Não ficou lá viva gente,  
E no botijão repetir,  
De vício só aguardente.

São do nosso livro *Dois Poetas*, publicado em 1950, as décimas que transcrevemos. O velho Cintura não deixou nada escrito. Tudo que dele apanhamos estava na memória dos seus amigos e admiradores, que guardavam na cabeça como dinheiro no bolso.

A vida de certas criaturas são clareadas, mesmo no infortúnio. Esse clarão não é da terra, sim do céu, que vem através da simpatia que despertam no meio onde vegetam. São satisfeitas com a sorte e nunca blasfemam contra Deus por não terem nada. Não invejam o alheio, nem a riqueza de ninguém. Conformadas levam a vida rimando. Era assim o poeta Bernardo Cintura, a quem lembramos com saudade, homenageando-lhe a memória, mandando à sua

alma as nossas preces. Se não é mentira o que nos ensina o Padre, que o sofrimento é a porta aberta para o gozo celestial, Bernardo Cintura deve estar ao lado de Deus glosando para Ele ouvir.



Rua. Pres. João Pessoa 1930

## 8 - AMÉLIA DE "SERROTE"

Em cada homem se agasalha, bem encolhidinho, na gaiola da alma, um sujeitinho que fez traquinagem, chorou de dengue, saltou de contente, esquipou em cavalo de pau, jogou castanha, brincou de "toca" e girou em burrinca. Não há um homem, mesmo entre aqueles sem sorte, que não se sinta transportado quando a borboleta da infância e da juventude vem adejar sobre ele, abrindo e fechando as asas azuis, numa tarde esquecida, em que erga a cabeça para recordar, e sinta o sol da vida ganhando o rumo do poente.

Em criança, não compreendemos o que seja infelicidade. Toda criança é venturosa, não sente o coração se encher de dor diante de um quadro comovedor, mesmo que veja estirada e de olhos sem luz, aquela que lhe deu o ser ou aquele que foi a razão de sua vinda ao mundo.

Toda criança é vadia e compreende, como por inspiração, o espírito da solidariedade. Por isso é que, não raro, quando, em ajuntamento na rua ou nos jardins, com alaridos de canários cor-ruchiando, elas se encrespam ameaçando com os seus pulsinhos os companheiros insultados por outros vadios.

Na adolescência já se está mais sabido, e foi nessa fase da minha vida que assisti ao fato que vou narrar.

...Foi uma tarde de alvoroço, lembro-me bem. Quase toda a cidade acorreu ao Largo da Cadeia para ver o que acontecera. O povo se movimentava como formiga em mudança. Curiosidade natural, quando uma anormalidade vem interromper a quietude dos lares e das ruas. O espírito é assim: intranquiliza-se com pouco. A curiosidade é pior. Ninguém fica parado, todas as bocas conversam, nascem histórias do "arco da velha", umas verdadeiras, outras de pura invencionice, alterando os fatos. Ao acontecimento importa o comentário, como à verdade importa a luz. Por isso é preciso transmitir o sentimento da verdade para achar a razão.

O caso de que vou me ocupar foi verdadeiro. Chegara preso o cangaceiro Serrote, dos grupos de Antônio Silvino e João de Banda. Era um cabra mal encarado e de trunfa. Como a fera acuada, a sua fisionomia mostrava a raiva que o roía por dentro. Um homem brando não mostra boa cara quando a ira lhe perturba os sentidos, imagine-se um cangaceiro, um mau nas malhas da polícia. Nem Serpa, do crime de Mamanguape, nem o monstro da chacina de Po-cinhos, nem os que tramaram e executaram os assassinios da Praça da Bandeira, em 1950, ganhariam para Serrote, quando chegou escoltado e entrou para a cadeia. A polícia o empurrou para dentro das grades, como se joga para longe um fruto podre, depois de lhe ter arrancado com um sabre cego a trunfa que lhe cobria a testa. Não me esqueci nunca mais desse quadro. O sangue escorria pela testa do malvado, aumentando-lhe a raiva.

Decorridos alguns meses entra Serrote em julgamento. Não sei se foi influência do Demônio ou o interesse que alguns políticos maus tomaram pelo cangaceiro, o fato é que foi livre aquele homem que roubara tantas vidas e intranquilizara tantos lares. Livre, não mais voltou ao cangaço, e ficou na cidade para os “trabalhozinhos” da sua profissão. Acomodou-se. Mas, um dia, esse dia fatal que faz o culpado voltar à prática do crime para ser punido, o “bicho” que dormia em Serrote despertou. Alguém o encarregara de aplicar uma surra numa pobre mulher da vida, Amélia Mendes. Serrote foi infeliz nessa empreitada: quando subjugava e espancava a mulher, esta vibrou-lhe um “beijo” abaixo do peito esquerdo. Nem sangue saiu do ferimento. A luta teve lugar no “Beco dos Paus Grandes”, a atual Travessa Cavalcante Belo, e, finda, Serrote não sentira que estava ferido e foi tombar, para morrer, no “Beco de ‘seu’ Lindolfo”, arrasado para dar lugar ao prédio onde funciona o Loyde Aéreo, na Maciel Pinheiro.

Amélia Mendes foi presa. Os populares lhe deram a alcunha de Amélia de Serrote. Submetida a julgamento, foi absolvida por unanimidade. Advogou a sua causa o professor Clementino Procópio, figura veneranda no meio campinense e dado à caridade, escopo do seu caráter, fermento do seu grande coração. Clementino Procópio advogava de graça, pagando de seu bolso até custas aos desgraçados que, como Amélia de Serrote, recorriam ao seu espírito bondoso. Os infelizes tinham nesse velho de luz um padrinho forte. Adotava, educava e casava moças órfãs, entregando-as donas de casa a rapazes que mostravam ser de boa

conduta. Muitas destas ainda vivem, recomendando a Deus a alma do seu protetor e honrando os homens a quem se uniram pelo matrimônio. Deus lhe fechou o livro da vida no dia 27 de maio de 1935. Era pernambucano, natural de Bom Jardim. Quando morreu Clementino Procópio, toda a cidade sentiu que se lhe quebrara uma viga da sua vida cotidiana.

É mesmo assim quando perdemos uma pessoa querida. Pensamos que o mundo vai se desmoronar e o Infinito, que é Deus, na hora não nos ilumina, e a dor toma conta de todo o nosso ser, e, daí, a noite. Vem depois a reconciliação das lágrimas e passamos a venerar a lembrança daquele que fora o nosso conforto e a nossa confiança. Já resignados, porque passamos a compreender que o forno da Vida precisa de lenha, e essa lenha é o mesmo corpo que ela fez crescer. A Natureza é imutável nos seus designios. O que ontem foi seiva no seu todo, hoje é lama nos seus arcanos, para que se façam compreendidos os seus passos. E, assim, está justificada a filosofia do poeta Olavo Bilac:

Mas as almas não morrem como as flores  
Como os homens, os pássaros e as feras:  
Rotas, despedaçadas pelas dores,  
Renascem para o sol de novas primaveras  
E de novos amores.

Em 1926, o "Anuário de Campina Grande" publicava, sobre Clementino Procópio, esse mestre e lutador incansável, o seguinte: "Aos 17 anos deixou o seu torrão natal e seguiu para a povoação de Batalhão, hoje Taperoá, onde abriu a sua primeira aula aos 5 de junho de 1872, na fazenda Lagoa Queimada. Ali permaneceu até 1877, quando, no mês de abril, se transportou para esta cidade, acossado pela terrível seca. No mesmo mês abriu sua aula primária, sob os auspícios do senhor Joaquim Vieira de Araújo Correia. E nesta cidade tem permanecido até hoje dirigindo sempre o seu afamado "Colégio São José".

Conquistou, em concurso, a cadeira pública de Instrução Primária, da cidade de Campina Grande. No exercício da mesma, prestou relevantes serviços à mocidade de nossa terra, por mais de 30 anos, até quando requereu sua aposentadoria e fundou o acreditado "Colégio São José", à frente do qual ainda permanece, prestando inestimáveis serviços à Pátria na educação de seus filhos.

Em 1880 casou-se em Campina Grande com dona América Procópio, de cujo consórcio houve vários filhos dos quais vivem dois, Dr. Severino Procópio e dona Maria América Câmara, viúva do saudoso cel. Eufrásio Câmara.

Acompanhou fielmente o Partido Conservador, vendo-se sempre em constante embate com o Partido Liberal, sendo seis vezes pronunciado pelo mesmo, tendo os processos logo caídos.

O Partido Conservador era chefiado aqui pelo Dr. Antônio da Trindade Antunes Meira Henriques, a quem o professor Clementino acompanhou até à morte.

Advogado de mérito, iniciou-se no fórum, no qual obteve brilhantes vitórias. Do seu espírito cristão, profundamente caritativo, é bastante dizer-se que não se sabe o número de filhos alheios que ele criou, tendo casado 28 moças, contribuindo com todas as despesas para os enlaces das mesmas. Ainda hoje ele tem em seu poder oito moças as quais trata como se foram suas filhas.

Em 1922, no dia 5 de junho, por ocasião do quinquagésimo aniversário de sua primeira aula, os seus antigos alunos e discípulos de sempre, lhe fizeram uma justa e merecida manifestação, fazendo, por essa ocasião, professor Clementino, o seu público testamento e profissão de fé, que, pela sinceridade com que foi proferido, diz bem alto de suas sublimes virtudes cívicas e morais.

“Dou a alma a Deus, em quem creio piamente. Dou os meus cinquenta anos de serviços à Pátria. Dou o meu corpo a meus discípulos, inclusive filhos e netos. Dou à minha família o meu nome e a minha memória”.

Isso é que foi uma vida. Vida de bons frutos e de melhores exemplos, que os homens de hoje, muitos deles desmoralizados e sem nenhuma virtude, não cuidam de imitar, e cada dia mais se aprofundam na ambição desmedida, não levando em conta nem o caráter nem a alma.

Amélia de Serrote, vítima da má sorte e dos homens que a jogaram no prostíbulo, perseguida do destino, tomou o caminho dos ignorados, pois não se sabe como, nem onde foi ficar depois de absolvida do crime que cometera, com justa razão. Sua vida de prostituta nunca lhe trouxe alegria ao coração ferido: era uma mulher triste, como tristes são todas aquelas que se lançam ao lupanar, com uma falsa alegria, doirando o riso, iludindo a alma e enchendo o coração das cicatrizes com que a miséria marca os des-

venturados. Amélia de Serrote além de prostituta era analfabeta. Dupla desgraça! Nunca a vi se lastimar. Era uma das muitas Marias Cerqueira, de quem nos fala Humberto de Campos, infelizes duplamente, desgraçadas sociais, mulheres sem nome, que não choram porque o seu pranto não interessa a ninguém.

Fantine, que mereceu páginas comoventes de Victor Hugo, foi menos desgraçada, sabia ler e tinha uma filha, que foi a sua cruz e a sua dedicação, e tornou-se, mais tarde, com a caridade de João Valjean, a luz que a salvou na hora da morte.

“Enquanto existir, por efeito das leis e dos costumes, uma organização social, que produza infernos artificiais no seio da civilização, e desvirtue com uma fatalidade humana o destino, que é inteiramente divinal; enquanto os três problemas do século - a degradação do homem pelo proletariado, a perdição da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas - não forem resolvidos; ou, noutros termos e sob aspecto mais amplo - enquanto houver na terra ignorância e miséria” quadros como estes de Amélia de Serrote não deixarão de existir.

A morte, por certo, já se lembrou dela e a levou, sem dúvida, num abraço sem pranto, pois esse é o destino dos que nascem marcados para viverem sós e fazem, sofrendo, o seu giro no mundo.

O Criador, que perdoou a Maria Madalena, a remiu de pecados maiores, perdoará também a Amélia de Serrote, acolhendo-a no céu, como uma sofredora que foi das muitas que ainda rolam na terra e levam uma vida vergonhosa, da qual são responsáveis os homens com as suas maldades.

## 9 - DE CASA DO "EMBOCA" A RUA DO "EMBOCA"

Gosto de encaminhar meu espírito para as antiguidades, como se mergulhasse numa adega de rei e de lá arrancasse o vinho mais velho para uma recepção a pessoas condoreiras. Assim é que vou palmilhar por uma das ruas mais antigas, e por sinal mais esquecidas da cidade de Campina Grande, centro de empreendimentos gigantes, para onde convergem aventureiros e políticos sem escrúpulos de todas as camadas sociais, que lutam pela vida sem primar nas suas diligências.

A rua do "Emboca" serviu de estrada às grandes boiadas que vinham do Seridó para os currais, nesse tempo situados no local ocupado pelo Mercado Público. Isto é mexer em baú velho. O presente vive do passado, como o futuro passará a viver do presente. É o fatalismo do tempo, que tudo leva e tudo traz. Diferente do homem orgulhoso, que, quando nasce, nada traz, e, quando morre, nada leva. "Pai e mãe é muito bom, barriga cheia é melhor", dizia "Canção de Fogo". Não concordamos. O ser-se pai faz crescer o entusiasmo na alma do homem; o ser-se mãe aumenta o amor no coração da mulher, pois nenhuma missão é para ela mais sublime do que esta de ser mãe. Os pais e as mães de hoje são os filhos e as filhas de ontem, que passarão a ser os avôs e as avós do presente, os bisavôs e as bisavós do futuro, tal coisa sublimiza e deve ser tida na conta de felicidade.

Sabemos o que foram os velhos baús lombados e brochados para os nossos bisavôs: serviam de guarda-tudo. Contemplando, no presente, um desses baús, que servem hoje de adornos aos museus, com as suas fechaduras de lingueta e chave de broca, ficaremos admirados e concluiremos que a indústria moderna não será capaz de fabricar obra tão perfeita. As indústrias de hoje falseiam, como falseiam os políticos demagogos e aventureiros.

A rua da qual nos ocupamos está cadastrada com o nome de Peregrino de Carvalho. De 1900 até 1948, a rua do "Emboca" não sofreu nenhum surto de reforma: Conservou e conserva ainda hoje,

em parte, o mesmo aspecto dos tempos antigos, casebres de beira e bica e pequenos frontões que serviram de pousada a pobres mulheres que viviam de vender o corpo nos prazeres viciosos, que o falso amor proporciona com largueza de despudor.

Como dissemos, a rua do “Emboca” foi caminho de boiadas nos seus primórdios, quando era tudo casebres de taipa e existia a casa que dera origem ao antigo nome. Essa casa era situada por trás do prédio onde atualmente funciona uma secção dos escritórios das Secas. Sede dos Correios e Telégrafos e que serviu de presídio no tempo da Colônia. Nele esteve detido Frei Caneca, um dos maiores vultos das revoluções de 1817 e 1824, condenado à morte e executado em 1825, a 13 de janeiro. Na casa que descrevemos morava uma mulher do povo que não só dava arrancho e vendia café, como repartia a fatia do amor com os fregueses, quase todos tangedores e velhos boiadeiros. Nesse tempo, que já descamba de um século, poucas casas existiam nessa rua. À que nos referimos se destacava das demais, e os transeuntes começaram a chamá-la de “Casa do Emboca”. Quem passava, entrava para um ligeiro colóquio com a dona da casa. Tornou-se ponto de espera e de encontros. Muitos marcavam: “eu lhe espero na ‘Casa do Emboca’”; “Você me encontrará na ‘Casa do Emboca’”. A rua foi crescendo. Os ranchos de dona Sara, de Maria Sertaneja e de Generosa, foram cedendo lugar às residências atuais e, assim, passou de “Casa do Emboca” a “Rua do Emboca”, nome que nunca foi esquecido. Não podemos falar da rua do “Emboca” sem lembrar Genoveva, uma caboclinha baixa e gorda, muito viva, risonha e muito “franca”, que vendia amor a vintém e a pataca. Era a “academia” dos jovens desse tempo, que se enfronhavam e ficavam enxeridos quando se defrontavam com as libertinas. Genoveva não respeitava idade. Aceitava velhos, moços e meninos, por quem tinha preferência nas suas peraltices amorosas. Eram seus “anjinhos”, musicando as palavras com uma gargalhada.

O destino, que marca as criaturas, marca também as ruas. A rua do “Emboca” é um exemplo. O progresso que quase tudo transformou e remodelou em Campina Grande, respeitou ou esqueceu essa rua central da cidade. Nenhum prefeito, até 1948, enxergou que a rua querida e preferida dos boiadeiros, carecia de uma roupa nova. O prefeito Elpídio de Almeida deu os primeiros passos para melhorar o aspecto antigo: calçou-a, dotou-a de uma pequena praça, sem árvores nem flores, e melhorou a iluminação.

Ainda habitam na rua do “Emboca” dos velhos tempos, assistindo aí ao passar da vida sem uma mudança, envelhecidos: Anastácio, Vitalina, dona Nevinha e outros, escutando os ruídos que fazem da sua rua um traço de ligação com as da Catedral e Maciel Pinheiro.

Assim é a vida... Assim é o destino... Assim é a história.

## 10 - CÍCERO CAMPINA

Foi em 1917, na cidade de Santa Luzia do Sabugi, que conheci Cícero Campina. Não pensei nunca que tivesse, de um dia, conduzi-lo, morto, para o cemitério de minha cidade. Isto aconteceu no dia 30 de junho de 1952, às 10 horas da manhã. Havia expirado na tarde em que se festejava São Pedro, o primeiro papa da Igreja Católica.

Nunca sabemos para onde vamos, nem como vamos, nem para quê porto o destino possa nos conduzir; temos que ir um dia, é verdade, determinismo só explicado na vida da matéria, porém tudo emudece diante do mistério estupendo do Infinito. A morte tem os seus arcanos inexplicáveis e a alma que nos “anima”, no dia exato e na hora exata, abandona o corpo do qual se apossou temporariamente, e se vai, ninguém sabe para onde, se para o espaço, se para outro planeta.

Por uma inspiração misteriosa o doente, às vezes, manifesta um desejo que, satisfeito, lhe dá a ilusão de que vai melhorando, e, quando se lhe acende no peito a chama da esperança, dá-se o desenlace fatal: expira e morre. Sem mais uma palavra, sem mais um pensamento. Aconteceu isto com Cícero Campina. Avivaram-se-lhe os olhos e a vontade, e pediu ao filho que estava à sua cabeceira, que lhe desse um banho e lhe mudasse a roupa. Quis morrer limpo, quem sabe, de corpo e de veste. Sempre foi zeloso com a sua pessoa e andava sempre caprichosamente vestido de branco ou de tropical. Quando se lhe vestia a última peça, eis que lhe pende a cabeça para o peito, num abandono sem recurso. Havia expirado.

O passo da morte é fatal. Guizot dizia que ela tem golpes de autoridade bem inesperados e segredos que ninguém penetra. Muitos a acham traiçoeira, por isso não a encaram com serenidade, a não ser os filósofos, “que em tudo veem um destino de cinza, um fim de esquecimento”. Alguns homens, impávidos, enfrentam-na com serenidade, como o ministro Laval, rejeitando a venda dos olhos no momento em que ia ser fuzilado; Caio Petrônio, abrindo,

ele próprio, as veias, numa noite de orgia romana, cercado de amigos e de amantes, depois que presidira a um banquete e de ter quebrado um vaso raríssimo que Nero ambicionava.

Cícero Campina vinha sofrendo muito, há cerca de três anos, acometido de angina do peito, e se arrastou até quando quis Deus que se lhe cessassem os padecimentos. Bondoso de coração e pacato, vivera 30 anos em Campina Grande, e não consta que tenha deixado nenhum inimigo. Dizem-no os favores que recebera na doença e o grande acompanhamento do seu enterro. Era inteligente, folgazão e espirituoso. Nas bancas de cafés abria o livro da memória e passava a contar anedotas e fatos de sua vida aventurosa. Certa vez - contava ele numa roda de camaradas -, chegara a casa cheio de vinho. A sua esposa, compadecendo-se do seu estado, lhe pediu: "Meu velho, acabe com essa cachaça...". E ele, acompanhando a música suplicante do coração da esposa, respondeu: "Estou pelejando, minha filha, é tanta cachaça...".

Era amante do jogo e do vinho. Bebia até se faltar, porém jamais cambaleou por força do vício; era, como se diz na gíria, um bebedor de linha. Também analfabeto, mas prosava sem mostrar que o era. As palavras lhe saíam da boca, certas. Sabia-se dessa sua tristeza quando pedia aos amigos que escrevessem cartas para a família, enviando encomendas e presentes para as filhas, aconselhando os filhos para evitar que enveredassem pelo caminho do vício, que ele tomara por força do destino. Foi abastado, quis, porém, a fatalidade que na velhice a desfortuna o atingisse em cheio. A doença tudo lhe consumira.

Chegar-se ao crepúsculo rico quando se foi pobre, é confortador, mas girar na vida com o facho da fortuna e depois atingir-se o poente sem nada e morrer-se em plena caridade é uma coisa dolorosa!

Acredita-se ter Cícero Campina morrido tranquilo, pois sempre que o avistávamos, nunca o víamos se maldizer nem blasfemar. Por intuição sabia que a blasfema é um mal. Perto de cair para morrer, saiu à rua, com um ar contente, deixando transparecer que a esperança de saúde ainda estava no seu espírito. Seu coração mostrava-se de todo ao estirar a mão para dar uma esmola a um pobre qualquer. Fazia isto gracejando.

Certa vez, vi-o, com espírito e piedade, dar um óbolo a um velhinho que parou em nossa frente, o que me inspirou para com-

por um soneto, não obstante não ser eu um poeta genuíno desses que nascem feitos, inspirados do céu, para cantarem a dor, a alegria, os pássaros, a primavera e a natureza quando o sol procura o poente.

## DESDITA

Em minha porta passa todo o dia  
Um aleijado dentro de um carrinho,  
Não conduz sonhos - coisa fugidia -,  
Talvez, em casa, tenha algum carinho...

Do mal que traz não pensa na agonia.  
Resignado segue o seu caminho;  
Estende a mão emagrecida e fria  
Implorando uma esmola, o coitadinho!

Faz pena a gente vê-lo nessa lida,  
Errante, já velhinho, exangue o rosto,  
Com o sofrimento a lhe encurtar a vida...

Segue assim afrontando a dura sorte,  
Dentro do seu carrinho sujo, exposto  
À fome, ao frio, até que venha a morte!

Era a graça da vida que, mesmo no infortúnio, não se acabara... Destino...



Largo do Rosário - desaparecido - "Praça da Bandeira"

## 11 - PROFESSOR CAPIBA

Seria mais interessante que iniciássemos essa crônica com um estudo da família Fonseca Barbosa e, também, com uma consulta ao livro da origem de alcunha “Capiba”, com a qual vão atravessando os anos todos os descendentes do professor Severino Atanásio de Souza Barbosa. Mas é pouco o nosso tempo e, para tanto, se fazia necessário uma rebusca em toda a árvore genealógica dessa família de bons. Dá-se também que o nosso intuito é falar somente do professor Capiba, esse bom velho que o tempo encurvou e a morte levou para o seu seio de mistério no dia 7 do mês de agosto de 1952.

Os homens da estirpe do professor Capiba são como certas árvores, em resistência e invulnerabilidade: não os ferem nenhum inseto nocivo para empatar que suas raízes se aprofundem na terra e criem flores, e deem frutos e os soltem para o destino comum. Esse mestre chegou em Campina Grande, com sua mulher e seus onze filhos, na grande seca de 1915, no dia 5 de junho, numa sexta-feira à noite, véspera do assassinio do poeta e jornalista José Alves Sobrinho, por quatro indivíduos invejosos do talento do poeta, a quem abateram a cacete e punhal. Seca horrível e de terríveis consequências, que não só dizimou a família humana do sertão, como desequilibrou, até aos dias presentes, todo o sistema de criação animal do Nordeste. É daí que data - e os anos vêm confirmando - a escassez de gado nos sertões da Paraíba, do Ceará e do Rio Grande do Norte.

O professor Capiba teve o grande mérito de não se desesperar, de não perder a paciência nem a fé em Deus, força de amor que sustenta e salva as criaturas, quando o doloroso flagelo de 1915 o tangeu, com a sua numerosa família, das plagas queimadas e dizimadas pelo sol. Resistindo às mais duras provas a que um pai de família honrado é submetido, para não sucumbir de dor, veio para nós, e aqui chegando, que fez?, tratou de viver. Família de artistas e de músicos, todos bem comportados, logo acharam trabalho. Os

rapazes, nas oficinas de alfaiates e nas orquestras, e o velho na difícil profissão de ensinar piano. Em 1915 poucos lares possuíam esse instrumento de classe. A sua companheira, dona Maria Digna Maciel da Fonseca, favorita de Lares, com as filhas ainda pequenas, ajudava-o cuidando de todos, cumprindo o seu santo dever de mulher dona de casa, que é o apanágio de todas as moças que confiam os seus corações a outros corações, levados pelo amor ao batente do matrimônio e que, sofrendo ou gozando, singram, juntos, o mar da existência e que, fazendo da virtude um escudo, atingem a meta sonhada.

Vinham de Taperoá, não traziam nenhum recurso nem outro pensamento, senão aquele que nos alimenta a esperança, quando o destino nos obriga a mudar de terra: de achar o meio feliz para fartar o estômago com o ganho pelo suor do rosto, calejando as mãos sem cansar a alma, a qual, segundo a teoria de Leibniz, deve viver em perfeita harmonia com o corpo.

Como ali viveram, em Campina, com melhores possibilidades, o fizeram, com mérito, enfrentado o destino. E foram felizes. Como os taperoaenses, todos os campinenses simpatizaram com os Capibas. Naquele Cariri adusto, outrora risonho, pois não era tão arrasado como se vê hoje, os Capibas lutaram e viveram, porque também se vive de pouco, gozando da estima de todos. Músicos, com os instrumentos da Banda que seu pai mestrava, alegravam as tardes domingueiras da vila, sentados na frente do templo católico, fazendo retretas. Todas as famílias da localidade amavam a essa gente de paz e amizade. Seus hábitos domésticos, que privavam pela obediência, eram conhecidos, até nas horas de refeição, que um piston anunciava aos ausentes chamando-os para a mesa. Feliz de quem é amado, e muito mais feliz deve sentir-se a família amada, atraída pelo perfume que derrama na alma de cada vizinho, seja este bom ou mau.

Quando de nós se ausenta alguém a quem queremos bem, notamos que se abre um vácuo no nosso conviver. Sentiram isto os taperoaenses, quando os Capibas, premidos pela seca, trocaram as suas plágas pelas de Campina Grande. Perderam eles, ganhamos nós. Com a sua humildade, com o seu proceder, a família Capiba ganhou a amizade da sociedade campinense.

O professor Capiba cresceu na estima da cidade, tornou-se respeitado e respeitável, dado o seu excelente espírito de hon-

radez com que se conduziu no meio social. Mestrou muitos anos a “Charanga Afonso Campos”, uma banda de música da oposição, que só servia às festas do partido dos “Bacuraus”, apelido popular com que os conservadores xingavam os afonsistas. Entrava nos lares com a sua batuta, e era uma alegria quando começava a dar as lições às poucas moças que possuíam piano. Seus esforços, com os dos filhos, multiplicaram-se e, daí, lhes veio a fortuna. Os filhos foram deixando a arte e rumando, alguns para o comércio, outros para os bancos, para a medicina, todos com a honradez que herdaram, e souberam manter, dos seus pais. Escola de pai, conduta de filhos - diz um acertado rifão. Se os pais fogem da miséria moral e à educação da família junta a harmonia, a obediência e o respeito mútuo, os filhos não descambarão nunca para o lado ocioso dos despudorados.

O professor Severino Atanázio Barbosa (Capiba) nasceu em Surubim, no dia 2 de maio de 1872. Quando morreu contava 80 anos. Deixou 20 netos e cinco bisnetos. Grande vida. “ABRINDO O LIVRO DO PASSADO” rende uma homenagem à sua memória para que seu nome não fique só no coração dos seus mas, também, no coração de Campina Grande que lhe deve serviços morais inestimáveis. Aos seus nove filhos vivos, José, João, Lourenço, Severino, Pedro, Antônio, Hermano, Tereza e Maria, da Fonseca Barbosa são dedicados os justos conceitos que fizemos nesta crônica sem brilho, mas muito significativa para as suas almas de filhos amorosos.



Avenida João Suassuna - 1939

## 12 - CAMINHO DO AÇUDE NOVO

Campina da minha infância,  
da minha meninice,  
das minhas artes,  
como me encantavas!...  
Quando eu pequeno  
brincava na areia da rua  
e atirava pedras no telhado da casa dos  
“Nova Seita”,  
escondido nos mata-pastos do tamanho de  
um metro.

Caminho do Açude Novo!...  
Sítio do major Zumba Gomes,  
pai de seu Toinho Azevedo,  
sítio de mestre João Pequeno;  
sítio de “seu” Dom;  
Gameleira grande da velha Mariquinha  
Serrão, que o machado do progresso  
sem saudade,  
sem compaixão  
destruiu...

Caminho do Açude Novo!...  
À casa do major Zumba Gomes  
é hoje o Colégio da Imaculada Conceição.  
O sítio de mestre João Pequeno  
É o palacete de um médico.  
Caminho do Açude Novo!...  
O sítio de “seu” Dom,

que um velhinho tomava conta  
e ficava danado da vida quando os meninos  
iam furtar goiabas e cajus;  
a gameleira da velha Mariquinha Serrão,  
malassombrada, e a sua casinha de taipa;  
o sítio de “seu” Chico Venâncio;  
o de “seu” Zé Venâncio,  
com um cajueiro e um pé de coco catolé  
em frente da casa,  
se transformaram na rua do Progresso.  
destruída  
para dar lugar a Avenida Floriano Peixoto,  
é a residência de “seu” “92”...  
Ah! Campina da minha infância!...  
Como era agradável a tua brisa,  
boa, bem boa a tua gente,  
bons os teus homens,  
honrados os teus comerciantes,  
inocentes os teus brinquedos, bonita  
poética e viva  
a tua festa da Conceição,  
que hoje não vale mais nada  
porque  
não tem mais balão nem fogo de artifício  
com painéis mostrando Nossa Senhora  
saindo de dentro do fogo.  
Só tem jogatina e conquistadores  
com automóveis “Rabo de Peixe”...  
Campina da minha infância!  
Como eras boa,  
sem calçamento,  
sem eletricidade,  
sem saneamento,

sem praças,  
mas inocente...  
Campina, como me encantavas!...  
Agora crescestes,  
estás forte,  
robusta,  
mas sem aquela inocência  
que te fazia humana...  
Ah! caminho do Açude Novo  
como te transformaste!...



Praça Epitácio Pessoa - 1930 - Hoje rua Maciel Pinheiro

## 13 - ANTÔNIO TELHA, O POETA

No domingo 1 de fevereiro de 1953, acordei cedo, quando a aurora mostrava os seus rasgões encantadores e o casario da cidade ainda estava sob o véu do silêncio, com que se cobre depois da meia noite. Pus-me a ler quando o sol entrou pelas vidraças do quarto onde tenho os meus livros - minha pequena biblioteca, que me fornece a massa para o espírito e me conceitua como cronista, embora barato, mas, compreendido -, entrou com ele a notícia da morte do poeta Antônio Telha. Estava, nesse momento, em minhas mãos o "Mundo Interior", de Farias Brito, filósofo cearense, que escreveu também "Finalidade do Mundo", e "A Verdade como Regra das Ações", todos difíceis, sobre filosofia, que em si é a ciência dos princípios e das coisas, o estudo de tudo que se relaciona com os movimentos naturais do mundo, das causas do amor e do ódio, da vontade e das paixões humanas, das religiões e da dor, da vida e da morte.

Ninguém que pense e estude ignora que só temos duas coisas verdadeiras na vida: a Dor e a Morte. As demais - a alegria, o gozo, a própria tristeza, que é conseqüente da dor -, são fugidias, e, se conseguem interromper um pouco a nossa vida interior, passam, para dar lugar a outro estado de satisfação e, em conseqüência, o esquecimento daquilo que nos perturbou.

Lia e pensava no momento em que me trouxeram a dolorosa notícia do trespasse do meu amigo e confidente Antônio Telha. Fui logo jogado no mundo real e bruto, e passei a recordar a vida e o espírito desse homem prestimoso, que possuía uma alma sensível e gostava dos passarinhos, levado pela morte para ocupar, quem sabe lá?, uma cadeira no céu, porque é lá que deve ser o refúgio das almas boas, que nunca fizeram mal e sempre tiveram uma palavra de consolo para os tristes e um estímulo para os desesperados.

- Olá, velho Cristino! Era esta a sua saudação a mim sempre que subia os degraus de "A Fruteira", estabelecimento que me fornecia o pão de cada dia, e o meu espírito ganhava luzes na prosa

com os amigos ilustres que frequentavam o pequeno cenáculo que funcionava no interior dessa minha casa de negócio. E eu, que o admirava e compreendia o seu coração, cumprimentava-o: "Olá, Telha, venha tomar partê da nossa prosa, ilustrando-a com a sua poesia..."

Ficávamos ao lado de Zefirino Lima, Miguel Ramos, o livreiro Pedrosa, Omega, Antônio Laurentino, João Cunha Lima, José Lopes de Andrade, Antônio Mangabeira, Euclides Martins, Eduardo Maia Franco, o padre Manoel Otaviano e outros viajantes ilustres que frequentavam o cenáculo de "A Fruteira". Conversávamos a valer, em poesia, jornalismo, viagens, política, literatura e até em economia pública em que era versado o ilustre morto. Por fim caíamos no mundo anedotário, cheio de pimenta, tão do gosto de quem se diverte fazendo espírito.

Como poeta e glosador, Antônio Telha dominava o ambiente, recitando os seus versos, improvisando, glosando motes de troça com todos nós. Muitas das suas décimas não podem ser trazidas à publicidade por serem sulpinianas e bocagianas. No último Natal em que nos reunimos, também a sua última prosa entre os vivos, recitou, de sua lavra, estas lindas sextilhas, que também foram os seus últimos versos:

### AVE! PAPAÍ NOEL

Aí vem o Papai Noel  
Trazendo cheio um fardel,  
Com destino especial;  
Vem brindar a petizada  
A da classe felizarda,  
Com presentes de Natal.

Apesar dele ser nobre,  
Não vai a casa do pobre;  
Onde há só necessidades!  
Pois seria sacrilégio  
Destruir um privilégio  
Dos filhos dos potentados!

Papai Noel quando vem  
É portador dos que têm  
Posição, riqueza e nome!  
Por isso é que não visita  
A choupana da desdita  
Dos condenados a fome!

Mas um dia a criancinha,  
Seja rica ou pobrezinha,  
Terá só uma irmandade  
Através dos dias seus:  
A humanidade - seu Deus!  
Um só Deus - a humanidade!

Quando fui visitar o seu corpo sem vida, eram 9 horas da manhã. O silêncio na sala era profundo, andava-se maciamente. Só os gestos traduziam a nossa dor. Só os pássaros - como que querendo despertar o morto amado -, encarcerados em gaiolas bem cuidadas, ousavam interromper com seus cantos a taciturnidade reinante. Não compreendiam que o seu amo já não os escutava. Se fosse dado aos passarinhos, como é dado ao ser humano, a faculdade de interpretar a voz do coração, teríamos assistido naquele momento a um espetáculo nunca visto no mundo: a alma daqueles pássaros derramando o seu pranto e exclamando: "Ai de nós! Morreste! Não podes mais ouvir a música dos nossos cantos sentidos"!

"Ó! Hafiz, ninguém sabe os segredos de Deus! Cedo ou tarde, diz este poeta, o Destino retoma tudo que dá"!

Poderíamos estudar aqui o coração, a prosa escrita e a poesia de Antônio Telha, mas a dor não nos deixa falar, as mãos nos tremem de comoção. Os círios acesos que circulavam o seu caixão falavam por nós. Nos momentos de grande tristeza, ninguém sabe o que faz, nem o que pensa, só uma coisa nos acorda: a lágrima quente que rola dos nossos olhos. O espírito e a matéria compreendendo-se, um considerando a condição humana, a outra, como o destino fatal, voltando para o seio misterioso de onde veio, animada por um sopro divino.

Já basta o nosso pranto. Reverenciemos aqui o seu espírito transcrevendo um salmo do seu sentir:

## MEU NATAL DE OUTRORA

Como nos dias de criança, eu sinto uma alegria indizível pelas festas do Natal; revivo todo aquele cenário romântico do passado: o Papai Noel, as lapinhas, o presépio, as barraquinhas de prenda, os ba Sonho com toda aquela paisagem que o tempo desbotou! ncos de capilé.

Sonho com toda aquela paisagem que o tempo desbotou!

São enlevos de minh'alma sensível que se extravasa na meditação do passado! Sofre-se quando se sonha, mas é sempre bom sonhar, sentir o devaneio policromo das quimeras, como que vivendo um instante, através da fantasia, o país imaginário de Gulliever!

Natal! Dia de alegria, dia da mais incontida satisfação para toda a cristandade, dia, que digo, em que todos deveriam sentir no peito a paz suave de sua Xangri-lá!

Mas o tempo, o esmeral silencioso dos destinos das cousas, que destrói os monólitos e abate as colunas de mármore, também aniquila os costumes, a fé e a própria vida!

O Natal de hoje é diferente, não tem o encanto do Natal de outrora - aquele Natal ridente em que todos tinham mesa farta, cheia de flores e variedade de guloseimas! Não culpemos só o tempo na sua silente transformação, mas também o vírus da patologia social do qual é portador o homem, responsável direto por esta civilização errada, com seus preconceitos pessoais e coletivos, sua vaidade, seu egoísmo, sua desumanidade; foi ele, sim, o homem, de alma empedernida com o despotismo de suas ideias bastardas, com a incontida sede de mando, que matou a poesia e o prazer da vida!

O meu Natal de outrora perdeu o ritmo de sua magnificência, para viver no acervo das cousas do passado, como tudo que perde a sua tradição através das noites dos tempos mais remotos!

Avé, Natal contemporâneo! Natal sem festa, que passa como simples notícia de calendário, porque ninguém dispõe de afinção espiritual para senti-lo, tais as preocupações que obliteram o espírito já de todo abatido pelas duras necessidades da vida!

“Oh tempora! Oh mores”!

Apreciemos agora alguns sonetos de fundo filosófico de sua lavra, o “O Rato” e o “O Sapo”:

## O RATO

Lá vai por entre as ripas do telhado  
A guinchar, o roedor, sagaz, matreiro.  
Desce sutil em busca do celeiro,  
Sutil o espreita de um e do outro lado...

Quantas vezes acordo apavorado  
Com o alvoroço desse mau obreiro...  
Coitado! não quer joia nem dinheiro;  
Matar a fome quer o desgraçado.

Pessoas há, no entanto, neste mundo,  
Mais perversas que um rato vagabundo,  
Que vivem a corroer a humanidade!...

Antes nascessem guabirus nojentos  
Que roem só detritos e alimentos  
Sem tal instinto de perversidade!

## O SAPO

Passou todo o verão qual sujo trapo,  
Ao pé do pote, sob a lama impura,  
Temendo o sol, fugindo da quentura,  
Um taciturno e macilento sapo.

Correra da lagoa. Estava escapo  
Da seca, que o jogara a desventura.  
E agora só relembra, com tristura  
As noites que cantara ufano e guapo...

Muda-se o tempo. O fero sol de estio  
Empalidece, e o cururu sombrio  
Rouqueja, e ruge, e ronca, e ronda à toa...

Chove. E ao troar do canto-chão lacustre,  
Foi-se a cantar o trovador palustre  
À festa da enxurrada na lagoa...

Neste momento, do poeta Antônio Telha, fala à minha saudade enternecida...

Continua Antônio Telha, com as tuas poesias, falando aos nossos sentidos, comovendo os nossos corações, declama teus sonetos!:

## SAUDADE

Saudade - suave luz de um sol doirado  
Beijando, à tarde, a terra entristecida;  
Saudade - flor da lágrima incontida,  
Brilhando em pulcro rosto contristado

Avé Maria! o sabiá magoado  
Uma canção cantando em despedida  
E além na mata a juriti, sentida,  
Gemendo em cavo tom, abemolado!

Saudade - nívea tela transparente  
Onde se visualiza o bem ausente  
E a ficção se faz crer realidade...

E, quando - Angelus - plange o campanário,  
Se evolvem do meu peito solitário,  
Quantos sonhos de amor, quanta saudade!...

## DE MIM ELA FUGIA

Amar a "courtisane" é uma loucura,  
É navegar sem rota, é não ter vento;  
Supor domá-la é querer domar o vento,  
Tentar prendê-la é pálida ventura...

Amei, de certo, a trêfega criatura,  
Cujas volúpias eivavam o sentimento  
E cujo beijo insonte e violento  
Tinha do vício a natural secura...

Vivia, assim, sedento dos seus beijos;  
Em mim crescia a febre dos desejos...  
De mim ela fugia pouco a pouco...  
E, tarde já, caiu-me a cruz dos ombros:  
Ela partiu, deixando só escombros,  
E desgraçado, o leviano e louco!

## NA IGREJA

"Procuro vê-la em torno à multidão  
E ante meus olhos tudo está deserto...  
Ela não veio, que desilusão  
Sente o meu EU a divagar, incerto!..."

Estou na igreja. Faço uma oração  
E rogo à Virgem Santa um meio certo

De ver a eleita do meu coração  
E todo amor lhe confessar de perto...

Ela não vem. Meu peito apaixonado  
Geme, mas ah! meu DEUS, se for pecado,  
Perdoa, Pai do céu, os erros meus!

Sim, por ela aqui vim unicamente,  
Com devoção a quero e amo consciente,  
Mais, inda mais do que a TI, meu Deus!

### O DESTINO DAS COISAS

Plantei um coqueiro anão  
No fundo do meu quintal,  
Dei-lhe trato especial  
Durante todo o verão.

Logo mais chegando o inverno,  
Foi-se empinando o coqueiro,  
Fez-se o alvo do terreiro,  
Viçoso, nobre e moderno.

Mais adiante um coqueirão,  
De cima do seu penacho,  
Via o coqueirinho baixo  
Acocorado no chão;

E vendo-o tão meigo e belo  
Irritou-se lá do cume  
E, no auge do seu ciúme,  
Transformou-se em camartelo.

Como o grande nesta vida  
Não deixa o pequeno em paz,  
E toda miséria faz  
Negando pão e guarida,

O malvado do gigante  
Atirava, sem piedade,  
Coco seco em quantidade  
No coqueirinho galante!

E, enquanto cocos jogava  
Em cima do irmãozinho,  
Estiolando o coqueirinho  
O coqueirão gargalhava!...

E do mal jamais se arreda,  
Sovina, surdo, somítico,  
Tal qual um soba político  
Que nunca pensa na queda!

Não há mal que não se acabe  
Nem espinho que não fure,  
Não há bem que sempre dure  
Nem torre que não desabe!

Seja grande ou pequenino  
À pena não foge em vão,  
Nem contraria a razão  
Da própria lei do Destino!

E um dia foi mesmo assim:  
De pronto um raio certo  
Fuzila o velho coqueiro,  
Dando ao mau um triste fim!

E da torre em desalinho,  
Tombando morto no chão;  
Foi dormir o coqueirão  
À sombra do coqueirinho!

#### TARDE DE MAIO

Apolo vai se ocultando  
Na penumbra do poente;  
E a terra d'ouro esmaltando  
A beija mui docemente.

Da várzea, os ares cortando,  
Os bandos de passarinhos,  
Ruflando as asas, cantando  
Voltam buscando seus ninhos.

No jardim (como me apraz)  
Assistir, de quando em quando,  
O colibri um lilás,  
Um cravo; um lírio osculando!

Além, o sino plangente  
Com esse som que nos crucia,  
Ressoa dolentemente,  
Proclamando a Avé Maria...

E, enquanto beija nesta hora  
A brisa às mimosas flores,  
Eu rogo a Nossa Senhora -  
Um bálsamo às minhas dores!...

Inúmeras poesias de Antônio Telha foram perdidas e por ele próprio dispersas, que, sabíamos, não guardava as suas joias com o carinho necessário para uma busca mais tarde. Era boêmio e filósofo, e o boêmio, e o filósofo, já que não têm dinheiro para desperdiçar, perdiça o capital do espírito, comovendo com tal gesto os corações que vibram e sentem.

Poderíamos mostrar e oferecer aqui um melhor cabedal desse coração e desse poeta que foi Antônio Telha. Não o podemos porém, pelos motivos citados. Antônio Telha não era só poeta, era, também, artista e músico, bacharel, contador, guarda-livros e literato. Se não brilhou com todas essas facetas do seu espírito foi porque não dava valor ao seu talento. De todas, duas o atraíram: a de contador e a de guarda-livros. No exercício dessas duas especialidades o encontrou a morte naquela manhã de sol de 1 de fevereiro de 1953.

“ABRINDO O LIVRO DO PASSADO” presta-lhe uma homenagem sentida, fazendo esse ligeiro florilégio da vida que foi sua, do talento que Deus lhe deu.

## 14 - A VOZ DAS COUSAS

Nasceu numa fazenda em São João do Cariri, sem dúvida nenhuma tangeu bodes antes de procurar a cidade. Foi crescendo, crescendo. Menino ainda, deu-se ao ofício de ferreiro. Duro ofício o da forja e da bigorna. Tornou-se rapaz e sempre ferreiro, sempre de malho e tenaz à mão, na boca da forja. Pouca gente sabe o que seja essa arte e o que significa a forja para quem nasceu ferreiro. Homem, casou-se e constituiu família, e sempre ferreiro, na forja a queimar carvão de canafístula, caldeando o ferro, e batendo facas de ponta. Criou filhas, casou-as todas, viu-as morrer uma a uma, e sempre batendo facas. Só os que trabalham no ofício de ferreiro sabem o quanto de calor, de suor e de sofrimento essa arte, tão árdua quanto ingrata, acarreta às criaturas incrustadas nela.

Suar, suar muito, retesar os nervos, ficar mascarado de pó de carvão, trazer os olhos em brasa, as faces queimadas, as mãos calejadas pelo ofício, ganhando pouco, eis a sorte de quem nasceu ferreiro, criou-se ferreiro e cansou na forja, como o velho Martini-ano Marques da Costa, encurvado como um bodoque, que a morte levou no dia 5 de março de 1947, com a idade de 105 anos, pobre como não mais poderia ser, pois nem sequer teve um cuidado filial, o carinho de um neto a lhe minorar as agonias dos seus últimos dias de vida. Morreu-lhe a primeira filha, a segunda também, e ele foi ficando, envelhecendo e envergando o corpo, por força dos anos... sem um desespero e sem uma queixa, trazendo oculta a sua dor, esquecido, a esmolar na última etapa da vida, porque os seus braços cansados, o seu corpo sem forças e suas mãos trêmulas já não sustentavam a tenaz para estirar o ferro na bigorna, sua companheira de tantos anos, que nunca o deixou sem pão. Torturado viver! Quanta diferença na vida humana! Não fôra justa a balança de Deus, se lá no céu não houvesse um equilíbrio no desespero, seria horrível o viver da pobreza. Viver pobre não é nada, porque pobre foram Jesus, Job e João Batista. O ruim é viver sem ninguém, vendo apenas uma luz na distância...

O velho Martiniano Marques assistiu ao desenvolvimento de várias vidas, alcançou tempos em que, para se ser rico, era só trabalhar e acumular, no comércio, na indústria e na arte mecânica, mas nasceu ferreiro, e o ferreiro foi sempre sem sorte, é como o salgueiro que cresce longe das margens do rio: medra, mas definha, não cresce no volume, até que o tempo lhe enfraquece o cerne e o prostra, sem vida. Cumpre-se, assim, o destino. O velho Martiniano Marques viveu da forja e morreu na forja. A forja o sustentou em vida, a forja o amparou na morte. Ninguém compreendeu, talvez, por que a cabeça do seu caixão mortuário pousou na sua forja e teve, ao lado o malho que lhe calejou as mãos e a tenaz que lhe endureceu os dedos. A um canto, dependurada, estava também a sua rabeça, de cordas frouxas e arco sem brilho, sentindo, quem sabe lá?, a perda do espírito que tanto o fez vibrar em noites de festa...

Alexandre Dumas asseverou que as coisas têm voz e pensam na gente. É o mistério de Deus, que o homem investiga e procura entender, e quanto mais se curva pensando, mais se embarça. O Infinito só o Infinito entende. O poeta Menotti, no seu poema "Juca Mulato", não esqueceu essa parte misteriosa da voz das coisas. Juca Mulato teria partido para longe, martirizado por uma paixão, se as coisas que o viram crescer - o coqueiro, a terra, a enxada, a floresta e o seu cavalo Pigarço - não lhe dissessem:

Tu queres esquecer? não fujas ao teu tormento...

Só por meio da dor se alcança o esquecimento  
Não vás. Aqui serão teus dias mais serenos,  
Que na terra natal, a própria dor dói menos...  
E fica, que é melhor morrer (ai bem sei eu!)  
No pedaço de chão em que a gente nasceu...

Pode parecer estranho, mas não deixa de impressionar a voz de um fruto maduro, quando se nos mostra no alto do galho. Pelos sentidos compreendemos a sua súplica por entre as folhas, pedindo que o colhamos, pois teme o baque na terra. Está assim explicado por que o caixão mortuário do velho ferreiro pousou na sua forja e no tamborete em que se sentava, cansado, para malhar o ferro. Ponteiro imenso do relógio de Deus, marcando os dias da vida, minutando os passos da morte!

Certas criaturas têm a mesma consistência da aroeira. Desta árvore nenhum bicho rói o cerne, só o lenhador consegue deitá-la por terra a golpes de machado. E desse sacrifício tira ele o pão para os filhos nus, que deixou em casa, com a mulher, cozinhando o feijão muitas vezes sem carne e sem sal, talvez porque o vendeiro não lhe quisesse fiar. O comércio é assim - enriquece as naturezas, aumentando-lhes a ambição. Vive do reclame e da mentira. Como é hipócrita, não acredita na lágrima da necessidade. Não tem coação, tem ventre; não tem rosto, tem cara; é dotado de garras como o tigre; se fosse peixe, seria tubarão, é um polvo monstro, cujas ventosas nunca se fartam. Querem exemplos? Vejam o preço do pão, dos remédios, e das mil utilidades de que se carece para viver. Enquanto se regalam as grandes firmas comerciais, a ralé vai chorando, se arrastando nua e doente, e a fome vai-lhe minando as energias, desvitalizando-a e enfraquecendo-a cada vez mais.

Saltei da vida do velho ferreiro, arrastado pelo carretel da imaginação. Chegemos ao fim da história do velho Martiniano Marques, que na mocidade tocava rabeca, mas sempre batendo facas. Tocava flauta, mas sempre batendo facas, sempre caldeando o ferro. A política o envolveu certa vez, em Campina Grande. Na questão do "Rasga-Vales" teve atuação saliente, o que lhe valeu fugir para não ser preso. Governava Campina Grande, nesse tempo, o cel. João Lourenço Porto, e chefiava a oposição o "gringo" Cristiano Lauritzen, membro destacado do Partido Autonomista. O processo, que atingiu aos políticos e aos comerciantes, agarrou também o velho Martiniano, que desapareceu, senão teria seguido preso para o Rio de Janeiro em companhia de Cristiano Lauritzen, Dr. Espínola, Lindolfo Montenegro e Joaquim Henrique de Araújo, que em 1895, quando estourou a levante do "Rasga-Vales", era comerciante em Campina. Joaquim Henrique faleceu há bem pouco tempo como major reformado da Polícia, na Capital do Estado.

Três cidades conheceram os dotes desse ferreiro batedor de facas. Morou 40 anos em Natal, 35 em Fortaleza e 30 em Campina Grande, onde a morte o aberturou, levando-o, encurvado, para o fundo da terra, para onde vão os heróis e os mártires, os grandes virtuosos e os grandes pecadores, os grandes santos e os piores malvados.

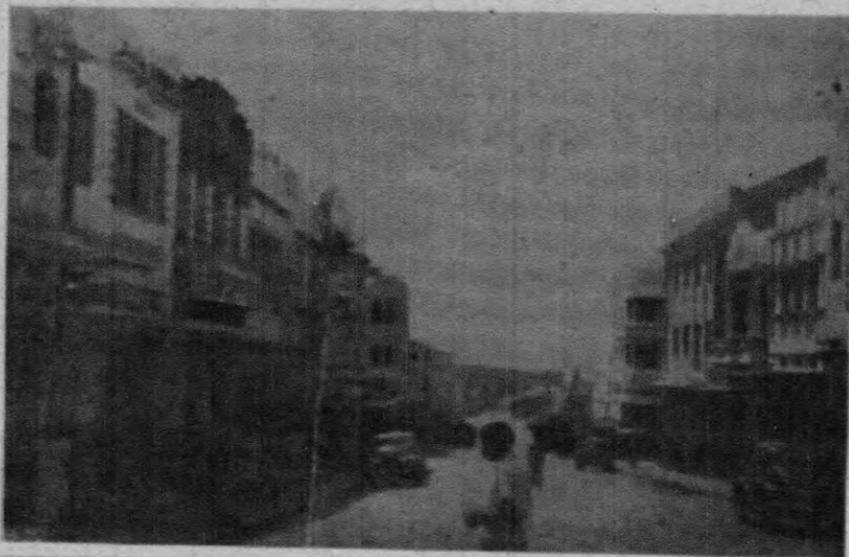
Ninguém mais se lembra desse velho ferreiro, que tanto trabalhou, e na velhice teve os dias mais amargos de sua vida. Só uma

criatura, no mundo, dará pela sua falta, sentirá a ausência do seu apoio: sua terceira mulher, que o acolhia com carinho, quando voltava para casa encurvado e trêmulo, com a sacola em uma das mãos cheia dos bens da caridade. Devemos crer no amor, porque faz a dedicação, e leva até ao sacrifício, sem um arrependimento, sem uma lamentação, “transformando em luz a treva densa”.

Não fôra a água de chuva com que o amor banha a alma humana, quem resistiria viver?

KHÁYYÁM tem razão: “Como é vil o coração que, incapaz de amar, não pode conhecer o delírio da paixão!... Se não amas, és indigno do sol que te ilumina, da lua que te consola”.

Tudo faltou, na hora da morte, ao velho Martiniano, menos o amor da sua última companheira da vida...



Rua Venâncio Neiva - Actual

## 15 - TEMPO BOM! TEMPO DE DEUS!

Lembro-me que na minha meninice as coisas da vida, que faziam ser mais encantadores os festejos de São João, eram atraentes, tinham mais beleza, e os homens, casados ou solteirões, ao lado daquelas que se enchiam de vivacidade, gozavam de melhor conceito do que os da época atual, pois divertiam-se com virtude, soltando fogos de artifício, indo às novenas, respeitados e respeitando, dando gargalhadas, quando um fogo de artifício ou do ar errava o rumo, estourando no chão, por imperícia do soltador ou mesmo por defeito de fabrico, e, quando, estirando os balões, tocavam fogo nas mechas para vê-los subir ao céu em homenagem ao santo. Balões fabricados por professor Balbino e Licurgo de Oliveira, dois velhos artistas campinenses que passaram pela vida como passam as formigas que escapam da língua do Tamanduá, mas não fogem do tação do destino. Licurgo era fiscal e acendedor de lampiões da rua, e professor Balbino mestrava música e era artista concertador de máquinas.

Não podemos recordar esses festejos sem virar as páginas da memória, com cuidado de ourives, com vagar, para não ferir o amor próprio dos descendentes daqueles que trazemos ao pensamento nessa hora de recreio pelo passado, como bons ou maus, sinceros ou hipócrita, gaiatos ou circunspectos, como certos passadores de rosário em dia de procissão, abafando os gritos da consciência.

Lembro-me que até 1920 os festejos das noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, eram mais álcres em derredor das fogueiras, com lenhas buscadas na mata de "seu" Uchôa, antigo "Esfola Bode", e hoje Rua João Maria de Souza Ribeiro; na mata do Dr. Irineu, que compreende as ruas Índios Cariris até onde começa a Rua Monte Santo; nas capoeiras dos "Currais", hoje transformadas nos bairros Santo Antônio e José Pinheiro. Tempo bom! Tempo rico! Tempo de Deus! De muita fartura, que todos, pobres e ricos, tinham um roçado atrás de casa e um curral de gado para dar e vender leite sem água, que coalhava com o frescor do dia. Milho verde não se comprava nas feiras: os compadres do mato traziam

de presente para os compadres da rua. No meio das cargas vinham os afilhados para tomar a bênção aos padrinhos.

Encanto, poesia, fartura, honestidade, moralidade e tudo que cheirava a bem completava a alegria de viver dos nossos avós. Tempo em que os nossos pais ditavam a obediência, coisa que os nossos filhos não ousam: ouvem falar, apenas. O materialismo utilitário tudo desgraçou. Os filhos não respeitam mais os pais, tratam-nos por tu, você e pedem-lhes até fósforo para acenderem o cigarro, alunos não consideram os mestres, aqueles mestres, utilitaristas, roubam as horas de aula, e são roubados no seu trabalho, porque o Estado os recompensa mal. A ganância e o lucro fácil estão completando essa triste obra que, se não arruinou ainda de todo a sociedade, é porque não desapareceu ainda o sopro de Deus, que nos chega através da árvore da vida, que é sempre verde, e da pregação dos templos, dos ensinamentos das cátedras e da água doce e pura que escorre da alma dos poetas e dos filósofos, gente que ao desaparecer deixa um rastro de ouro e de luz, que os sem sensibilidade espiritual não conseguem apagar. Viva, portanto, a luz! A treva é do bicho, a claridade é do homem!

O pipocar dos foguetões, nas vésperas de São João, trazem à sala de minha memória a figura do velho João Martins Guimarães. Esse homem, quando vivo e rico, homenageava com petardos de taboca o seu santo padroeiro, e, ao seu lado, vejo Francisco Afonso e Linó Gomes da Silva.

João Martins tinha o apelido de “João Bodão”, posto por Francisco Afonso, por causa dos grandes bigodes que lhe enfeitavam o rosto. Francisco Afonso, o de “Perua Preta”, posto por João Martins, em represália, porque Francisco Afonso era magro, espigado e andava sempre de preto. Tornaram-se inimigos irreconciliáveis. Eram vizinhos no comércio, na Rua Maciel Pinheiro. A casa de João Martins era de ferragens e aviamentos para celeiros e chamava-se “Bazar Industrial”; a de Francisco Afonso, de tecidos, denominada “Loja da Lua”, com uma grande lua pintada no frontão, coisa mesmo de doido, pois seu Chico Afonso, diziam, era doido. Eram dois bons viventes, muito honrados, e no comércio tiravam para viver o que a macacheira extrai da terra para crescer: a seiva. Comerciantes criteriosos, do tempo em que se comprava em “Conta Corrente”. Diferente do de hoje, em que os banqueiros suam para receber as duplicatas que lhes chegam para cobrança.

O velho Francisco Afonso era muito endiabrado e não deixava de azucrinar o seu vizinho. Certo dia, achava-se no estabelecimento do seu amigo Lino Gomes. O Cão cutuca-o e lhe dá uma ideia, levanta-se de repente e diz para Lino Gomes: Lino Peixe, queres ver eu tirar uma argolinha na casa de João Bodão?

O amigo sorri maliciosamente, como quem aplaudindo o engraçado gesto de “Perua Preta”, e diz: “Deixa de ser doido, Chicó!

- Eu vou!...

E sai numa disparada maluca, atravessa a rua, entra no “Bazar Industrial” por uma porta e sai por outra, derrubando o mostruário de caçarolas, bacias e caldeirões que “seu” João Martins tinha exposto nas portas como chama.

“João Bodão” mune-se de uma trave e vai em busca de “Perua Preta”. Esbarra na “Lua”, isto é, na entrada da “Loja da Lua”. Francisco Afonso havia se escapulido.

De outra feita foi com o próprio Lino Gomes, que ele tratava por Lino Peixe. Em conversa com o professor Clementino Procópio, amigo íntimo de Lino Gomes, agravou ao seu inseparável amigo, chamando-o de imprestável. Lino Gomes teve conhecimento da indiscrição do amigo de todos os dias. Quando Chicó Afonso se apresenta no seu estabelecimento e vai sentando-se na cadeira que lhe acolhia em todos os momentos, Lino Gomes, tomado de raiva, lhe diz: “Velho descarado, você se faz de meu amigo e anda falando de mim! Saia da minha casa! Rua, seu falso!

- É mentira de quem te disse, Lino Peixe, eu vou lá falar de tu!

- Falou, sim, Clementino não mente! Você me chamou de imprestável! Imprestável é você, velho sem-vergonha! Saia, não quero mais vê-lo em minha casa!

E a “Loja da Lua” acolhe o seu dono de fisionomia desalentada... acabrunhado.

De sua parte o “Bazar do Triunfo São José” expulsa o seu amigo com a alma, apesar de tudo, penalizada.

Desse dia em diante passou a “Loja da Lua” a namorar o “Bazar do Triunfo”...

Dois, três, cinco, oito dias. Francisco Afonso não resiste, e na manhã do nono dia, quando o dono do “Bazar do Triunfo” entra no estabelecimento, Francisco Afonso, que já se achava de tocaia, parte da “Loja da Lua”, como partira para o “Bazar Industrial”,

entra e, abraçando o amigo, diz-lhe com lamúria: Lino Peixe, me dá um beijo e acabemos com essa intriga!

E assim se reconciliaram essas duas almas, que se compreendiam tão bem como a voz do amor falando ao coração.

A terra guarda há muitos anos os corpos dos três: João Martins Guimarães, Francisco Afonso de Albuquerque e Lino Gomes da Silva. Francisco Afonso e Lino Gomes, mais felizes, dois túmulos acolhem os seus restos mortais desde 1924. João Martins morreu num asilo distante e teve o destino da vala comum.

Quando morreu Francisco Afonso, Lino Gomes se achava num leito de dor aguardando a morte, ignorando o fim do amigo que se foi primeiro. Um mausoléu guarda o seu corpo no caminho que leva a Pocinhos. Muitas vezes Lino Gomes chamou pela mulher: "Minervina, tira Chico de cima de minhas pernas. Que homem mais impossível!...

Mistério que só Deus entende...

Seria a alma de Francisco Afonso, desencarnada, abraçando o amigo no seu leito de morte? Não sabemos explicar. Os espíritas adiantados esclarecem o assunto e pregam a reencarnação de forma convincente. Os católicos negam o fenômeno. Disse Leon Diniz: "As causas secundárias da vida explicam-se, mas a causa primária permanece inacessível em sua imensidade. Só chegaremos a compreendê-la depois de termos atravessado a morte bastantes vezes" (Depois da morte, p. 127).

O fato, a verdade pura, é que nascemos insensíveis, e se não fora o SOPRO da vida que recebemos quando somos lançados no mundo, não nos desenvolveríamos nem sentiríamos as influências celestiais, pelos caminhos da alma que, dizem, nesse sublime momento, se apodera da pequena porção de matéria em forma humana...

Mistério que só o Infinito entende!...

E os ribombantes petardos de taboca que o velho João Martins Guimarães mandava para os céus na véspera e no dia do seu santo, nunca mais nos avisaram a hora da Avé Maria, nem quando a aurora estende a sua colcha de retalhos japonesa, sobre a terra martirizada pelos homens sem coração e sem poesia. E as noites de São João perderam, e estão perdendo ainda mais, aquele encantamento que nos embevecia ouvindo ler os livros de sorte sob os estalos da lenha queimada nas fogueiras do padroeiro dos maçons.

Tudo passa sobre a terra!...



Festa de bodas de prata da A Fruteira - 1928-1953

## 16 - O BOI DE “SEU” MARTILIANO BISPO

O boi “Calunga”, de “seu” Martiliano Bispo, parecia um beato, pela paciência, e, também, pela docilidade. Há criaturas humanas assim, mansas e resignadas. Não ferem ninguém e nem se mal-dizem da sorte. Aceitam o sofrimento com a resignação de Job. “Calunga” trouxe essa sorte. Era manso de natureza. Não falava, é claro, mas compreendia a voz e os gestos do seu dono. Parece que estou a ver seu Martiliano o tangendo, com uma larga chibata ao ombro fingindo vibrá-la no lombo do seu boi. Nada perturbava o pobre “Calunga”, era, podemos dizer, como um pássaro manso a quem se agrada coçando-lhe a cabecinha. “Calunga” gostava de agradinhos e pendia a cabeça quando se lhe coçava o lombo. Nenhuma coisa o afligia nem mesmo as chibatadas que eram despejadas com força nas ilhargas pesadas de anos por um menino perverso que às vezes o tangia. Apenas olhava de lado, como a dizer: não me bata!

“Meu destino, pensava o pobre boi, foi trocado. Em vez de utilizarem a minha força, aproveitando-a puxando um arado, ou usando uma canga, que é um instrumento próprio para os animais da minha espécie, pois a cangalha inventaram-na para burros e bestas, e eu não sou burro nem besta, e por perversidade, digna do homem, ser que malda e bebe aguardente, furaram-me a venta e puseram nela uma argola. Os meus pobres irmãos de carro são mais felizes do que eu! Sofrem com o ferrão, mas não são humilhados pela cangalha”!

- O infeliz boi, de fato, tem razão. O homem não só lhe explora a força, maltratando-o, como lhe come a carne, quando não pode mais trabalhar.

“Seu” Martiliano era oleiro, todo o tijolo e toda a telha que fabricava eram conduzidos no lombo do infeliz “Calunga”, que fôra por ele domesticado para esse fim. Nunca ninguém soube do destino desse boi paciente e amigo, quando suas carnes ficaram sem rijeza e seus pés fraquejaram. Naturalmente foi sacrificado para

alimentar o dono e os seus descendentes, se não foi vendido como um escravo imprestável.

Envelheceram o boi, seu dono e mestre Bila, o trabalhador mais antigo de “seu” Martiliano filho do revolucionário “quebra-quilo” João Vieira, mais conhecido pela alcunha de João Carga D’água.

Essas reminiscências vieram-me a propósito do que acontecera com mestre Bila, na idade em que os sonhos do amor não ocupam mais lugar em nossa alma, apenas nos aguçam os sentidos para a prática da maldade, que é latente na carne, mesmo na decrepitude.

Mestre Bila era o contrário do que fôra o barão de Laivos, do livro de Abel Botelho. Gostava das extravagâncias anormais.

Certa tarde, vai muito longe o ano, o mês e o dia em que isto aconteceu, Mestre Bila vinha para casa conduzindo sua feira e encontrou-se com João Jota, como ele também com os ombros vergados pelo sofrimento e pelos anos. Por um momento de ternura deu tudo que trazia ao seu camarada, que voltava para casa de mãos vazias. Foram infelizes: aconteceu o imprevisto. Menino, que não é gente, e tem astúcia do Cão, bastou um ter ouvido o que cochichavam os dois velhos e logo outros ficaram sendo sabedores, e se puseram a espreitar. O resultado foi o delegado de polícia, Benedito Machado, que morava na redondeza, ter intervindo, conduzindo os dois “amorosos” para a cadeia, acompanhados por um cortejo tão barulhento e galhofeiro quanto uma quadrilha de Pedro Raimundo, em Noite de São João, soltando fogos Caramuru.

Desse acontecimento, que nunca mais me saiu dos ouvidos, ficou uma cantiguinha assim:

“Seu” Bila foi prá cadeia

João Jota prá vistoria...

- Ai, “seu” Bila,

Se eu soubesse não queria...

Lembrando-nos dessas figuras que o tempo ainda não esqueceu, ficamos comovidos, porque é do repositório do passado que extraímos as melhores coisas que ilustram o nosso espírito e enchem de saudade e de pena o nosso coração... “Seu” Martiliano

como seu boi “Calunga”, mestre Bila e “seu” João Jota, se foram da vida, levados pela morte. Seus ossos desapareceram na vala comum como os de muitos pobres cujas covas não têm nomes nem números...



Colégio Pedro Otavio - 1915

## 17 - A GUISA DE CONTO

Brincar de memória é um excelente vagar. Montar no cavalo do tempo - cavalo cujas rédeas são feitas com as fibras da eternidade - e transportar-se a gente para o parque, alegre ou triste, de quando se foi criança, encanta o nosso espírito. Foi o que fiz certa manhã, cedinho, caminhando para a feira, quando avistei um bando de meninos que, pela idade, deviam estar dormindo àquelas horas, de balaio nas mãos ainda não calejadas, à procura de fretes. Então saltou na minha frente o garoto que foi o meu camarada Alexandre, vivaz, satisfeito, também com o seu balaio à cabeça conduzindo a feira de "seu" José de Sousa Monteiro, coletor federal, residente no Largo do Rosário, hoje Praça da Bandeira, bem ali onde está erguido o palácio dos Correios e Telégrafos; nesse tempo um pequeno "chalet" elevado, e mais adiante, já melhorado e aumentado, morada do Cel. Demóstenes de Sousa Barbosa.

Aquele meu camarada passou pela tenda de sapateiro, como aprendiz; pela de ferreiro, como prático, e como pronto pela de tipógrafo, no "Correio de Campina", compondo artigos e fazendo avulsos, tendo como mestre o Sr. Sebastião Alves de Oliveira, e como companheiros: Luís Alves Correia, Aristóteles Tavares de Sousa (Sinhôzinho), Soares de Avelar, Caetano Xavier (falecidos), e Severino Matias de Oliveira, hoje advogado no Rio de Janeiro, ocupando ainda o posto de linotipista de "O Jornal", dos Diários Associados, por não querer abandonar a arte que lhe deu personalidade. Antes dessa fase, meu camarada, depois da hora do ABC ia pegar bolsas de viajantes para conduzi-las para o hotel de "seu" Zé Bernardino ou de "seu" Zé Patrício, os dois melhores pousos existentes em Campina Grande, nesse tempo.

Comovem-me os meninos pobres de hoje, mais infelizes, mais desgraçados, em bandos, pelas ruas, abandonados, desprotegidos, roubando e se viciando, sem uma providência que os conduzam a um porto de salvação. Toca-me esse outro sofrimento: os pais dessas crianças, esfarrapados, doentes, desgraçados, que também são vistos na Rua Afonso Campos, na embocadura da feira, de balaio

à mão, esperando frete. Enquanto isto os aproveitadores políticos, aventureiros viciados, desfalcam o erário público e dormem a sono solto, esquecidos do dever que têm de proteger esses infelizes que se arrastam sem sorte pelas ruas.

Angustia-me também o coração a onda de mendigos que expõe as suas chagas e estira as mãos crispadas, recolhendo-as vazias, porque poucos são os que dão esmola hoje em dia, não porque deixem de se comover, mas devido à desgraça que os homens públicos, mandantes do Brasil, estão implantando na sociedade, com seus vícios e roubos, menosprezando a dor das ruas e dos asilos de caridade, sem pagarem certo e pontualmente aos hospitais, estimulando o crime, desenvolvendo a imoralidade administrativa, protegendo os delapidadores das autarquias e, por cima, tornando a vida da nação insuportável, concorrendo para o encarecimento das utilidades e dos gêneros necessários à subsistência. É o caso de se dizer, imitando Rubem Braga: Brasil, toma cuidado, senão tu te estrepas!

Não quis o destino, este senhor absoluto das nossas ações, que Alexandre prosseguisse na carreira das artes: jogou-o, ainda frangote, num balcão do interior como caixeiro de segunda classe, numa cidadezinha atrasada. Não sabia vender nem medir, muito menos expor à vista dos fregueses as mercadorias do Bazar. Encontrou aí um seu conterrâneo, Antônio de Castro ("seu" Tota), que tudo lhe ensinou, lhe pondo a par dos costumes da casa. Ativo como era, não custou muito a se habituar à nova ocupação.

Depois de alguns meses, Alexandre foi despedido da casa, onde trabalhava vontadoso de marcar um tento no quadro da fortuna. Apaixonou-se por uma filha do patrão. Tal e qual o Juca Mulato, do poema de Menotti: vaqueiro, enamorou-se da filha da patroa, depois da troca de um olhar singular que a moça lançara sobre ele. Sentiu bater-lhe, com força, o coração tocado pelo amor. E que amor! Um amor inatingível, desse, que, uma vez sentido, nunca mais se deixa de sonhar e de sofrer. Quem ama assim, não tem tranquilidade: uma coisa, feliz ou desditosa, grita dentro do peito daquele a quem fere um olhar, como feriu a Alexandre!

A menina era rica, prendada e tinha o encanto e a voluptuosidade do beija-flor saudando as rosas ao romper do sol. Gostava de tentar os moços e de lhe ferir os corações. Seus olhos eram negros e grandes, vivos, brilhantes. Seu corpo tinha linhas perfeitas, ten-

tava mesmo em traje simples. Trajava como uma princesa. Todas as tardes vestia-se a rigor e ficava em sua calçada, sentada, a insultar com seus olhos de beduína, rasgados e negros, a quem passava. Era uma fascinação. Muitos outros, antes de Alexandre, sentiram o fogo da paixão queimar-lhes a alma, deixando-a inquieta.

O Destino, tempo depois, marcou um encontro pouco atencioso com essa jovem volúvel e formosa, dona de si, sertaneja sedutora. Casou-se com um moço pobre, mas não foi feliz. O pai arruinara-se no comércio. A fortuna deu-lhe as costas, adoecera e ficou hemiplégico e pobre. Rolam os anos. O que fôra um solar de fartura e alegrias tornou-se num lar modesto, mas probo. E Lucinda, de palmo a palmo, no desconforto, depois de ter muitos filhos, morreu-lhe o marido. Fica sozinha no mundo, sofrendo, enfrentando a vida com coragem e esperança, sem perder, porém, o vivo entontecedor dos olhos e o sorriso de guizos que lhe enfeitava o rosto bonito, na linha honrada que herdara dos seus ancestrais. E muito sofreu e ainda sofre - embora com os filhos crescidos e entregues cada um ao seu destino. A vaidade passada morrera nos panos humildes do presente.

Quando Alexandre deixou Tapera onde sonhou com um “batel de rósea cor”, não o fez sem lá deixar a voz do coração e um pouco do espírito, que ainda hoje o acompanha, assistindo ao enterro das suas últimas ilusões...

Fria a chama do amor impossível, decorridos alguns anos, com outra se uniu, e; hoje, galgando a estrada íngreme da velhice, marcha para o ponto final da vida, certo, porém, de que nada o fará maldizer o seu destino bom. Assim como retrata neste soneto, feito em 1947, quando atingiu os cinquenta anos de idade:

## CINCOENTA ANOS

Cinquenta anos de vida completei,  
Sonhei, lutei, vibrei e fiz leitura,  
Muitos fardos pesados carreguei,  
Buscando sempre a luz, achei ventura.

O topo da ladeira eu alcancei,  
Espero em Deus descê-la sem agrura,  
Conduzo um saquitel que preparei  
Confeitado de fé e de ternura.

Já estou sentindo o coração cansado,  
Mas, vou, na nova estrada, sorridente,  
Levando um cofre de esperança ao lado.

Hei de atingir, depois, maior idade,  
E se ficar velhinho, assim, contente,  
Recordarei a vida com saudade...

A vida não é senão um mar revolto, pesar de parecer a muita gente “um lago azul sem ondas sem espumas”. No princípio experimenta-se como se fosse um licor de fino sabor e toma-se forte dose; vem a embriaguez: a mocidade e, com a embriaguez, a fortuna: os sonhos alcançados. Depois tudo vai mudando com o andar inexorável do tempo, e a natureza, e o físico vão se irritando, até que uma onda forte de desânimo faz soprar e prostra cansado o nosso coração: é a velhice. E começa-se a ter medo, a perder terreno dentro da vontade, que afracou com o adiantado da idade.

Uma vida muito longa pode parecer um presente do céu, mas a velhice, mesmo confortada pelo carinho dos netos amorosos, ou dos filhos dedicados, não tem encanto, pois é evidente que a maior dor é a própria vida, e uma vida longa traz transtornos ao portador.

Voltaire disse: “A vida é um círculo de dores” (Bíblia da vida, pg. 139)\*.

Amante da verdade, foi encarcerado na Bastilha duas vezes, e uma vez mandado surrar pelo cavaleiro de Rohan, e teve diversas moradas temendo perseguições e para sua segurança pessoal. Tantos movimentos causam dores. Talvez repouse aí a causa do pensamento que reproduzimos.

Não obstante esses pontos esclarecedores da realidade do viver, o meu camarada Alexandre vai para a frente, com o espírito cheio dessa verdade, sorrindo sempre porque sabe que o sorriso é o maior inimigo da mágoa e olvida a dor, como a bonança faz esquecer a tempestade...

---

\* À frente, página 124, a obra *Bíblia da Vida* é atribuída a Guerra Junqueiro. Nota do Editor.

## 18 - RUA MONSENHOR SALES

Pouca cousa temos a contar desta rua. Como todas as demais ruas de Campina Grande, a Monsenhor Sales passou por uma radical transformação, no governo do então prefeito Dr. Wergniaud Wanderley, agora no alto cargo de ministro do Tribunal de Contas. O alinhamento da rua, no seu novo aspecto, deveria ter obedecido ao prédio conhecido por "31", onde se lê, numa saliência do seu frontão principal, "Pavilhão Epitácio Pessoa". A sua frente está hoje tomada pelo "Edifício do Livro", de propriedade do livreiro José Pedrosa. Se o alinhamento tivesse partido do citado "Pavilhão Epitácio", a artéria teria ganho mais beleza e teria ficado paralela à Presidente João Pessoa.

Essa Rua Monsenhor Sales foi, de começo, uma rua gaiata e de gaiatos. Como a Rua Grande, a atual Maciel Pinheiro teve também a preferência dos que divertiam e se divertiam nela, até o desaparecimento do hotel de Zé Bernardino, da barbearia de Francisco Rufino, da venda de "seu" Henrique Cabelão, dos quiosques de dona Cosminha, de dona Aninha, de dona Zefinha Matias etc. etc..

Mudou de nome muitas vezes: assim é que se chamou "Beco da Onça", por causa de uma onça lá exposta como caça-níqueis; "Beco do Jogador de Espada", por causa de um casal dado a esse meio de vida que, aos sábados, jogava espada, e pagava-se 200 réis para se assistir à luta amistosa entre marido e mulher; "Beco do Hotel de Zé Bernardino"; "Beco do Açougue"; "Beco do Atoleiro", por causa do grande lamaçal que se formava nos dias de chuva, até que veio a nomenclatura municipal e lhe deu o nome de "Independência", trocado, mais tarde, em 1929, pelo de "Monsenhor Sales", o atual, em homenagem a esse pároco colado que dirigiu a paróquia campinense durante cinquenta anos.

O seu comércio sempre foi intenso, desde o tempo dos comboios. Quiosques, bodegas, mercearias, casas de arreios, casas de redes, quitandas etc. etc.. Aí moraram e negociaram Henrique Cabelão, José Elias, o velho José Matias, professor Balbino, dona

Aninha com o seu quiosque, dona Cosminha que vendia arroz doce, José Tomaz com a sua quitanda, João Macedo, “Seu” Wanderley e seu Tomaz Bezerra, negociante de estiva em grosso. O velho Wanderley explorava o ramo de arreios, comércio muito lucrativo, antes da invasão dos caminhões. Sulpino Colaço, o endiabrado boêmio das gargalhadas francas, encontrou-se aí com um bêbado, depressa entra na casa do velho Wanderley e põe uns chocalhos no pescoço para dar um encontrão no colega. O bêbado, estendido no chão, gritou: “Chô besta braba danada!

José Bernardino era outro desgraçado para fazer diabruras. Seu hotel era o mais popular e conhecido da cidade, e a sua verve também. Chegou a se popularizar pela sujeira e pelo trato original que dava aos hóspedes. No seu hotel os porcos e as galinhas comiam por debaixo da grande mesa, beliscando os pés dos comensais, e seu çachorro cinzento tinha regalia de hóspede, ao seu lado. A cozinha era tão perto das cocheiras de animais que os cavalos metiam as cabeças pela janela para darem um bom dia a dona Dondom, de boa natureza, igual ao marido.

José Bernardino zangava-se com quem fizesse qualquer crítica a seu hotel. Certa vez o cel. Demóstenes Barbosa mandara saber por quanto ele daria pensão a um seu auxiliar. O hoteleiro, quando soube de quem se tratava, retrucou: “O quê! é prá Demoste, não dou não, um filho dele passou na minha calçada e gritou: Hoté ispora!

- Um domingo, pela manhã, estava José Bernardino tomando sol em sua calçada quando passava um velho respeitável seu conhecido que vinha da missa, seguido de três filhas. Estava com raiva por ter visto as meninas namorando na Igreja. Defrontou-se com José Bernardino e disse:

- Olha, Zé, muié é bicho do diabo, essas meninas estavam namorando na Igreja. No dia que eu me zangá parto elas pelo meio!

- José Bernardino retrucou: “Quando parti, o pedaço de baixo é meu!...

O que acontecia na Rua Grande (Maciel Pinheiro), repercutia no “Becó de Zé Bernardino” (Rua Monsenhor Sales). Quem não se lembra da negra Vicença, pedindo tostão a Fuad Géa, “pá compá de bacaiou qui tava de resguardo”... doente do ute”?...

- De “Monsenhora”, que se intitulava de noiva de Monsenhor

Sales; de Lamparina, de “Rosbac”, uma doida muito gorda e muito fedorenta, de “Minas Gerais”, uma mulher de 120 quilos, que deixou o marido em Soledade e veio para Campina se prostituir? De Cobra Dágua, cantando a canção do padeiro, ritmando os passos:

O padeiro quando morre  
Vai pro céu das formiguinhas,  
A mortaia que ele leva  
É pão doce e bolachinha.

Essa noite à meia noite  
Um pinto piô no ovo,  
Foi a muié do padeiro  
Que teve um paderim novo.

De “Zepelin”, um aleijado que andava se arrastando em cima de uma circunferência de sola, e parecia uma toceira de qualquer coisa asquerosa. Estava sempre às voltas com a polícia. Esse aleijado tocava viola e gostava de dirigir galanteios às mulheres. Um dia, ele, bêbado, dentro de uma poça de lama, soltando lorotas na rua, no momento em que passava uma mulherzinha do povo, Zepelin jogou-lhe um galanteio e teve por resposta uma praga. O aleijado pipinicou a viola e cantou:

Ó mulher essa tua natureza  
Foi dotada pela mão do Criador,  
Vou morar, vou viver bem distante  
Para não ver outro amante  
Gozar do teu amor...

É assim a história das ruas, e a gente, abrindo o livro do passado, encontra sempre uma página de tristeza ou de saudade...

Tudo isto passou como passaram a “Bexiga Lixa”, o “Cólera”, a “Bubônica”, males da sujeira em que se desenvolvia e crescia a cidade, até quando chegaram os Postos de Saúde, o Hospital Pedro I, o Saneamento, a água de Vaca Brava, a Maternidade, as praças, as Avenidas etc. etc..

E depois... E depois...

## 19 - DR. LUIS GOMES DA SILVA

No dia 7 de dezembro de 1951, dia triste para as letras e o jornalismo campinense, levamos para o Cemitério do Carmo o corpo inanimado do Dr. Luís Gomes da Silva. E lá, ao lado de seus pais, major Lino Gomes da Silva e dona Minervina Gomes da Silva, o deixamos com as nossas lágrimas, para que os vermes, que lhe roeram primeiro os pulmões, com mais razão lhe devorassem o corpo inteiro, respeitando os ossos, quinhão do tempo, aniquilador paciente das coisas. Toda Campina Grande, isto é, a que, com espírito, vê, analisa e julga os homens de inteligência, conhecia Luís Gomes, um corpo com alma, que foi lançado no mundo e derramado no grande palco da vida, para levar de vencida, sorrindo, bebendo, fumando e servindo àqueles carecidos de auxílio, tudo que fosse preocupação.

Só os que encaram a vida sem o lustro da vaidade e sem hipocrisia, esse apanágio de certos rezadores de benditos nos desfiles religiosos, enfim, dos que amam a vida pelo que ela lhes oferece de prazer, podem compreender o que seja uma existência como a que levou Luís Gomes, durante os seus 52 anos de idade.

É preciso que se tenha um coração folgado pela brandura e profundamente cheio de caridade, para então se julgarem os passos da vida desse jornalista exímio, que a terra retém no seu seio misterioso. É bom que se diga: Luís Gomes nasceu para servir e ser útil ao espírito nas horas, ou em todas as horas de humildade. A sua tendência, desde o tempo do seu vagar pelos colégios e pela academia, foi para servir às causas para as quais a sua alma e a sua pena se voltavam. Sabemos dos seus impulsos nas horas de boemia e de lutas políticas, onde ele se mostrava como nascera: bondoso, pacato e cheio de humildade. Não era e nunca se mostrou oportunista, desses que enchem as salas dos palácios públicos, dos clubes, dos partidos políticos, dos ambientes, do comércio e da indústria; um desses espíritos aventureiros, que, tangidos de longe, se insinuam e se infiltram em qualquer meio para tirar proveito,

não: Luís Gomes, como Silvino Lopes, era a humildade em pessoa, a sinceridade, o coração desmanchando-se em prestimosidade entre os carecidos de auxílio para viver ou trabalhar. Gente assim, alma assim, não tem a terra nem os homens a seu favor, tem, sim, o céu, que lhe compreende os gestos. Ninguém se meta a dar voltas no seu destino, que se sai mal. Conhecendo isto, foi que Luís Gomes nunca mudou de trilha, nem procurou agradecer fingindo.

Morreu quase esquecido, vítima dos gozadores de palácios, dos que careceram de sua pena de jornalista fluente para alcançar as posições dos seus desejos, das suas ambições. Nunca se lembraram dele para uma recompensa à altura dos seus esforços. Uma lágrima se fez sentida na sua hora derradeira: a lágrima dos intelectuais, verdadeira, caindo no seu caixão mortuário. Quando dizemos intelectuais, compreende-se, dos que conviveram com o seu espírito, conheciam o seu talento, longe da lama política e da prosa interesseira.

É muito comum o desapego às coisas da riqueza e do luxo em homens como Luís Gomes. Poderia ter sido rico e vaidoso da sua inteligência, mas não o foi. Filho de pais ricos, se o quisesse, teria feito multiplicado o quinhão de fortuna que herdara dos seus genitores, mas o que está escrito, e que nasce e marcha escrito, tem força.

**É louco intento**

**Pôr com o destino em competência;**

**Porque para fazer-lhe resistência**

**Só se encontra poder em sofrimento.**

Luís Gomes foi no palco da vida o que nasceu: um homem desprendido, humilde, sem ganância e sem inveja. Dizem que nunca trabalhou, mas, como não trabalhou, se a sua vida foi de luta, de esforço para aqui e para acolá? Compreende-se esse "dizem". Nunca trabalhou, sim, para si: popular e humilde como era, os seus esforços e o seu trabalho giraram na dedicação pelos outros e na burrinca viciosa dos que lançavam mão da sua boa vontade e da sua inteligência para galgar boas posições, esquecendo depois o amigo, como aquele personagem do romance *O Coruja*, de Aluísio de Azevedo.

Em Campina Grande, foi diretor da instrução pública no governo do Sr. Ernâni Lauritzen; foi redator da A União, órgão oficial do Estado, no tempo do Dr. Argemiro de Figueiredo; dirigiu o Correio de Campina; fundou o jornal O Século, em combate ao governo do presidente João Pessoa; na Capital montou A Frente, jornal perrepista, na célebre campanha da Aliança Liberal, e, com o professor Manoel de Almeida Barreto, fundou e dirigiu o Praça de Campina. Isso tudo, foi ou não esforço, trabalho, luta? Pobre do homem que nasce para servir, sendo boêmio! Luís Gomes foi a própria imagem da vida. Dispersou seu valor sem levar em conta que o mundo risse de si.

Humberto de Campos disse que “a imprensa é um país em que circulam moedas de ouro, de prata e de barro, mas nenhuma destas traz o cunho de quem a emitiu”. É uma verdade.

Em nenhuma linotipo tem gravado o nome de Ottmar Mergenthaler, seu inventor; em nenhuma rotativa tem cunhado o nome de Gutemberg; no entanto foram esses dois inventores que mais fizeram pela arte gráfica. Não fora a força do espírito inventivo desses dois idealistas, não teríamos tantos jornais empregando tantos lutadores desconhecidos, fazendo a felicidade de outros.

Luís Gomes deu-se a vida inteira, mas não foi compreendido, e não é feliz quem trabalha assim. Amou, foi poeta no amor e sofreu. Amor impossível, terrível, dominador, que não só lhe prendeu o coração como o tornou submisso a um prazer luxurioso, que atraiu para si os apodos dos maldizentes. Um dia sentiu a que extremo teria de chegar se não extirpasse da sua alma a louca paixão. E reagiu. Encontrou em si próprio a força inspiradora e mandou para longe a “Sombra” que o seguia fascinadoramente. E escreveu:

### ADEUS, SOMBRA!

Enfim, partiste meu sonho mau.  
Partiste, afinal, Sombra erradia,  
Diáfana Sombra do que foste,  
E nunca mais serás...

Sumiste na curva do áspero caminho,  
Que vai dar ao prado verde-gaio  
Onde florescem tristes gerânios,  
Alvos lírios e cravos bravos.

Desses que enfeitam sepulturas esquecidas  
De poetas que morreram de tédio e dor  
De infortúnio, de chorar, cantando  
Elegias de inútil exaltação,

Ao amor sem glória, ao amor insano  
De insanas criaturas como tu...  
Não voltarás, sim, nunca mais me verás  
Mas se aqui tornares, ó doce impura,

Encontrarás, fechado para sempre,  
A larga porta do soturno albergue  
- Deste meu velho coração cansado e só,  
Onde libaste a vida com prazer e vinho,

Embriagando-te os desejos loucos  
Daquele desgraçado, espúrio amor  
Minha ex-Amada  
Que te matou...

## RITMO-PARADO

Nunca mais, Senhora, volverás para o meu Ser!  
Estancou-se-me no mais recôndito do coração  
O ritmo que tansfundi para o teu corpo impuro  
O "sangue-amor" que te dei de minha vida!

Sangue negro venoso e sangue vivo arterial  
Que te fizeram rediviva e forte para negares tudo:  
Todas as juras com que alimentastes minha ilusão,  
Minha doce crença de poeta - vago sonhador

De quimeras, que murcharam, como coagudou  
No teu corpo, agora puro, o sangue que te dei  
Para que vivesses pela glória efêmera e vã

De seres a cruel inspiradora  
Deste amor, que morreu sem mais o ritmo  
Do coração vazio que parou!

## EU NÃO MORREREI...

A morte está aqui perto,  
Estou vendo-a... Todavia, pouco importa  
Que ela venha, tentadora,  
Aonde estou.  
Sou triste frágil barro humano  
Mas sou insensível às emoções do medo

.....  
Se ela vier,  
Reviverei na alma eterna das florestas  
E espiarei de novo o mundo  
Pelos olhos verdejantes dos pirilampus.  
Não, eu não morrerei!...

E, de fato, não se morre quando há traços eloquentes da ação e do espírito, marcando os passos daqueles que souberam compreender a vida e repartir com os outros as suas migalhas de ventura na terra.

Luís Gomes não morreu, e não morrerá, pois deixou gravado, em letras caixa alta, o seu nome entre os vivos.

Quando se morre sem deixar no mundo ninguém que o lembre, quem, pelo sangue e pela carne, não o faça presente, então se morre de verdade; a terra recolhe o corpo e a lembrança o tempo acaba. E o cronista, e o poeta, e o jornalista exímio e o político sem ambição que foi Luís Gomes da Silva, não só as letras de fôrma o lembrarão, como sua viúva e seus filhos, todas as vezes que o sol despontar e a noite traga a canção do sono.

Deixou viúva D. Maria Luiza Gomes da Silva e filhos: Amadí, Gabriel, Eleonora, Oscar, Ricardo, Gutembergue, Laice e Gioconda Gomes da Silva, todos criados, que agora sem as vistas paternas trabalham e cumprem seus deveres de vida.

Dr. Luis Gomes da Silva não morreu...

## 20 - O ENTERRO DO CARROCEIRO ZÉ 14

O enterro do carroceiro Zé 14, no dia 20 de agosto de 1948, constituiu, em Campina Grande, um exemplo dignificante do quanto é capaz a solidariedade humana entre os humildes da vida, que não contam com um lugar certo para cair vivos. Foi mais tocante do que o sepultamento do artista de palco João Fernandes, vítima de um colapso cardíaco na manhã do dia 25 de fevereiro de 1945. Seu corpo, acolheu-o a igreja, de onde saíra o féretro para o cemitério na tarde daquele mesmo dia, tão tristonho para os seus companheiros de ribalta. Morreu no Grande Hotel, entre a penúria e o fausto, entre a grandeza de alma de uns e a ruim materialidade de outros, que, sem espírito de caridade algum, deixaram de socorrer o infeliz artista. Foi de um aspecto impressionante. O caixão que levava o corpo sem vida do carroceiro, conduzia-o uma carroça de freiteiro, irmã da que lhe dava a ganhar o pão de cada dia, e, seguindo o féretro, outras muitas carroças puxadas a burros, guiadas pelos pulsos dos seus companheiros de infortúnio, que, numa irmandade comóvente, sentiram o desaparecimento brusco do camarada sofredor, que lutava, como eles, para viver, carroçando na cidade.

Duro ofício o de carroceiro, pouco mais suave do que o de covoqueiro, que, dia e noite, trabalha na pedreira por um salário que não paga as marcas que a fragmentação das pedras lhe deixa.

Zé 14 foi um pária que o dever da luta pela subsistência colou à vida, que a mesa redonda das humanas contingências resolveu que passasse pela ribalta do mundo sem deixar vestígios. Desventurado Zé 14! O seu drama fez-me lembrar um outro, a que assisti - de um negro velho que caíra morto, certa noite, na porta de um hotel e foi levado, já fedendo, para o cemitério. Ah! minha Campina, quando querem os homens que tais dramas não mais comovam teus nervos?

É uma verdade que o trem da vida não para nunca. Comboio que entra em túneis, atravessa desertos, cruza rios, sobe serras e corre em planos, onde alivia um pouco a canseira causada pelo

esforço que dispende nos altos e nas curvas. A vida, qual ela seja, não cessa, nem pode deixar de ter labores mil. Se tomamos um fôlego numa ou noutra estação, é para que nos enganemos e continuemos a caminhar com as esperanças à frente, deixando atrás os desenganos, como disse o padre Antônio Tomaz no seu "Contrastes".

A vida vacila. O homem desperta, corre, alteia-se, e quando menos espera está à beira de um abismo. É um doente. É um falido. Diverte-se e de momento morre, deixando tudo: o mundo, os prazeres, a riqueza que lhe deu a glória e lhe tornara vaidoso, sem alma, sem religião, sem fé e sem Deus, farol de luz, fonte divina de tudo que se move, na terra, no mar, no ar, e que abre clareiras no recesso de cada consciência. A religião nos ensina que devemos ser bons para o próximo e praticar a caridade. "Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos". Eis um dos ensinamentos que Moisés escreveu nas suas tábuas.

O carroceiro Zé 14, no mundo dos vivos, foi viajante de terceira classe no trem da vida. Seu comboio parou na hora em que tentava esquecer as dores do viver, que eram a sua miséria e o seu desamparo. Divertindo-se na dança e na bebida, foi surpreendido pelo maquinista fatal, que o levou para o festim escuro dos vermes.

Disse Victor Hugo, referindo-se a João Valjean, cujas palavras eu as tomo para o meu personagem: "Não se ficaria muito longe da verdade dizendo-se que para Zé 14 não havia sol, nem lindos dias de verão, nem céu resplandecente, nem frescas auroras de abril. Os dias que lhe alumiamavam habitualmente a alma, parecia que só lhe conseguia a luz que passava através de estreita fresta".

Zé 14 nada deixou no mundo, não viveu só, porque, ao seu lado, havia uma mulher. Morreu miserável e só teve em seu auxílio o pranto da companheira, a solidariedade comovedora dos seus colegas de profissão, que conduziram o seu corpo em uma humilde carroça. Um a um, em cortejo, nas suas carroças, dando o comovente adeus ao companheiro da véspera. Fizeram o que poderiam fazer moradores de casas coletivas. Essa espécie de morada quase sempre serve de pouso à escória social. Para pobres famílias, minadas pelos vermes corroedores da vida humana, da vida desamparada pelos governos perversos, que se preocupam somente com os problemas rendosos que lhes convenham ao luxo e à estabilidade dos cargos.

Só os humildes sabem compreender a dor da necessidade, são sublimes nessa interpretação. Compreendem intuitivamente o que seja uma vida sem sol e sem fortuna, que se espreme e adoce no trabalho, quando não se entrega à mendicância. Motivo por que o Filho de Deus, quando andou na terra feito homem, disse: "Só dos pequeninos e dos humildes será o reino do céu". Michael Gold, no seu livro "Judeu sem dinheiro", pergunta: "Por que há tanta compreensão do trágico no coração do pobre"?

Quem subiu com o Nazareno ao monte da Cruz não foram os ricos, e sim os pobres; não foram os potentados, e sim os perseguidos; não foram os ímpios, e sim os crentes; não foram os violentos, e sim os mansos de natureza. A alma do carroceiro Zé 14 deve ter se sentido feliz em assistir ao que fizeram os seus companheiros, quando desfilavam pelas ruas levando em suas carroças o corpo que foi seu, para o cemitério. Antes da marcha final, o seu caixão recebeu a cruz da água benta, a mesma que lhe banhara a cabeça quando, pequenino, o levaram à pia batismal, talvez com aquela alegria que se derrama pelos corações maternos no momento em que lançam no mundo os seres do seu amor.

Zé 14 ganhou no mundo uma alcunha, e com ela atravessou a vida. Ninguém sabia do seu verdadeiro nome. Passou como passa uma planta que reverdeça à sombra ignorada de um rochedo, sem receber um calor que a faça frutificar. A terra amiga, que nos dá o pão e em troca nos devora, guardou o seu corpo, do qual nada mais resta.

É o destino daqueles que não tiveram sorte no mundo...

## 21 - COBRA DÁGUA

Antônio José da Silva, vulgo Cobra Dágua, fez parte de uma plêiade de sofrendores que merecem lembrados. Os infelizes de hoje, como os de sempre, têm direito a um respeito e a uma grinalda de saudade. Eles lutam e sempre lutaram para ser alguma coisa, mas ninguém há que não esbarre quando à sua frente cruza os braços, numa atitude prussiana, o gigantesco vulto do destino. É triste, mas é uma verdade, a bebida tem sido, foi e será, até ao mundo ser mundo, um consolo para os que nascem marcados pela sineta do sofrimento. Os que sofrem na alma afogam as mágoas na bebida. Cobra Dágua foi um desses.

“O vinho queima como uma torrente de fogo, mas, às vezes, tem sobre nossas mágoas o efeito da água pura e fresca”. O destino do bebedor dessa “água pura e fresca”, de Omar KHAYYAM, se compara com a dos jūazeiros do Nordeste. Essa árvore chupa a água para trazer sempre verde a sua fronde; o homem martirizado bebe o vinho para não perecer de tristeza. O mistério da fermentação e da destilação trouxe aos infelizes esse recurso.

O romance de muitos bebedores de vinho não pode ser lembrado sem um certo respeito. Data do começo do mundo a fabricação do vinho, que o progresso aperfeiçoou e o homem generalizou fabricando-o de todas as espécies de frutas sacarosas, especialmente da uva e da cana, variando de mundo a mundo, em grau e densidade; há vinhos que dão força a outros, como os há para todas as cerimônias, até mesmo sacras, como o que se fabrica em Diu, na Índia portuguesa, com arroz e certas ervas. Há também vinhos de genipapo, caju, jabuticaba, maçã, laranja e até um tal de vinho-branco, com que se faz “garrafadas” no Nordeste. Essa garrafada é preparada de várias raízes juntas, e servem, segundo afirmam os “raizeiros”, para curar a “sife” e outros males que atormentam os pobres.

Contam-se entre os bebedores homens de Sinagogas e de Tronos, que aconselhavam o uso do vinho como um complemento da alegria humana. Salomão, filho e sucessor de David, disse: “O

bom vinho alegra o coração do homem”. Emerson, segundo as suas próprias palavras, era abstêmio porque o vinho custava dinheiro e este ele não possuía. Richelieu, ministro de Luiz XIII, teve um almoço de amizade retardado por um criado: a recepção não podia ser feita sem ter à mesa o vinho TOKEI, da preferência do príncipe, a quem ia ser oferecido o almoço. O vinho de sua dispensa havia se esgotado, e foi mandado vir da de um outro lorde, numa carruagem especial, percorrendo uma distância de cerca de 200 quilômetros. Hoje não há mais necessidade de tais sacrifícios; os bebedores ricos, de posição política e social, voam de avião a jacto e vão para onde bem entendem, para a Europa, para a América, para a Suíça. Ou então bebem mesmo a garbosa aguardente de cana, néctar popularíssimo que a muitos salva e perde, conforme o calor do tacho da vida de cada um. Ouvei certa vez um rico dizer: “Quem não conhece canas boas não vale as penas vivê”.

O personagem dessa crônica, Cobra Dágua, foi um dos que se perderam. Bebia demasiadamente, e sofreu por isso. Cobra Dágua era padeiro e trabalhava para José Rodrigues de Lima. Os pães que fabricava serviam para desagravo entre desafetos: “Você é mais ruim do que pão da padaria de Zé Rodrigues, fabricado por Cobra Dágua”!

Esse infeliz homem era uma espécie de molambo humano, cuja vida miserável ele próprio desdenhava; deixou a arte para entregar-se exclusivamente ao vício da embriaguez. Humberto de Campos escreveu - que a linha da vida não é como a de carretel, que podemos partir nos dentes. O destino joga a gente no tablado e fica por trás dos bastidores a divertir-se com a nossa situação.

Cobra Dágua foi duplamente infeliz. Na arte que abraçou e no vício que o dominou. Zombava da sua dor bebendo e cantando. Era sem fé em santo grande. Revelava essa sua convicção em hora de bebedeira, cantando e ritmando os passos com esta sextilha:

**Eu não quero santo grande  
Dentro do meu oratório  
Só quero santo pequeno  
Que faça meu peditório  
Quando eu me vejo com fome  
Quem me vale é Santo Honório.**

Referia-se a Honório Alves Correia, artista funileiro e amigo dos pobres. Mestre Honório possuía uma alma bondosa e era caridoso, dava com a mão direita quase todo o produto que extraía da sua arte de remendar peças de folhas-de-flandres. Morreu este homem no dia 13 de outubro de 1941. Deixou mais falta aos párias da vida do que mesmo aos seus entes queridos, que não careciam da sua esmola salvadora. Deixou uma tenda original da qual nos ocupamos no fim deste livro.

Infeliz como ninguém, Cobra D'água carpiava no mundo a dor de ser sozinho. Não tinha amor, nem mulher, nem filhos. O saber-se a gente amado é consolador; não se lamenta tanto a tristeza de se ser infeliz, sente-se o coração vazio, sem um amor que o anime, que compreenda a nossa tortura, e que tenha não só pelo nosso espírito como pela nossa carne a adoração e o prazer que o amor reúne. Havia, porém, no escuro da sua vida um claro para onde ele corria a se proteger: era a sua velha mãe, mendiga, cega, que morreu na fogueira das suas próprias saias quando, tateando, fazia um fogo para ferver a marmitta do café matinal. Nesse recanto sagrado, Cobra D'água dormia, acalentado pela dedicação da ceguinha. A luz que lhe faltava nos olhos, tinha-a nas mãos, com que cobria o corpo do filho, quando, ébrio, caía em casa, em algum canto do mucambo.

“Nenhum filho pagou, nem pagará, jamais, o tributo de reconhecimento que deve a sua mãe”. Esse pensamento de Mantegazza poderia ser incutido no espírito das crianças que frequentam escolas. Talvez até modificassem certos usos e costumes que levam à rebelião e fôrrasse melhor a alma dos jovens estudantes.

A mulher que é mãe sente-se deslumbrada, mesmo sendo ignorante, ao aconchegar no seio o filho amado, pois vê nele a luz de uma esperança. Cobra D'água e sua pobre mãe foram levados à vala comum. Ela em março de 1933, ele, também em março de 1947.

Ouçõ dizer que serão bem recebidos na Casa da Alegria Eterna os que muito sofrem na terra. Se houver nisto um cunho de verdade, no céu não caberão mais almas, porque todos os dias e em todos os minutos nascem no globo terráqueo milhões de criaturas para a desgraça e para a dor. Concordamos com que na Casa do Senhor há lugar para todos: a esperança é infinita, principalmente no peito daqueles que creem.

## 22 - ESTEVAM CHARUTÃO

Poucos, muito poucos dos habitantes de Campina Grande, sabem como era o aspecto primitivo do trecho do Açude Velho, onde estão situadas as prensas e os armazéns dos industriais Araújo Rique & Cia. e Demóstenes Barbosa & Cia., firmas que concorrem para o progresso industrial de fibras do Estado, especialmente de Campina Grande.

Existiram ali alguns casebres de gente humilde, carregadores d'água, lavadeiras, tombadores de algodão e carroceiros, empregados de José Guedes, Benedito Rodrigues, loiô de Santo, "seu" Domingos e Tião, transportadores de mercadorias da Estação para o centro da cidade, e vice-versa, em pesadas carroças puxadas por juntas de bois mansos.

Esse sistema de transporte era muito desumano. Os pobres bois sofriam não só pelo excesso de peso como pelos maltratos dos carroceiros, que usavam para tangê-los largas macacas de couro, algumas até com nós nas extremidades. As carroças muito pesadas deixavam grandes sulcos nas ruas sem calçamento.

Felizmente no começo do ano de 1926, surgiu um industrial das bandas de Pernambuco, Sr. Ernesto Pompílio do Rego, que estudou a possibilidade de instalar um serviço de bondes acionados a gasolina, da Estação até à Rua da Areia e vice-versa, bondes para cargas e passageiros. O contrato foi assinado com a Prefeitura no dia 7 de Fevereiro daquele ano e no dia 15 de Novembro era inaugurado o serviço, saindo do campo as brutas carroças.

"Duas linhas: Areias e Açude Velho - diz o historiógrafo Epaminondas Câmara -, seis bondes de passageiros e catorze reboques para a condução de mercadorias. A princípio a empresa funcionou regularmente, não obstante o privilégio no serviço de transporte, de que resultaram algumas greves e sabotagens dos donos de caminhões prejudicados com o contrato. Meses depois, por deficiência técnica, os bondes passaram a descarrilar na ladeira

da Estação (Ruas Irineu Jófili e da República). O comércio reagiu contra o monopólio dos reboques e o povo, como medida de segurança, abandonou os bondes. No ano seguinte as instalações foram desmontadas”. E a cidade ficou privada de seu serviço de tração a motor.

As margens do açude eram cobertas de grossas capoeiras, contando-se os jucuris, as baraúnas e outras árvores lenheiras, e havia muitas veredas por onde caminhavam as pessoas que se destinavam aos diversos “portos” para o banho da manhã. Onde estão fincadas as prensas aludidas, moravam velhos proprietários: Joaquim Alves, Estevam Charutão e outros. Suas terras limitavam-se com as do açude, e eram ricas de árvores frutíferas, cajueiros, pitombeiras, laranjeiras, canas, vazante de capim, que foi tudo arrasado pelo progresso, que não respeita homens, animais, nem coisas.

Como era encantador tudo aquilo, antes da derrubada das matas e dos sítios, para dar lugar às ruas atuais, que começaram a se estender com a chegada da Estrada de Ferro, em 1907, que, aos poucos, foi tangendo os pássaros dos arvoredos, as marrecas e os paturis do açude, hoje roubado na beleza, na largura e na extensão.

Bem onde está o escritório da firma Araújo Rique & Cia. era situado o chalezinho de taipa do casal Charutão, aí residindo com os filhos, Iôio, vulgo Borocó; Francisco, vulgo Papagaio, Severino, João, Flór, Sinhá, Mãezinha, Nenem e Lucrecia, todos morando agora na eternidade, perto de Deus e longe dos vícios e do despudor.

O casal Charutão vivia em constantes arengas, mas de amor, de ranzinzisse. Os desgastes do tempo nas arruelas da vida humana criam esse estado de discórdia, especialmente nas criaturas envelhecidas, que nunca souberam o que significam para a vida em comum os agradinhos, as boas maneiras, e as sutis carícias inspiradas pela ternura. É verdade que não há regra sem exceção, mas são de um para mil os casos de briga em casais assim. O casal Charutão brigava e passado os instantes briguentos estava trocando cachimbadas ao pé do fogo.

“Charutão” foi uma alcunha que puseram no velho Estevam, por causa do seu hábito de fumar grandes charutos “pacaia”, quando caíava ou pescava, depois que se afastou, arruinado, das mesas de jogo. Quando a profissão de caiador nada lhe rendia, Charutão

recorria à bacia do Açude Velho, seu vizinho e amigo de todas as horas de dificuldade, para pescar. Quase que se celebrizou na pesca da traíra. Para isso empregava grandes covos. À noite mergulhava fundo nas águas amigas para enterrar os covos na lama, presos a compridas varas. Pela manhã retirava-os com a ajuda da mulher. Ele em pelo, ela em camisão. Era uma fortuna. O pescado rendia o suficiente para as despesas caseiras e mais uma bebedeirazinha.

Sem sonhos nos corações, essa coisa que é o vinho tentador na mocidade, seu Estevam e D. Bemvinda hostilizavam o destino, ora fumando, ora cantando, quando estavam de bom humor. Quem não se acomoda à vida, depois da alma esfriar para as paixões e o coração não bater mais de desejos? Os sonhos se aniquilam, os desejos se vão, e as coisas que outrora faziam a gente vibrar de emoção, fogem de vez e nos empurram para um canto triste até percermos de saúde!

Estevam Charutão era também boêmio. Tocava violão e cantava modinhas em noite de luar. Era branco, de pequena estatura, magro, pálido e de faces encovadas, narigudo e usava boné. Veio para Campina Grande, de Goiana, onde nascera. Contam os que o conheceram rico que ele acendia charutos com cédulas de valor.

O destino conduz a gente para um porto de expiação; do qual só tomamos conhecimento quando começamos a sofrer. Ninguém pode fugir das suas vistas que nunca se fecham. “Contra essa invasão fatal, nada podemos”, diz Bernanos.

Estevam Charutão morreu em 1910. Como os párias, teve por túmulo um buraco na terra, que não deixa traços quando outro corpo reclama o lugar. Nenhum dos seus descendentes existe mais. Dos seus queridos, o último a desaparecer foi a velha companheira de toda a vida, brigona, mas fiel. D. Bemvinda também tomou o rumo dos ignorados alguns anos depois do marido.

Hoje, desse casal das margens do Açude Velho, somente existe a lembrança, porque, se viveram apagados, morreram esquecidos...

## 23 - A RUA VENÂNCIO NEIVA

As ruas, como as criaturas, como tudo na vida, têm também sua crônica, seu destino, uma história para ser contada. Os homens, como seres pensantes, como fonte de energia ativa e de pecados, não são logo esquecidos: passam como as caravanas, porém deixando exemplos, obras que os tornam inesquecíveis, que a qualquer momento podem ser citadas para estímulo de outros. As ruas, pelo contrário, se transformam através dos séculos ou dos anos, sem deixar traços do que foram e dos dramas que viveram, como a que estudamos agora, através dessa coisa maravilhosa que é a recordação. Ruas inteiras são arrasadas, como aconteceu com a do Progresso, para continuação da Avenida Marechal Floriano. Quarteirões inteiros, pedras, muros, morros, árvores, matas, sítios desaparecem com a ação impiedosa do avanço humano, tudo imposto pela necessidade de melhorar e evoluir.

Ruas e mais ruas são sacrificadas. O Largo do Rosário desapareceu também na abertura da mesma Marechal Floriano e toda a "José Precipício", que cedeu lugar à movimentada artéria "Venâncio Neiva".

Em recantos imundos, que serviram de depósitos de lixo, como foram a "Caixa de Fósforo" e a Rua da Cadeia, erguem-se casas notáveis, praças como a "Clementino Procópio", e até coisas aberrantes, verdadeiros monstrenhos afeando e inutilizando as ruas como vemos o "Posto Esso", na Avenida Floriano Peixoto, avenida que tanto custou a vir e que, por negligência dos vários Prefeitos que têm passado pela "Casa Grande", está por terminar. O "Posto Esso" marca, está marcando e marcará por muito tempo ainda, o erro de uma administração sem ideias. Neste momento somos a crítica e, assim, temos o direito de censurar o que julgamos impróprio, afeante e errado.

No espaço ocupado pelo "Esso", foi um sítio murado onde as romanzeiras, as pinheiras, as laranjeiras frutificavam abundantemente. Pertencera ao Cel. Manoel Cavalcante Belo, de saudosa

memória, cuja casa de residência dava frente para a “Rua Grande” (Maciel Pinheiro), que fora demolida, com outras mais pertencentes ao major Lino Gomes, Francisco Cavalcanti e Joaquim Vigolino, quando o então Prefeito Wergniaud Wanderley executou o plano da grande Avenida Floriano Peixoto, em 1935.

Mais para adiante, onde estão situados os prédios da Recebedoria de Rendas e o Centro de Saúde, eram fundos de quintais, com fruteiras e vazantes de capim, pertencentes a dona Chiquinha Machado e ao mestrador de cavalos Zeferino Ramos, que os vendeu ao major João Ribeiro e este os passou por venda à firma Rossbach Brasil Company, compradora de peles. No local foi construído um grande armazém com murada para secagem de couros. O armazém permaneceu de pé por muitos anos até 1929, quando veio o Prefeito Lafaiete Cavalcante e o condenou. Quando a cidade avançou e as ruas se estenderam pelos dois lados, a casa se tornou incomodativa e perigosa para a saúde do povo. O Estado desapropriou-a e construiu o atual Centro de Saúde. Foi isto no governo do Dr. Argemiro de Figueiredo, em 1937. Político que combatemos em 1946 e 1950, enfrentando os furacões do Executivo Estadual, tomando parte os instrumentos policiais, que inundou de sangue a Praça da Bandeira, numa noite histórica em que se encontrava na cidade o secretário do presidente Eurico Gaspar Dutra, para inaugurar o atual prédio dos Correios e Telégrafos. Foi uma noite de dor e de desespero a de 9 de Julho de 1950!

Tínhamos no peito, inflamando a nossa alma, e a do povo, uma esperança de dias melhores e de vida mais barata. Mas qual? O governo pelo qual nos batemos e vimos vitorioso, fez ruir esse castelo de sonhos; o homem “perdeu-se na volta”. E aos anseios da coletividade respondeu com gestos de orgulho e vaidade, longe do que foi pregado na praça do povo sob o tremular de milhares de lenços brancos, que é o símbolo da pureza e da bondade.

Avançando para a atual Rua Cardoso Vieira, nesse tempo ainda conhecida pelo “Beco de João Ribeiro”, antes “Rua dos Peixinhos”, eram fundos de outras casas pertencentes às “Cajazeiras”, velhas solteironas donas de uma fazenda que tinha o mesmo nome, e a outros proprietários: cel. Zumba Monteiro e major Jovino de Sousa do Ó, que aí construiu duas casas, uma para depósito de pólvora de sua casa o “Vesúvio” e outra que alugou às “Almas”.

Divaguemos um pouco. Parece estranho isto: alugar casa a “almas”,

mas explica-se, e fica tudo entendido. No caso aqui tratado não são almas propriamente, invisíveis, impalpáveis, como as que habitam o outro mundo, não, eram “almas” de carne e osso, que comiam, que bebiam, que riam e que sonhavam, ou sonharam, como é próprio dizer-se.

As “Almas” eram três moças solteironas, alfaiates. Sim, alfaiates, porque só costuravam roupas masculinas. Chamavam-se Elionora, Joana e Petronila. Moravam na companhia de um sobrinho a quem criaram, Caetano Xavier, meu mestre de tipografia em 1912, e residiam, antes, no “Beco de João Ribeiro”. Eram religiosas e trajavam roupas brancas, quando iam à missa e saíam a passeio. Muito unidas e de boa natureza, entendiam-se como abelhas de cortiço. Fazia inveja vê-las trabalhar. O gaiato da rua, que não perde nunca o espírito, apelidou essas moças de “Almas”. A origem dessa alcunha é dever nosso explicar, para que tudo fique esclarecido. Uma delas, a Elionora, namorou um farmacêutico chamado Ângelo Pinto, com quem palestrava até oito horas da noite. A rua não tinha luz. Os lampiões ficavam distante uns dos outros. Elionora, receosa de que acontecesse alguma coisa com o namorado, quando dele se despedia, acompanhava-o até à porta de saída com uma lamparina na mão para clarear a rua, até que o seu Ângelo atingisse a esquina próxima. Numas dessas ocasiões passava “seu” Efraim Vital, vulgo “Casca e Nó”; malicioso, observando o quadro, disse: “Naquela casa tem almas”... As pobres costureiras não gostaram da alcunha, que logo se popularizou. Daí a origem, casa das “Almas” e, depois, as “Almas”.

O destino foi “urso” com as “Almas”. Nunca lhes mostrou um casamento, sonho de toda moça, rica ou pobre, trigueira ou branca, que enfeita os cabelos e brinca de colibri com o coração, para se entregar àquele que a entenece com carinhos e palavras doces, com agradinhos e toques de mão, coisas que só o amor sabe fazer.

Qual a moça que não respira felicidade sentindo-se afogada no florescer dos sonhos? São de um pensador comovido e comovente essas palavras: “Não há nada mais admirável do que uma verdura lavada pela chuva e enxuta pelo sol, é a frescura quente. Os jardins e os campos, tendo água nas raízes e sol nas flores, tornam-se caçoulas de incensos e brotam de si ao mesmo tempo todos os perfumes. Tudo ri, canta e se oferece. Sente-se a mais doce embriaguez”.

Assim a moça que se sente querida, cortejada e tem no espírito, como traz nas faces, a quentura suave que do amor se desprende.

Essas sensações da vida moça sentiram-nas Elionora, Joana e Petronila, e depois caíram no sono da desilusão e ficaram sós até morrer...

A mulher da foice singular levou para a sepultura as três “Almas”, já velhinhas. Petronila foi a última delas. Buscou-a a morte no asilo São Vicente de Paula, em Maio de 1952, no dia em que completava 92 anos de idade.

Passaram as “Almas”, como passaram os sítios, as cercas de vara, o riacho que corria na rua, a “Casa Rossbach”, a “Caixa de Fósforo”, a pontezinha do riacho, a Rua José Precipício, as casinhas baixas de “seu” Tito, onde também moraram as “Almas”, para darem lugar à rica artéria de hoje, que se chama Venâncio Neiva, uma das mais belas arraçadas da vontade de servir bem ao povo, do atual ministro do Tribunal de Contas Wergniaud Wanderley, no tempo em que foi Prefeito de sua terra.

Tudo tem um destino próprio, um fruto que cai, uma rosa que se despetala no galho, um homem que tomba, uma mulher que se prostitui, uma descoberta que surge, na medicina, na mecânica, na astronomia, na física e na química, como uma rua que desaparece e outra que surge...



Vista parcial das ruas Afonso Campos e Vila Nova da Rainha - 1920

## 24 - DOIS POETAS QUE VIVEM NO ESQUECIMENTO

Olho para a esquerda do meu gabinete de leitura e, a um canto, diviso em cima da minha escrivaninha, encadernados, os livros dos poetas campinenses, “Grito d’Alma”, de Anézio Leão; “Horas de Enlevo”, de Mauro Luna; “Brasil Caboclo” e “Sertão Brabo”, de Zé da Luz, todos meus amigos. Se não sou poeta, mas gosto da poesia. Esta arte divina encanta-me. Sinto-me comovido quando leio versos assim:

Fui visitar, repleta de alegria,  
A minha casa... a nossa casa... aquela  
Casinha humilde e de feição singela  
Que há de abrigar o nosso amor um dia!...  
.....  
Pois que dulçor que se agasalha nela,  
Na minha casa... em nossa casa... aquela  
Que há de mais tarde agasalhar nós dois!...

Versos espontâneos, belos e que bem definem e falam do amor e da saudade de sua autora, poetisa Iracema Marinho, que o destino tangeu da terra natal para o Rio de Janeiro, em busca da poesia e dos sonhos guardados no panorama da Guanabara, no Silvestre, no Corcovado, no Pão de Açúcar, no alto da Tijuca e nos demais recantos cariocas, onde a alma da gente pode abrir-se grandilovando a Deus, que deu ao povo carioca tanta beleza junta, tantos encantamentos que alucinam os poetas e os românticos. E Iracema Marinho é bem uma poetisa romântica, de alma meditativa; é pena que seja obrigada a trabalhar para viver, o que é uma virtude, e não tenha um meio de subsistência que lhe dê folga para o seu culto à natureza.

Vendo os meus livros, um a um, folheio-os com sensibilidade, e então penso como estarão os seus autores. Anézio Leão é hoje professor do Colégio Estadual. Zé da Luz é alfaiate aposentado no Rio de Janeiro e Mauro Luna mora com Deus, deixou a terra, que

tanto o oprimia e o fazia, nas horas de maior pessimismo, desejar morrer, para ser árvore sublime e passar a:

**Viver na comunhão das árvores, das flores,  
Na viva ostentação dos campos sedutores...**

Mais dois poetas fazem passear pelas ruas da minha recordação, poetas conterrâneos, cujos nomes o tempo ainda não conseguiu apagar. Autodidatas que, à força do talento e do trabalho, chegaram a alcançar no campo do espírito um destaque digno de nota. José Alves Sobrinho, moço boêmio, roubado à vida na fria madrugada do dia 5 de Junho de 1915, e Lino Gomes da Silva, falecido no dia 20 de Agosto de 1924. Duas biografias que não foram, até agora, escritas. Devo dizer com sinceridade, somos um meio hostil aos homens de espírito, de inteligência, e mais, quando o são cultores da poesia, coisa sublime, mas, quase que esquecida entre nós, não obstante ser esta arte divina a única que arranca o bicho homem do estado de bruteza. São poucos os que, nesta Campina Grande danada, como dizia mesmo Areia, sentem invadir-lhes a alma a música de uns versos assim, do autor de "Horas de Enlevo":

**Ao despertar bem cedo,  
Minh'alma se fascina:  
Ouço uma orquestração, dulcíssima que embala**

**Num meigo tom cordial...  
São as aves gentis, que, soltas no arvoredado  
- O canário, o xexéu, o galo de Campina  
Bebem o grato olor da selva que trescala,  
E a Deus erguem, cantando, a oração matinal!...**

José Alves Sobrinho era filho de pais paupérrimos que não lhe puderam educar, trabalhava como repórter e agente comercial do "Correio de Campina", quando foi assassinado. Manejava a pena como jornalista e poeta, embora sem grande projeção. Seus assassinos perversos e sem mérito nenhum, tramaram o roubo de sua vida, e o fizeram em circunstâncias misteriosas, tendo sido acusado e preso o seu compadre e amigo João Vermelho, chegando a cumprir dez meses de prisão por um erro da justiça, que não

soube investigar bem o caso, submetendo-o a torturas tão terríveis que o levou a confessar um crime que não cometeu. No fim dos dez meses, pela mão do destino, é que foram presos os verdadeiros culpados e João Vermelho saía da prisão cego em consequência dos maltratos recebidos.

Nem todos têm uma natureza corajosa para suportar forte dor sem fraquejar. Foi a desgraça de João Vermelho. Os maltratos, as sevicições lhe fizeram grande mal, e o resultado foi o que se viu: saiu da cadeia inutilizado e sem a visão. Inutilizado para sempre. E inutilizado por quem? Pela justiça!

Na Inglaterra, na França, na Suíça e nos Escandinavos se tal caso acontecesse, o homem que tivesse a infelicidade de sofrer tal castigo seria integrado na sua dignidade e teria a reparação devida. Mas estamos no Brasil, longe ainda daquela civilização, que não só garante o homem, como respeita a sua alma. Numa pátria onde o roubo é protegido e a ferocidade é alugada para o crime, não temos de que ter esperanças, enquanto perdurar esse triste retrato. Só Deus influenciando na consciência da Nação, mostrando-lhe outro rumo.

Não foi João Vermelho a primeira nem a última vítima da polícia, não. Pelos seus arcahouços - mata-vivos -, muitos outros têm passado e hão de passar, deixando, como estigma, nas paredes das prisões, manchas do sangue inocente. E serão felizes ainda os que não saírem como João Vermelho, obrigados a mendigar, sendo artistas.

Mas, as gerações estão em marcha. Os caminhos que deixamos para trás foram piores, e não tanto como outros mais remotos. A luz do alfabeto está se fazendo sentir com mais força nos espíritos. A multidão de jovens que se agrupa pelas ruas quando sai dos colégios, é uma esperança para o Brasil do futuro, que abolirá os métodos brutais que só servem para roubar ao homem o seu sentimento, a sua noção de humanismo. Essa geração saberá como pegar pela gola os acusados de crimes, e entregá-los à lei para acariá-los e puni-los, sendo culpados.

Como nascem todos os poetas, marcados pelo destino, José Alves Sobrinho não poderia fugir a esse estigma: nasceu triste e boêmio. O sofrimento do poeta ele só o revela através dos versos que compõe, das trovas que solta aos ventos e vão se abrigar no peito do seu irmão na dor. Deixou Alves Sobrinho alguns sonetos,

Deixou Alves Sobrinho alguns sonetos, onde vazou o sofrimento íntimo, que lhe feria e fazia viver san-grando a sua alma. “Aha-vero” e “Versos de um Vencido” são retratos do seu fundo sofrimento:

## AHAVERO

Eu rio... e choro... e tenho escrito tanto  
A respeito de minha desventura!  
Mas nunca pude formular um canto  
Que mitigasse a dor que me amargura!

Que me resta? Sofrer! Sofrer enquanto  
Perto da dor e longe da ventura,  
Sentir no peito... na alma e no meu pranto  
A causa desse mal que não tem cura!

Como Prometeu - o desgraçado eterno  
Eis-me da dor no Cáucaso moderno  
Sofrendo a pena de um martírio injusto!

E assim hei de viver - coração vencido!  
Num antro de amargura... e esquecido,  
Como quem dorme em leito de Procusto!

## VERSOS DE UM VENCIDO

Já não te posso ver!... Desamparado  
É aos pontapés da sorte mal fadada,  
Palmilho incerto e triste amargurado  
Essa terrível, torturante estrada!

Meu pensamento - embora torturado,  
Reflete à luz da célica alvorada  
Do nosso amor - amor tão mal sonhado  
Hoje envolto na solidão do nada!

Como vão longe os lúcidos momentos  
Em que unimos nossos pensamentos  
E as nossas almas em maternais abraços!...

Por isso eu sinto dentro do meu peito  
Em tudo eu vejo o nosso amor desfeito...  
O coração partido em mil pedaços!...

## OUVE

Não vês, mulher, o meigo lírio albente  
Que se embala no recesso da Campina;  
A flor do céu - a estrela vespertina,  
A qual resplende nas brumas do poente?

Assim também és tu, mulher divina  
Enlevo santo de minh'alma ardente...  
Fonte puríssima do ideal nitente  
Que ascende n'alma a inspiração divina!

Como cintilam esses teus olhares!...  
Rosa dos anjos, fascinante, ondina,  
Irmã das flores pôsta em meus sonhos...

Enfim, possuis o brilho das mais belas,  
Das mais formosas filhas de Campina,  
Da mais linda de todas as donzelas!...

Sobre a saudade, semente de dor, e também de alegria,  
que nasce em nosso peito, invisível mas presente, intocável mas  
sentida, deixou Alves Sobrinho as quadras queixumes que trans-  
crevemos:

## SAUDADE

Concentramos, é verdade,  
Um doce pesar da vida,  
Essência em luz, conhecida  
pelo nome de saudade.

Saudade! Quem não conhece  
A santa fonte dos ais,  
- Essa luminosa prece  
Dos tempos que não vêm mais?

Saudade! Sino dobrando  
Num velho templo isolado.  
Como quem está cantando  
As ilusões do passado.

Saudade! Visão querida  
De uma tristeza santa,  
Que vive, floresce e canta  
No grande centro da vida.

Saudade! - Fantasma triste  
Que a lembrança alenta e beija!  
Saudade! - Luz que floreja  
Onde a lembrança persiste.

Quando o Criador derrama na terra a sua graça, que são as chuvas, todas as plantas ganham uma beleza surpreendente e se enfloram. É a poesia no seu esplendor, rica e sublime! Sem a poesia, o que seria a vida, - animal, vegetal e humana? "Um broqué trapaído"; como me disse uma vez uma vendedora de flores na feira. Insisto nesse ponto: as poesias de José Alves Sobrinho e Lino Gomes da Silva precisam ser evocadas, tornarem-se conhecidas, e as suas biografias, para arrancá-los do túmulo do esquecimento e entregá-los ao repleto da significação espiritual.

Lino Gomes da Silva, de simples carregador d'água, chegou a altura de sub-prefeito e terceiro juiz seccional. Analfabeto, quando deixou o sítio, chegou a brilhar na imprensa da província como panfletário e atingir o céu da poesia lírica e epigramática, como foi a de Gregório de Matos. A criação de Girar Boounevil, a arte do soneto, elevou-lhe o espírito, e dos seus sonetos vamos citar alguns, para juízo:

## VELHICE

Quando se vai de tudo a mocidade  
E leva, da existência, as ilusões  
Sente-se logo após as vibrações  
Do martelo intangível da saudade.

Vem o tremor, dilatam-se os tendões,  
Desvenda-se o caminho da verdade.  
À nossa vista, e quem resistir há de  
Seguí-lo um passo sem recordações...

Vem a dor e nos sulca a face em breve;  
- Mata a esperança, baça luz vidente,  
E nos põe na cabeça um véu de neve...

## VISÃO

Meia noite. A quietude a tudo dominava.  
Um luar claro, belo, álgido e penetrante,  
Varava do telhado a frincha a cada instante,  
E vinha iluminar o quarto em que eu estava.

De momento senti um aroma inebriante;  
E na réstia da luz vi bem que se estampava  
O busto da mulher divina, a quem amava,  
Fitando-me a sorrir, formosa e provocante!

Ao vê-la foi tamanha a minha sensação,  
Que, logo, embevecido, erguendo-me do leito,  
Apertando a pulsar febril do coração,

Com esgares de louco, e num fervor medonho,  
Quis beijá-la... Acordei! Nada! tudo desfeito!  
Era simples visão aparecida em sonho.

## AGOSTO

A floresta começa a declinar  
Da sua exuberância verdejante,  
E uma folha, outra folha, a cada instante  
Vemo-las do arvoredado despregar.

Agora um vento forte sussurrante,  
Desliza-se do campo a bracejar,  
Enquanto, enraivecido, todo o mar,  
Ergue o dorso alvadio do levante.

E o camponês alegre e satisfeito,  
Na colheita do seu trabalho insano,  
Vê realizado todo o seu conceito.

Palpita um riso doce em cada rosto;  
E o grande Deus do mito, o Deus Urano,  
Veste o seu manto azul do mês de Agosto.

## REBENTO DAS ÁRVORES

Depois da queda d'água, oito dias mais tarde.  
O matagal desnudo, andrajo, ressequido,  
Recebendo da gleba, o sangue no tecido.  
Começa a rebentar num vibrátil de alarde.

Depois do seu rebento, augusto, definido,  
Como se do verão já o terror não guarde,  
O arvoredo pulula, afrontando o cobarde  
Que num lance tenaz lhe roubara o vestido.

Depois a Natureza agindo sutilmente,  
Risonha como a aurora, amável como o riso,  
Vem espalhando flor na selva viridente.

Depois de assim fazer com arte e bizzarria,  
Vemos que se transforma o campo em paraíso  
Onde só reina a paz, ventura e alegria.

Lino Gomes tinha o espírito liberto do medo, desse medo sobrenatural que nos vem, incompreensível, da pessoa morta. Não se deixava dominar pelo misticismo religioso que impera e cerceia a livre manifestação do pensamento, em matéria de crença. Ele tinha um Deus: a Natureza. Acreditava numa força: a Matéria, e dentro desse princípio individual e materialista morreu fiel à sua convicção. A alma para ele não existia, e na sua forma de pensar tudo provinha da força da inteligência, impulsionada por essa outra força: a vontade. Se a inteligência planeja - pensava -, a vontade aciona.

Muitos talentos como Farias Brito, Victor Hugo, Ruy Barbosa, Renan, Lutero pensavam diferente. Para esses espíritos altamente cultos a ideia de Deus era intrínseca, e nada os afastava da fé que tinham Nele. "Deus é a plenitude do Céu"! - exclama Victor Hugo. "O mundo sem Deus converte-se em fruto oco, e as imensidades estreladas em arquipélagos de zeros. Mundos sem fim, zeros sem conta. A infinita grandeza pede a unidade, reclama Deus. Os orbes são divinos, porque nascem de Deus e voltam para Deus. São martírios eternos, eternamente escalando os seus calvários. E só pela infinita dor chegam a Deus, - infinito Bem, infinita Paz, infinito Amor" (Guerra Junqueiro, Bíblia da Vida, pg. 127).

Creemos na existência da alma. Ela é a Inteligência, o Raciocínio,

a Consciência. Escrevemos, pensamos, agimos, por força da metafísica Ciência, mas, também, por vontade dessa outra metafísica, Espírito, que é Deus. Quem combinã a marcha dos Astros? Deus. Quem distribui as Chuvas? Deus. Quem inspira o Amor? Deus. Quem, enfim, é a centelha da Vida? Deus.

Avance quem quiser. Nós esbarramos nessa luz como os Reis Magos pararam com a Estrela apontando a Mangedoura. Não é o homem que anima a matéria com o seu espírito, sim, Deus, com a sua graça, com o sopro que Ele dá em tudo.

Deixemos essa divagação tão profunda que nos atrapalha por nos faltar luz, e pensemos e passemos a ler mais dois sonetos de Lino Gomes:

### SÓ MATÉRIA

Não creio noutra vida depois desta;  
A vida de que fala o Padre Cura,  
Pois que dela não volta a criatura.  
Para tirar a dúvida que me resta.

Crer não posso na falsa conjectura  
Dessa ilusão tão clara e manifesta,  
Quando a única verdade que se atesta,  
É que vamos findar na sepultura.

Não creio nessa vida de mistérios;  
Nem tão pouco nessa alma dos fiéis,  
Que se diz evolar dos cemitérios.

Creio sim, que mortais e não mortais:  
- O homem, a terra, a linfa e os vergéis,  
Tudo, tudo é matéria e nada mais.

### A MOCIDADE

Rebento humano, airoso, e mais que forte,  
Surgindo da existência ponderada,  
Galgando sobranceiro a mesma escada  
Por onde os velhos descem para a morte.

E vai assim na rota projetada,  
Buscando sempre do prazer o norte,  
A menos que o destino não lhe corte  
Os impulsos da carne perfumada.

Mocidade!... Crisol da vida em flor,  
A voejar pelo céu das ilusões,  
Repleta de volúpia e de amor.

É a aurora ridente dos mortais;  
Mas, se vai como vão os turbilhões.  
E, passando uma vez, não volta mais!

Agora umas quadrinhas, para encerrar esse trabalho literário, que irá, talvez, servir de estímulo a quem, um dia, se dispuser a estudar os dois poetas aqui pobremente focalizados, sem outro intuito senão o de fazer lembrados esses dois espíritos campinenses, que nasceram para as letras, não obstante as pedras que o destino pôs no caminho de ambos, fazendo-os enfrentar as vicissitudes mais cruentas da vida.

## TROVAS

Numa tarde de verão  
Eu andava descuidado  
Quando me senti roubado,  
- Faltava-me o coração.

E quem dele se apossou  
Sem piedade de mim,  
Creio já ter dado fim,  
Nunca mais mo entregou.

Se me pudesse virar  
Num pombinho voador  
Conduziria uma flor  
Prá no teu peito pregar...

E um ninho faria, então,  
No teu colo divinal;  
Onde não mais um mortal  
Pudesse pousar a mão...

As pupilas dos teus olhos  
Vivazes como insurretos,  
Parecem dois cisnes pretos  
Nadando sobre os escolhos.

## NA CADEIA

Dois inocentes pombinhos  
Sem promoverem contenda;  
Numa cadeia de renda  
Vivem presos, coitadinhos!

São duas joias mimosas  
Joias do céu sem iguais,  
Suas aves divinais  
Com biquinhos cor de rosas!

Ó! meu Deus, que crueldade!  
Presas como réu confesso,  
E o carcereiro perverso  
Não as põe em liberdade!?

Um dia, somente um dia,  
Por um descuido fatal,  
As vi nas grades afinal...  
O carcereiro dormia.

Tive tanta compaixão,  
Quando encarceradas vi,  
Que delas me despedi  
Lá deixando o coração.

## O TEU PERFIL

Este teu semblante mudo,  
Tão mudo quanto um rochedo,  
Quer ocultar um segredo  
Mas, os traços dizem tudo.

Estes teus olhos divinos,  
De gestos fascinadores,  
Nos céus são dois condores,  
Na terra dos peregrinos.

A tua boca pequena,  
alhada por mão bendita,  
É como um laço de fita  
Cravado numa açucena.

Este franjado de neve,  
Que te guarda as formas santas  
Tem tantas belezas, tantas,  
Que se vê e não descreve.

Um dia somente um riso  
Dos teus lábios de carmim,  
Tornou a flora em jardim  
E o mundo num paraíso.

As sátiras do poeta aos políticos, em versos de pés quebrados, davam alma ao jornal "Correio de Campina", do qual foi redator-chefe durante três anos. Vejamos estas:

## DESENGANO

Adeus, esperanças vãs,  
Nas quais perdi todo tempo,  
Queira me servir de exemplo  
A lição.

Já perdemos a eleição  
Em toda vila e cidade,  
Descobrimo a nulidade  
Que somos.

Já nada mais esperamos;  
Falhou todo o nosso plano,  
Agora só o desengano  
Nos resta.

E levando a mão à testa  
Contrito e arrependido,  
Vi que de mim tem fugido  
A sorte.

Agora só mesmo o Norte  
Dará remédio aos meus males,  
Vou procurar noutros lares  
Ser feliz.

Aqui a sorte não quis;  
Tenho meu nome em desdouro,  
Nem sequer vi o tesouro  
Do Estado.

Mas, se inda for contemplado  
E tomar conta de tudo,  
Creio que ficarei mudo  
Com desgosto.

Hei de criar mil imposto  
Será só minha vingança,  
E meter tudo na pança  
Calado...

Poetas como esses - José Alves Sobrinho e Liño Gomes da Silva - carecem de um biógrafo. Deixá-los, para sempre, esquecidos, é o mesmo que fazer morrer tudo quanto tem morada no coração. "Não é a pá nem a enxada que enterra, é o esquecimento; as pás cheias de esquecimento devem ser mais pesadas sobre os mortos do que as pás cheias de terra".

## 25 - LEMBRANDO MEU AVÔ

Damião José Rodrigues veio ao mundo em Campina Grande no dia 24 de abril de 1842, gêmeo de Cosme, da união sacramental de Vicente Barreto com dona Constância Barreto. Casou-se com dona Maria Josefa de Jesus. Enviuvou no dia 11 de outubro de 1891. Descendiam ambos da família Santa Rosa, de Boa Vista.

Militou na política ao lado do Dr. Antônio Antunes da Trindade Meira Henriques, tendo sido apresentado por esse seu amigo ao governo da província, que o nomeou escrivão de órfãos em 1865. Em 1892 adoeceu da visão, e em 1898 vendeu o cartório a José Mâncio Barbosa, e este, muitos anos depois, passou ao atual escrivão Severino Cavalcante de Albuquerque. Do matrimônio lhe ficaram duas filhas, Francisca e Maria Georgina. Esta última casou-se com o Sr. Severino José Pimentel, natural de Floresta dos Leões e filho de Antônio José Pimentel e dona Felícia da Conceição Pimentel, meus avós paternos.

Teve uma vida política muito agitada, sofrendo perseguições, passando sérios vexames nos movimentos “Quebra-Quilos” e da “Abolição”. O vigário Calixto salvou-o da ira de Neco de Barros, que o ameaçou de morte por ter se negado a entregar o processo de seu pai, condenado e preso na cadeia local, de onde o tirou à força.

O destino não lhe sorriu. A fortuna nunca o abraçou, e, à proporção que corriam os anos, mais a pobreza lhe apertava o cerco de onde nunca pôde sair. A vida é assim, tem portos ignorados, onde há luz e treva, riso e dor, sonhos, glórias e derrotas.

...Estou a vê-lo na sua mansidão de velho resignado com a sorte, vivendo entre quatro paredes ao lado de sua filha viúva, cercado de seis netos, conformado, sem praguejar nem se maldizer dos amigos, que o esqueceram, desde que a extrema pobreza foi morar com ele. Só os vizinhos da casa em que morávamos, na Rua do Açude Novo, o visitavam, e raramente, com exceção de dona Pretinha, velha sapateira com quem aprendi a bater sola e taxiar sapato, a velha Penha e dona Sinhá Bandeira, a única com quem

se expandia e gracejava com a fé que essa boa amiga tinha no seu Santo Antônio casamenteiro.

- Bom dia, “seu” Damião... Era a saudação de dona Sinhá Bandeira todas as manhãs quando entrava na sala mal mobiliada e mal ladrilhada da nossa casa.

- Ó! Dona Sinhá Bandeira, então conversou muito com o seu amigo Santo Antônio? Veio me contar o seu sonho? Para que bicho?

- Que diabo de bicho, “seu” Damião, eu joga lá bicho!...

- E seu Quinca?

- Também não...

- Então, como ele passa sem jogar um bichinho?

- Sei lá...

- Me conte, “seu” Damião, é certo que o “Cão Coxo” vai se mudar de nossa rua?

- Qual se mudar que nada, dona Sinhá; o “Cão Coxo” não lhe esquece, dizem até que ele vai fazer as pazes com você...

- Ele há de fazer com o Cão, que já tomou conta da alma dele, comigo não. Não está vendo isso, “seu” Damião, e Santo Antônio o que faria se visse aquele “bicho” entrar lá em casa?!

- Ora, dona Sinhá, ele lhe chamava e cochichava no seu ouvido: “aceite, minha filha, ele é um velho até bom...”

- Credo em cruz! aquilo é bom para o fogo, “seu” Damião... Eu faço é figa para ele!

O “Cão Coxo” era o “nova seita” Olinto Cordeiro, marido de dona Ritú, velha professora que alfabetizava os meninos da Rua do Açude Novo. Tinha um bom coração e era paralítico de um lado, só saía à rua montado num jumento, conduzindo uma muleta.

Meu avô, bondoso guia dos netos, que lhe obedeciam e o respeitavam, nunca se queixou da sorte. Conformado, consolava com a sua presença e os seus conselhos a filha viúva e os netos. Paciente, nunca se irritou, senão, forçando o coração, quando pegava de “maricota” para exemplar um neto. Deus o protegia, velando-lhe a saúde. Quando se prostrou para morrer pouco penou.

Não há pobreza miserável. A pobreza é uma coisa, a miséria é outra. Como há duas espécies de pobreza, há também duas de

miséria: a pobreza de bens e a pobreza de espírito; a miséria de não ter nada e a miséria de não ter moral. Duas facetas da vida, duas qualidades da alma. Diferente umas das outras. Há um meio termo entre a pobreza e a miséria, como há entre o dia e a noite, uma aurora. O pobre vive de pouco, o miserável vive de nada. A pobreza e a miséria se abraçam na estrada humana para consolar uma a outra, como faz o verdadeiro cristianismo, que recebe o óbolo e o reparte entre os necessitados.

O lado divino faz-se resplandecer quando um pobre socorre um miserável. É a caridade em toda sua plenitude. Deus está aí, como o calor está nos raios do sol.

Meu avô tinha a pobreza de bens e era rico de moral. A pequena pensão que recebia semanalmente da Prefeitura, talvez pelos serviços prestados à política de Cristiano Lauritzen, foi cortada em 1917. Não se irritou, achou mesmo justo. Outros havia mais carecidos.

Damião José Rodrigues parecia ser feliz; protegia-o a sua alma forrada de paciência. O seu espírito, na velhice, refletia o que fora na mocidade - inofensivo. Fazia a sua fezinha no jogo do bicho careta, e tirava sempre quatro, seis e até dez mil réis, quando o sonho era bom. Quando saía à rua com seu chapuzinho "coco" e a sua bengala, que ainda hoje guardamos como lembrança, que eu lhe ia à gaveta mexer nos papéis, e lá por trás, bem escondido, encontrava um maçozinho de níqueis de duzentos réis, bem contadozinho, sobra, às vezes, do último "tiro" feito no "bicho". O tiro era uma modalidade do jogo de quando começou a se modificar o seu sistema, e foi trocado o bicho careta pelo bicho numerado, modo que ainda hoje está em uso, desdobrado, o milhar em centenas e centenas em dezenas. Vezes tolerado pela polícia, vezes perseguido, conforme o clima da política e o carácter do governo, protegendo ou desprotegendo o vício.

- Seu Didi, você é o mais ativo aqui de casa: diga quem foi que buliu na minha gaveta...

- Eu não fui, pai-an-ão...

- Foi você, estou conhecendo, seu traquina, pela sua carinha de brote...

Eu findava descobrindo, quando via descer do prego a palmatória "Maricota" com que D. Mariinha, minha mãe, exemplava

os filhos. Era uma palmatória pintada de preto e feita de miolo de baraúna.

Nunca o bom velho nos desprezou. Quando casou minha mãe, já viúvo, ficou em sua companhia, e, quando esta enviuvou, em 1904, ficou ajudando a criar e a educar os netos. Foi o nosso amparo, e, mais tarde, fomos o seu conforto.

Uma oficina de ferreiro foi o nosso primeiro caminho para ganhar a vida. O José era o mais velho, levava e trazia os outros irmãos para a tenda, que mais tarde abandonou para ser mascate de miudeza e depois, desprezando esse caminho, foi ser estafeta do Correio. Como o destino tudo nuda, cada um de nós tomou caminho diferente, até hoje, perto do túmulo, onde temos de ficar. Éramos seis: Maria, José, Sebastião, Cristino, Maria do Carmo e Severino. O José guiava os mais moços, enquanto dona Maria Georgina Pimentel, contando hoje 80 anos de idade, mãe meritória, fazendo de uma máquina de costura o seu veio aurífero, ia extraindo as pepitas com que alimentava os seis filhos, cedo jogados na orfandade.

Não sabem as mães ricas o que seja a luta de uma mãe pobre que fica sem o marido com filhos para criar. Todos os meios honestos são inventados e postos em prática para deles extrair o necessário a fim de alimentá-los, vesti-los e vê-los crescer. Quando sabe costurar e possui uma máquina, aí está a providência. Ajudada por Deus, não tendo nenhuma doença, a mãe pobre leva a sua cruz, ora chorando, ora sorrindo, sempre com o espírito alimentado pela fé, que torna o coração contente, mesmo na desgraça, e finda, como dona Maria Georgina Pimentel, alcançando a graça do céu por ver ingressados na vida os pequeninos seres a quem deu a vida, o seu sangue e a sua carne. Feliz é todo aquele ou aquela que tem fé em Deus e sente crescer no coração o amor pelo trabalho. Assim foi dona Maria Georgina, minha mãe.

Nenhuma invenção tem sido mais útil para as mães pobres do que a máquina de costurar e a do ferro de engomar. Deus inspira os homens nas suas buscas constantes para que eles encontrem os meios de tornar fácil o trabalho dos pobres.

A máquina de coser e o ferro de engomar foram dois inventos do homem que deram, dão e continuarão a dar trabalho honrado às pobres mulheres atingidas pelo infortúnio da viuvez e pelo desamparo social em países mal governados como o Brasil.

A vida do pobre, no tempo dessas recordações, não era tão dolorosa nem difícil como a do momento que passa. Existia a miséria, como há de sempre existir, mas não tão grande nem tão explorada. Muitas coisas se modificam para bem, muitas outras para mal. Por exemplo, a vida política brasileira. Fugiram dela os estadistas verdadeiros, para dar lugar aos exploradores aventureiros que fazem do povo uma escada para atingir os cumes da fortuna com desonestidade. Eis um retrato terrível, mas fiel.

Uma coisa não se modificou: a compreensão do pobre pelo pobre, do miserável pelos desafortunados. Os ricos eram mais modestos, aqueles sem orgulho nem vaidade, e os políticos não se mostravam tão utilitaristas e quantitativos: se não tinham ideal social, pelo menos possuíam decoro público.

Quando morreu nosso avô, éramos simples lutadores no campo árduo da vida. Faltava-nos conforto e recurso. Não lhe podemos dar um túmulo que guardasse o seu corpo, demos-lhe uma cova rasa, que tomou o destino dos ignorados. Mas há um túmulo melhor que o de pedra e cal, um túmulo onde Deus pôs toda a sua ternura, para que o sintamos todas as vezes que em nós desperte o relógio da consciência: o coração. É nele que temos guardado o corpo de Damião José Rodrigues, imortal, como imortal é e será sempre o amor humano consagrado à família. Recordar é amar, quando esse amor e essa recordação nos traz lágrimas aos olhos e comove a nossa alma.

Deus onipotente, onisciente e bom, achou por bem fechar o livro da vida desse velhinho paciente e resignado, no dia 12 de setembro de 1924, aos 82 anos de idade, quando seus olhos já não mais viam, os seus músculos tinham perdido a resistência vital, e o seu coração, essa casa que guarda tudo que serve para consolar e fortalecer o espírito, perdera o esteio, que é o ritmo, com que tange para adiante o homem que trabalha, o homem que pensa, o homem de bem, que se dá a todos, satisfeito apenas com ter tranquilidade de consciência.

Damião José Rodrigues, se pobre viveu, ainda mais pobre morreu...



Time de Futebol - Gordos e Magros - Aderbal - Cícero  
Campina - Gervasis Ferreira - Bocarelli - José de Castro  
- Otacílio Nepomucena - Nabuco - Otávio Rique - Paulo  
Brasil - Lacet Silva Pedro

## 26 - D. COSMINHA E PROF. BALBINO

...Faz muito tempo já... 1912. Eu deixava a oficina de ferreiro e me iniciava na arte tipográfica, na mesma casa em que criei o meu estado econômico. A rua não tinha o nome bonito que tem hoje. Chamava-se "Beco de Zé Bernardino" ou "Beco do Açougue". Retirada essa alcunha, deram-lhe o nome de Independência. Depois de ter recebido o batismo de "Beco do 31", passou a chamar-se oficialmente Monsenhor Sales.

Havia aí alguns quiosques, pequenos hotéis que só funcionavam nos dias de feira. Hotel de dona Aninha, de dona Cosminha, de dona Zefinha Matias, que o destino levou para o Rio de Janeiro para acabar a existência ao lado de seu filho Dr. Severino Matias de Oliveira, meu amigo e contemporâneo de tipografia. Belo esforço de vontade e de conduta, guiado pela brisa do espírito, cheio de ideal, buscando um estado melhor. Éramos rapazolas e lutávamos para viver, sem frequentar escolas, tendo as caixetas do jornal "Correio de Campina" como mestres, ao lado de outros companheiros que a morte já levou. Luís Correia, vulgo Cascão; Caetano Xavier, vulgo Boi; Aristóteles de Sousa, vulgo Formigão; Luís Alves, vulgo Jacoca; e Soares de Avelar, vulgo Macaca, que mais tarde se tornou cirurgião dentista, profissão em que o encontrou a morte, suicidando-se. Era nosso gerente e mestre o velho Sebastião Alves de Oliveira, vulgo Cuscús, que ainda existe retalhando tecidos numa lojazinha na Travessa Cavalcante Belo.

Para essa turma foi um bom tempo o do "Correio de Campina". Depois, como acontece com tudo na vida, o destino arrastou cada um para o seu lado, seguindo caminhos diferentes, levados como folhas nos ribeiros, parando aqui, acolá, até ao arrastão definitivo. O que aconteceu.

Dona Cosminha era mulher do Professor Balbino, um homem bondoso que ficou macróbio mestrando música e trabalhando numa oficina de consertar máquinas de costura e fabricar fogos de artifício. Dona Cosminha, no seu quiosque, só vendia café e arroz doce.

Parece que estou a vê-la mexendo a sua grande tigela de arroz e enchendo as xícaras de ágata do tamanho de um açucareiro. Os matutos gostavam muito do arroz doce dessa boa velhinha. Nunca sobrava. Na hora do crepúsculo, ao recolher os troços da feira, era que dona Cosminha, suada, os cabelos deslizando pelas orelhas, muito atarefada, juntava as xícaras sujas, como quem reúne materiais destroçados depois de uma batalha. E dona Cosminha, baixa, rechonchudinha, com um sinal grande na face direita, metida numa saia balão, com passos cansados, fechava a porta do seu hotelzinho e ganhava para a cozinha para jantar com o marido. Depois do jantar acendia o seu cachimbinho de barro e ficava a conversar com o seu velho amado sob a luz de um alcoviteiro até à hora de dormir.

Esse casal de velhos vivia feliz. Suas consciências eram brancas e sem ambições! Ele, consertando máquinas e mestrando música. Ela, vendendo arroz doce e cuidando dos afazeres domésticos, alinhavando paños usados, crente de que Deus é misericordioso e não esquece os pobres, dando-lhes, em vez de riqueza que cria o orgulho, resignação no trabalho e no sofrimento.

Corre o novelo do tempo. O relógio dos dias e dos anos marcha inexorável, transformando as coisas e matando os seres. E aí de nós se não fosse assim! Tudo nasce, cresce, cria-se e morre. Os altos fornos do Criador esfriariam se não tivessem para os alimentar tudo aquilo que Ele inspira e funde no seu imenso cadinho. O monstro que foi Nero; o santo homem que foi Vicente de Paula; o estadista que foi Roosevelt; o filósofo que foi Diógenes; o valoroso que foi Alexandre Magno, rei da Macedônia, as rosas, as tulipas, os carvalhos, as erva daninhas e tudo mais que forma o todo da vida animal e vegetal, entram para esses fornos e se transformam em novas naturezas e novos corpos para diferentes harmonias no seio universal.

Dona Cosminha e Professor Balbino mudam-se do “Beco de Zé Bernardino” e instalam-se na Rua do Meio, hoje Afonso Campos, de onde, um a um, dentro de um mês, os levou a morte para o quadrado da igualdade, onde jazem sepultos, sem marco nenhum que assinale o local das suas sepulturas. Destino. Foram unidos na vida e separados na morte... O pobre não tem túmulo, apenas uma cova rasa. Mas isto não é uma infelicidade, porque no incognoscível não há castas, nem luxo, nem distinções: as almas ganham o espaço e

são transformadas em novas centelhas para novos mistérios.

Dona Cosminha e Professor Balbino eram parentes. Tia e sobrinho. Ela mais velha do que ele. Morreram no mês de setembro de 1912. Ela no dia 15, ele no dia 19. Desse casal ainda existe, já velho, o único filho, José Benjamim, que vive como um verme, no bairro de José Pinheiro, sem pão certo, doente e esquecido, valendo-se do recurso de escrever longas cartas aos seus conhecidos, pedindo um auxílio para se alimentar.

Essas reminiscências acorreram-me ao espírito na mesa saboreando um arroz doce feito pela minha “Cosminha”, ao lado de quem vivo há uns bons trinta anos, unido pelo sagrado laço do casamento. Assim me pus a recordar, a refazer quadros da minha vida de tipógrafo, achando-me, pelos fios maravilhosos do pensamento, ao lado dos meus colegas de trabalho daquele bom tempo que se foi, como que ingerindo, com o mesmo gosto e a mesma alegria, o tão gostoso arroz preparado por dona Cosminha. Como é agradável ao nosso coração lembrar as passagens e as coisas que alegraram a nossa meninice, mesmo trabalhosa, agra e sem conforto.

“Ó Natureza que nos beijas e abraças! Não nos podemos libertar do teu abraço, nem penetrar mais profundamente em ti. Sem nos convidar nem prevenir, colhe-nos no círculo de tua dança e nos arrasta ao teu giro, até que, esgotados, nos desprendamos dos teus abraços”!

É mesmo assim a vida. São felizes os que, como esse casal de velhos da minha memória, vivem do pouco, conformados e, por fim, mergulham no seio da morte, sem um remorso, sem uma dívida e sem nenhum queixume... Bendito és tu, poeta, que aconselhas:

Morre em silêncio, ser grandioso e forte  
No último lance desesperador,  
Tendo um sorriso para a tua morte  
E um pensamento para o teu amor!..

## 27 - A FEIRA DO BICHO CARETA

...Nesse tempo, em 1910, Campina Grande não figurava no quadro das grandes cidades, razão por que ainda não era alvo da ganância nem da ambição desmedida dos negociantes, nem dos políticos medíocres e aventureiros, cujo foro íntimo repugna a qualquer um mortal que o ausculte. Vivia a vida ingênua e calma das vilazinhas do interior, onde tudo andava bem, de tudo se comia: queijo sem mistura de batata e óleo, leite com todo o vigor, manteiga de nata extraída do leite suculento, mel de uruçú legítimo e outras coisas mais que a roça produz. A sua feira bem concorrida era falada, servindo de centro abastecedor do sertão, que para aqui mandava as suas tropas de burros carregados com algodão em pluma, enfardados e amarrados com corda de caroá. Algodão bom, descarocado em bolandéiras e sem os vícios modernos, que fazem com que as companhias compradoras do produto tenham os seus classificadores especializados, para evitar que os espertalhões passem gato por lebre.

As feiras se realizavam à sombra de frondosas gameleiras que, nesse tempo, existiam na Rua Grande, hoje Maciel Pinheiro, até 1921, quando foram derrubadas. Árvores sem passado digno de nota, cuja queda não constituiu nenhum crime, ao contrário do sacrifício da gameleira histórica da cidade de Areia, que era um marco do passado glorioso daquela cidade brejeira. Como a história tem dentes, permitam-nos aqui uma censura ao algoz. Peca-se, e deve ser tomado por crime qualquer ato público que desrespeite, por violência ou por ausência de espírito, aquilo que serviu e possa vir a servir de testemunho histórico.

As árvores fazem parte da nossa vida, e tanto é assim que os poetas as decantam em versos maravilhosos, como fizeram Augusto dos Anjos e Mauro Luna. Há até códigos que proíbem que se eliminem os vegetais úteis ao homem e ao Estado. As gameleiras da Rua Maciel Pinheiro foram sacrificadas justamente. Interrompiam o progresso da cidade.

À sua sombra realizavam-se as feiras gerais e, também, a do “Bicho Careta”, do qual eram fortes banqueiros Ivo Macacheira, Joaquim Jacinto, Pedro Otávio de Farias Leite, Diogo Dias da Costa, Gasparino Barreto e um tal de Janja que aqui aportou carimbando “bichos”, até que um dia fez uma madrugada das boas, não se tendo notícia nunca mais do seu paradeiro.

O jogo do bicho foi introduzido em Campina pelo professor Pedro Otávio de Farias Leite de saudosa memória. Homem que soube honrar o seu nome em toda sua vida, não só como “banqueiro” e professor humilde mas também como funcionário da Prefeitura Municipal de onde o arrancou a morte em completa pobreza no dia 26 de abril de 1946. Era boêmio, bom bebedor de vinho e exímio fazedor de glosas, igualando-se a Manoel do Ó Júnior, capitão Ciraulo, Antônio Telha, Bernardo Cintura, Luís Correia e Lino Gomes da Silva.

Aqui estão quatro produções poéticas de sua autoria. Embora sem o primor e a graça dos poetas natos, essas produções revelam o estro de Pedro Otávio, que só era revelado nas tascas bebendo com os amigos:

#### MOTE

QUANDO TIVER PATACÃO  
FAÇO UM BARULHO DANADO

#### GLOSA

Agarro no meu facão,  
Afió minha peixeira,  
Ataco bem a algibeira  
QUANDO TIVER PATACÃO.  
Grande será a confusão  
Que o mundo fica virado,  
Pego sargento e soldado  
Deixo tudo sem facão,  
Dou trompaço e cachação,  
FAÇO UM BARULHO DANADO.

#### MOTE

TEUS OLHOS SÃO DUAS CONTAS  
AS CONTAS DA PERDIÇÃO

#### GLOSA

Ó noiva, tu que te aprontas  
Para gozar o himeneu,  
Repara no rosto teu,

## TEUS OLHOS SÃO DUAS CONTAS

Que fazem viver as tontas  
Nas faixas da sedução;  
Faz sucumbir de paixão  
Quem não lamenta o castigo  
Contanto goze contigo  
AS CONTAS DA PERDIÇÃO.

### MOTE

PRÁ PAGAR TEM QUEM RECEBA  
PRÁ RECEBER NINGUÉM PAGA.

### GLOSA

Garrafa cheia não beba,  
Conta nova não se paga.  
A continha na bodega  
PRÁ PAGAR TEM QUEM RECEBA  
Deixe de lado a soberba,  
A crise é dura e amarga,  
Ponha no lombo esta carga:  
Quem vende muito fiado  
Traz o livro escriturado -  
PRÁ RECEBER NINGUÉM PAGA.

### MOTE

ADEUS, ADEUS COMPANHEIROS  
JÁ SÃO HORAS DA PARTIDA

### GLOSA

Meus amigos verdadeiros  
Da grande luta da vida,  
É hora da despedida,  
ADEUS, ADEUS COMPANHEIROS,  
Da dor, do riso, parceiros,  
Nesta quadra já corrida  
No peito sangra a ferida,  
A saudade me devora,  
A lembrança fala, chora,  
JÁ SÃO HORAS DA PARTIDA.

Havia na feira do “Bicho Careta” um sistema de troca muito interessante. Trocava-se Avestruz por Vaca, Cavalo por Cobra, Gato por Tigre, Porco por Elefante, Burro por Camelo, Urso por Pavão, e assim outros bichos mais e menos preferidos. Os bicheiros ado-

tavam o expediente de “capar” o jogo. Na gíria do negócio do bicho, “capar” era o seguinte: os bicheiros reservavam para si ou para alguém todas as tiras de um determinado animal, e, na hora de “mexer” de recolher a boia, o tal bicho não aparecia e passava a ser vendido com usura. A disputa do tal bicho era igual ao que fazem atualmente os políticos sem vergonha, de má qualidade, comprando ou se deixando comprar por cargos rendosos, política que vem arruinando e perdendo o País.

Eram espertos os bicheiros, mas os banqueiros mostravam-se muito mais sabichões. “Capavam” também os maços de bichos que entregavam para a venda. Muitas vezes a “banca era limpa”, isto é, não pagava nenhuma sorte porque dava justamente o bicho que ficara trancafiado na gaveta do banqueiro. O bicho tinha uma vantagem: não havia limite, como o há hoje para o grupo, o milhar e a centena. Era vendido à vontade e carimbado no momento o quanto se quisesse. Certo dia o “banqueiro” Janja danou-se a carimbar Elefante e vendeu o quanto pôde. Por infelicidade do Janja deu o diabo do Elefante. Janja não teve outro caminho: tomou o trem e... adeus, Campina Grande... Disto ficou a pilhéria... “estou mole como quem jogou Elefante na banca de Janja”. E esta quadrinha:

O Elefante fez Janja

Fugir, não pagar vintém;

Ah! “seu” Janja sem vergonha,

E se não houvesse o trem!...

O jogo do bicho agora é muito diferente e cheio de modalidades dignas de nota. “Banqueiro” não é mais banqueiro, é licenciado. Bicheiro não é mais bicheiro, é “cambista”. Joga-se grupo, dezenas, centenas e milhares, invertidas e não invertidas. Em vez do “bicho careta”, joga-se o bicho numerado. E quem mais lucra com o processo são justamente os que não bancam nem jogam... por que o jogo é proibido... ora é livre, ora é perseguido...

É assim a vida... e a arte de viver carece de certos “sacrifícios”, de certas ginásticas, tentações a que o homem não resiste.

Triste fado. Não fora Deus ter dado às criaturas o livre arbítrio, grandes tormentos levariam os homens a extraírem do seio da terra o necessário para por o coração em ritmo certo com a consciência...

## 28 - A TENDA DE MESTRE HONÓRIO

Existiu em Campina Grande, até 1941, uma latoaria original a que chamávamos a “Tenda de Mestre Honório”. Era por demais original, fora do comum, excêntrica mesmo, podemos dizer; pertencente a um homem humilde e envelhecido no ofício de funileiro. Homem de caráter e bom cristão. Pelos muitos objetos e pedaços de objetos existentes, pequenos e grandes, velhos e novos, prestáveis e imprestáveis, remendados e por remendar, lá acumulados, em rumas uns, em pilhas outros, dependurados uns e em desordem todos, merece que falemos dela com um certo respeito, pela desordem harmoniosa, e pelo espírito que o artista dava a todas as coisas, tanto as que ornavam e enchiam às paredes, como as que entulhavam os dois pequenos compartimentos da tenda, mal cabendo neles os apetrechos usados pelos dois artistas que trabalhavam impressados: o mestre: Honório Alves Correia e o seu discípulo Manoel Alves, vulgo Manoel Bonitinho. Mestre e discípulo se confundiam na maneira de receber quem chegava com um objeto para consertar.

Essa tenda foi instalada primeiramente no “Beco de “seu” João Ribeiro”, hoje Rua Cardoso Vieira; anos depois, quando veio o espírito de reforma e reconstrução da rua, mudaram-na para o “Beco de “seu” Lindolfo”. Beco repugnante e torto. O progresso o arrasou, tendo sido ocupado em parte por um sobrado construído por um dos herdeiros do Cel. Lindolfo Montenegro. Homem honrado, de tradição, comerciante e político. Em agosto de 1895 foi envolvido na questão “Rasga-vale”; com Cristiano Lauritzen e outros foi pronunciado e preso, mais por perseguição política do que pelo crime que lhes imputavam: morte de um soldado no conflito que se generalizou na feira no momento em que o promotor Dr. José Agra, o prefeito Francisco Camilo e o delegado de polícia João Martins da Cunha, apreendiam e rasgavam os vales que circulavam como dinheiro. Tendo sido conduzido para a Capital do Estado e depois para o Rio de Janeiro, de onde voltou para responder júri

em Campina, sendo absolvido por unanimidade. O Cel. Lindolfo Montenegro era sogro do Dr. Afonso Campos e avô do Dr. Aluísio de Afonso Campos, filho único desse chefe oposicionista.

Um alfarrabista do gênero, na tenda de mestre Honório, poderia se fartar com sobra. Tudo era velho e remendado. Um verdadeiro museu de coisas caídas de uso, que eram conservadas pelo dono, como se tudo fosse pedaços de sua alma caridosa, amiga de todos que lá chegavam para lhe pedir um conselho, uma esmola ou recordar passados da vida...

Quem em Campina não conheceu mestre Honório e sua tenda? Muito pouco dos que mourejavam na cidade antes da sua morte.

Entrava-se nessa tenda esbarrando-se em tudo, e quem não o fizesse com muito cuidado corria o risco de receber pela cabeça uma verdadeira chuva de lamparinas e canecos velhos. Mestre Honório não tinha uma tenda, tinha, sim, um ninho de arumará. Mas, ali estava a vida e o coração do velho artista, crítico, músico e cantor de coro de igreja. Amigo de quantos se sentavam no banquinho roído que tinha o seu lugar logo na entrada da porta da tenda, banquinho que acolhia os pobres como Deus e a Caridade recebem os necessitados. Se as coisas aí falassem, que palavras de reconhecimento e de gratidão não teriam dito àquele bondoso mestre Honório!

As caçarolas e os candeeiros furados, os canecos velhos e os novos, as armações empoeiradas de guarda-chuvas, as marmitas, os candeeiros de pé e os "arcoviteiros" de flandres, as bacias de zinco, os bronzes de soldar, o martelo grande de madeira, a tábua queimada de espalhar o estanho, a bigorna de moldar, o velho fogareiro, o cepo de desamassar as peças, o pequeno depósito de carvão, os retalhos de materiais amontoados pelo chão e todos os objetos que entulhavam e enchiam os dois compartimentos da tenda, do piso ao telhado, falavam, segredavam a mestre Honório, e ele os entendia, e a todos gesticulava, como Sinhá Bandeira conversando com seu Santo Antônio casamenteiro, quando uma moça lhe batia à porta para arranjar um casamento, levando a esmola do santo e o "prêmio" para a "curandeira" de corações amorosos.

Quem ia à tenda de mestre Honório, e nela entrava, teria que o fazer com muito cuidado, porque mal transpunha o portal os objetos, como que gritando, ameaçavam cair por cima do atrevido que tentasse ir além do espaço para si reservado. Afora o lugar do

mestre, existia um outro ocupado por uma velha cadeira de fechar, que servia para acolher modorrentamente algum camarada que viesse gracejar com o artista ou lhe trazer uma caçarola para remendar. Essa cadeira era uma testemunha das conversas engraçadas e das piadas maliciosas, bem assim das gratas recordações do passado da vida que mestre Honório teve florejante. Sim, porque ele também sonhou, teve seu peito ufano, gargalhante, cantando a todas as horas, nas serenatas divertidas arrancando do seu "baixo" as notas que derramava pelas ruas enluaradas, na porta da amada que lhe enchia de sonhos e ideal o coração colorido pelo sangue moço que lhe corria nas veias, recitando ao som da dalila:

Se pudesse ser, eu e tu, Noite e Terra  
Tão grande a multidão seria de meus beijos,  
Que, em breve, dando corpo a meu sonho de gozo,  
A este sonho que toda a fantasia encerra,  
Ouvida a prece e visto o ardor de meus desejos,  
O céu se tornaria um jardim luminoso.  
Deslumbrante, imortal, e a noite ficaria  
Mais clara do que o Sol, mais bela do que o Dia!

E o velho artista expandia-se como se em tais momentos estivesse a sentir aquele calor que faz de todo o moço um sonhador e um atrevido. Era assim a tenda de mestre Honório. Um ninho de recordações, uma casa de caridade, uma oficina de consolação, enfim, um veio de onde ele extraía o pão para os filhos e, na velhice, o sustento dos netos...

## 29 - O NEGRO MANOEL MARIA

Na partida de xadrez que jogamos com o destino, só ele é o vitorioso. Por favor, às vezes, consente que alguns dos contendores tomem posição de rebate, sem conceder, porém, que nenhum o vença.

O pensamento de Maeterlink, é que o destino fecha às vezes os olhos, mas bem sabe que para ele voltaremos depois, e que é ele que terá a última palavra.

São tidos como favoritos os que, no jogo, estacam num ponto, e a vida corre calma, como a do faroleiro, que, ao pé do seu rádio, ouve todos os dias as novas do mundo e, pela manhã, quando o sol ilumina a terra e se mostra em toda sua plenitude, ele, o faroleiro, contempla o espaço misterioso, e a imensidão das águas que o cerca, onde borbulham milhões de seres diferentes, sem ganância, sem mentiras, e sem ingratidões - coisas que penetram e se alojam nos corações de quase todos os homens, especialmente dos políticos sem sinceridade.

A criança, ao nascer, não sabe para onde vai, quando a parteira, toda carinho, toda amanho, a leva à bacia para o primeiro banho no mundo. E, com aquele jeito de ternura, com mãos de pluma, amarra-lhe na cabecinha a touca de renda fina, enchendo o coração da mamãe estirada no leito, de mil alegrias, que a voz e os gestos humanos não podem exprimir, senão pobremente, tão grande é a sublimidade do despontar da vida.

Depois, cheios de amor, vão os pais guiando o pequenito ser, até vê-lo atingir a maior idade para enfrentar o destino e lutar para viver. Começa aí, então, o grande drama, que pode ser feliz ou desgraçado. De um Goethe ou de um Jack London; de um Hermes Fontes ou um Graça Aranha, gente que a literatura aponta como gênios e talentos.

Todo esse ba-ba-bú para falar de um negro que o destino marcou profundamente. Não foi, porém, infeliz de todo, teve horas

de sol, mas como um prisioneiro que sai da cela para um banho ao ar livre. Chamou-se em vida Manoel Maria. Foi um capoeirista valente. No sambo e na rua, respeitado. Surrou, certa vez, um cangaceiro que aqui aportou em 1911, debaixo da proteção de José Lauritzen, que o reenviou para Patos, depois do batismo a cacete.

Chegou em Campina como tombador e lotador de fardos de algodão, trazido pelo cel. Zumba Monteiro, para quem trabalhou muitos anos a fio. Era natural de Timbaúba dos Mocós. O cel. Zumba Monteiro passou como uma figura de sonho. Não fez, entre nós, outra coisa senão ganhar dinheiro. As notas de peso e os montões de sacas de algodão que tomavam quase toda a Rua Marquês do Herval, fizeram-no esquecer a frase bíblica de que “nem só de pão vive o homem”.

—Acredito muito no poder do dinheiro, mas há um momento em que os Rotchislds se escondem: é aquele em que o espírito se mostra, anulando figurões, na vida e na morte.

O negro Manoel Maria sofreu na velhice o quanto ou mais gozou na mocidade. Decrépito, suportou à força o peso dos seus oitenta anos. O destino, ainda brincando com ele, fê-lo apanhar papéis sujos na rua, para viver.

Quando era negro forte, marcou uma época no carnaval com o seu “*Crube Decente de Cambimbas*”, como se expressava na sua linguagem de analfabeto.

No carnaval de 1913, o mais rico que Campina Grande mostrou, Manoel Maria saiu à rua com o seu CRUBE composto de “gente decente”: Burrinca, Birunga, Antônio Souto, Salu, Chico Pau Velho, Chicão, José Rasteiro, José Teodósio, Chico Congo, José Congo, e outros que como Manoel Maria estão no seio da terra, sem nome e sem cova, com exceção dos quatro primeiros que ainda penam no mundo, levando uma vida de sacrifício e agruras.

Nos ensaios, que eram animados, Manoel Maria instruía os companheiros: “Óia, meninos, vamos trená direitim prá mostrá aos branco que isso é um crube de negos mais é um crube decente”.

E na sua voz grossa tirava o coco:

- Eita lá prá lá meu mano
- Quando eu pego a sublimá...

E os companheiros respondiam:

- É marinheiro, é chumbo, é bala,
- É marinheiro, é chumbo, é bala...

Os “Cambimbas” saíam à rua cantando cocos ao som dos ganzares e dos bombos, dos pífanos e das gaitas. As ruas cheias de gente a brincar com laranjinhas, bisnagas e confetes, ficavam intransitáveis. Desfilavam, orgulhosos, os clubes “Caiadores”, “Beija-Flor”, Paes, “Cana Verde”, “Lenhadores”, e “Regadores”, e atrás destes os CAM-BIMBAS, de saias brancas e chapéus de palha quebrados a meio-pau, com uma rosa encarnada na testa.

Isto aconteceu em 1913. Nesse ano houve um incidente que vale bem lembrar. Os CAMBIMBAS chegaram à casa do major Tito Sodré, onde os esperava uma bruta recepção. Senhoras e senhoritas da sociedade, munidas de bisnagas e flores. Os “Cambimbas” ficaram em apuros. A maioria dos seus componentes estavam tocados da graça da aguardente, essa “bicha” gostosa que D. Pedro II tomou no engenho Monjope e achou-a deliciosa.

Manoel Maria tirou o coco:

- Eita lá, prá lá meu mano
- Quando eu pego a sublimá...

Ninguém respondeu. Manoel Maria esperou pouco, olhou para um lado e para outro e repetiu o canto:

- Eita lá, prá lá meu mano
- Quando eu pego a sublimá...

O silêncio ainda foi maior. Repetiu outra vez. Ninguém escutou. Irado, Manoel Maria perguntou: “Voceis pru que não arrepete esse coco, magote de fios de uma p...” (pronunciou uma palavra que não pode ser citada aqui).

Nisto, retruca Chico Pau Velho:

- Você não pode matratá a gente, seu nego safado! Se dixé de novo eu jogo essa poiquera fora!

A “poiquêra” era o estandarte do clube.

Manoel Maria julgou-se afrontado. Botou-se para Chico Pau Velho e disse:

- Se você “achincaia” essa bandeira, seu amarelim safado, eu te amostró uma coisa...

Chico Pau Velho joga a bandeira no chão, Manoel Maria tenta agarrá-lo. O Chico refugia-se no interior da casa do major Tito.

Depois da natural troca de improperios, Manoel Maria diz para “seu” Tito, que achava graça na cena:

- Majó Tito, me intregue Chico Pau Véio que eu trabaio um ano de graça prô sinhô...

E, assim, o “Crube Decente dos Cambimbas” terminou o seu dia, recolhendo-se, disperso, para nunca mais sair à rua.

Manoel Maria, coitado, amargou a vida muitos anos. Nos seus dias penosos de desespero, com a necessidade a lhe chicotear o lombo cansado, sentenciava para quem lhe ouvia:

- Todo nêgo é “caruave” a desgraça...

Trabalhou tanto, lutou tanto e o destino ingrato, através da má vontade dos patrões que lhe exploraram a condição de preto, fustigava-o, castigava-o, como a seca castiga o povo do Nordeste, que vive e resiste de teimoso que é, esperando a hora em que os “príncipes” da política reconheçam que “toda a medida se enche”, e abandonem o caminho mau que tomaram e estão tomando contra a massa do povo que deve ser tratado com benevolência.

No Cemitério do Carmo, numa cova desconhecida, estão os seus ossos de negro sofredor. Sua lembrança ficou. Sua alma paira, quem sabe lá?, sobre as cabeças dos filhos, inspirando-os, encorajando-os, para que não desonrem a sua memória.



Rua Maciel Pinheiro - 1920 - dia de feira

...Junho, mês rico de belezas verdes, em que tudo na estrada da natureza resplende. Nos campos, nas matas, nos canaviais, enfim, onde a mão humana rasga a terra, e ela, em paga, lhe dá bonitas flores e saborosos frutos.

A alma das coisas abre-se para os esplendores da vida. Os raios da aurora são estrofes de Deus. Os pássaros cantam, o vento sopra de leve acariciando os arvoredos, e o próprio homem agita-se menos, porque o frio que lhe chega do exterior lhe penetra no sangue, como um calmante nos nervos, adoçando-lhe, se bem por pouco, o coração.

Era menino ainda, e tinha a alma virgem. E o meu espírito, incapaz de compreender os mistérios da vida, sentia; porém o meu sentir era como a dor de um gaiato filósofo, passava logo, sem atinar com a razão e com os resultados de um pensamento criador. Certo, muitas coisas me encantavam, outras me faziam medo. As providas de Deus, as criadas pelo homem.

Lembro-me da Cadeia Velha, situada no alto da hoje Praça Clementino Procópio, erguida até 1935, época quando foi demolida. Seu arrasamento foi um começo de luz penetrando na alma da cidade. Estava em construção o Matadouro, depressa transformaram-no em Cadeia, para onde foram transportados os sentenciados. De matadouro animal passou a matadouro humano. Troca do destino.

A um lado do casarão sombrio existia a igreja do Rosário, com um grande muro, mais tarde cedido, por venda, à Sociedade Beneficente Deus e Caridade tendo aí construído um prédio para a sua sede, anos adiante demolido, com a igreja, para dar lugar ao "Cine-Capitólio".

Entre a Cadeia e o prédio da "Deus e Caridade", existiam dois pés de gameleira bem frondosos, a cuja sombra eram despejados os defuntos que chegavam em carga, mercadoria sinistra, vinda

dos sítios, onde reinavam o clavinote e o punhal, porque não se usava ainda a “peixeira” como instrumento de matar. Essa arma terrível criou-a a maldade, por ser silenciosa e de fácil condução.

A Cadeia Velha era um casarão quadrado, terrível e escuro, construído em 1877 pelo Dr. Trindade. Tinha dois compartimentos e quatro grandes janelas gradeadas de ferro, com um grande portão de entrada. Portão artístico, de ferro, se acaso pode ser artística uma concepção do inferno. Ai de quem ali penetrasse para ficar! Antes de 1900, passou por uma reforma. A sala da guarda foi transformada numa prisão para mulheres, passando a ser feita a entrada para a prisão pelo lado traseiro que ficou sendo frente, olhando para a Rua do Rosário, hoje Praça da Bandeira.

Separando a prisão das mulheres, existia uma parede; nesta parede, uma porta e nessa porta uma “vigia”, por onde Pedro Nóbrega, carcereiro e político, olhava para ver o que faziam as detentas jogadas lá dentro como bichos. O mesmo fazia pela “vigia” dos compartimentos dos homens encarcerados, onde entrava todas as tardes, ao escurecer, para examinar com uma barra de ferro as grades das janelas que isolavam os “bichos” do mundo.

É bem verdade que há homens que nem como bichos devem ser tratados, mas são criaturas que expiam, e trazem consigo um “que” que merece respeito. Esse “que” é a alma, janela divina por onde cada um recebe uma luz que lhe abranda a natureza e, às vezes, lhe faz pensar.

Muito criança, reparava, sem entender nesse casarão do crime, sombrio e terrível como o olhar de um tarado em plena cólera. A um lado pastavam bichos e corria um riacho que despejava no Açude Velho. Na margem esquerda, onde se entrava, como ainda hoje se entra, para as ruas da Matriz e da Floresta, Vicente Alvião construiu uma rua de casebres que de tão pequenos e baixos o povo apelidou de “Caixa de Fósforo”. Da “Caixa de Fósforo” não resta nem um traço sequer. O progresso tragou tudo. O progresso, como a vida humana, tem altos e baixos. Às vezes é lento, às vezes desesperado. O nosso progresso material tem sido desesperado. Parece que a nossa cidade só tem entranhas. Coisas de se lamentar, porque não é o lugar da consciência.

Era dessa casa de medo para as crianças, que todos os Domingos, pela manhã, saíam acorrentados muitos “bichos” trazendo

cada um na cabeça uma “cuba”, e no pescoço uma gargalheira agregada a uma pesada corrente de ferro, com as extremidades presas por um forte cadeado. Caminhavam assim, fortemente policiados, até às margens do Açude Novo, onde despejavam os excrementos fétidos das “cubas”, e lavavam-nas depois no açude, onde entravam com as calças arregaçadas até aos joelhos trazendo-as de volta cheias d’água, que bebiam e se banhavam na prisão. O Açude Novo, ainda hoje não é higienizado, e abastecia a população pobre da cidade, muito pequena em 1910.

Os presos iam e vinham, uns de cara fechada, outros esboçando apenas um sorriso. O sorriso de um acorrentado pelo crime é uma espécie de careta que só o infinito compreende.

Não usavam roupas listadas, própria de detentos. Eram mal vestidos, como ainda hoje são e pior alimentados.

Quando se vai o verão e chega o inverno, com o frio, esses trapos humanos recorrem à caridade. E não raro seus gritos são ouvidos cá fora. Em 1953 tiveram lá o coração derramado de Félix Araújo. Agora, quem lá irá? Félix está morto. Tramaram o seu assassinio, e pelas mãos de um tarado foi abatido à traição. Fato que por muito tempo há de fazer tremer a consciência dos malvados, invejosos do seu talento e que o mandaram matar.

De 1910 para cá, a marcha para melhorar o aspecto das cadeias do interior tem sido reumática. As torturas, estas se adiantam.

Essas cadeias são mais casas de crimes do que para criminosos. Encarcerar homens sem lhes cuidar da alma e do corpo, é o mesmo que alimentar o crime pensando satisfazer a justiça. Um erro.

Todas as criaturas têm os seus instintos que precisam ser vigiados. Se bons, guiá-los para a virtude. Se maus, conduzi-los para a punição, dentro dos moldes humanos, para que os seus desesperos se não tornem maiores.

Escrever certo em linhas tortas só ao Criador é permitido; porém os governos podem andar certo por todos os caminhos, tornando em bons os ruins, melhorando os piores.

Chamamos a isto princípio: O que mais se deseja, vem sempre tarde, mas vem...

## 31 - EM TUDO O DESTINO... COMO NASCEU "A FRUTEIRA"

Na manhã do dia 28 de abril de 1927, deixo Campina Grande, levando a mulher e um filho, para ir residir em Taperoá e trabalhar numa firma compradora de algodão.

Como acontece a quem parte para longe com o fim de viver, saí da minha cidade levando um cofre de esperança ao lado, e guardada bem no fundo do coração a confiança de que seria feliz... Não era ainda chegada a ocasião desse sonho.

.....

A tarde do dia 19 ia alta, e a noite vinha se aproximando com seu manto de azeviche para cobrir a natureza. Fazia calor. Estávamos no mês de janeiro de 1928. Sentamo-nos, eu e minha esposa, na calçada da casa para gozarmos a fresca da noite. Era auxiliar da firma Sabino Pinto e fui despedido nesse dia sem outro motivo senão o de procurar uma posição melhor no futebol da vida, e de ter escrito uma carta a um amigo pedindo que falasse para mim um emprego na firma José de Brito & Cia., adiantando em minha carta que a firma para quem estava trabalhando não me oferecia segurança, pagava-me pouco e havia faltado com o contrato que estabelecêramos para o meu trabalho.

Os nigromantes, que, nesses casos, são os amigos, deram ciência disso ao meu empregador, e da minha pretensão de deixar a sua casa. Resultado: fui despedido da firma com essas palavras: "Não quero empregado que esteja procurando emprego fora"! Isto dito abrupto e sem as maneiras que distinguem as pessoas educadas. Zango-me. Imediatamente abro os livros, e, à vista do patrão, fecho minhas colunas. Na pressa, e com a raiva tomando conta do meu coração, pois sou humano, errei a operação a favor do empregador na importância de 500\$000, - nesse tempo, em 1928, ainda era o 1\$000 o padrão da nossa moeda.

As primeiras horas da noite são as melhores para pensarmos e

traçar planos para novas ações no campo dos interesses da vida. A noite é amiga dos pensadores como a aurora é amiga dos pássaros e os desperta para ouvi-los cantar. Quando pensava com minha mulher num plano para as atividades que me esperavam, nesse ínterim, rememorando o incidente da tarde, aclara-se-me o espírito: um rasgo de luz me fez levar a mão à frente e, como que por uma inspiração, dei pelo erro de subtração de que falei acima. Esperei que chegasse o dia para levar ao conhecimento do meu empregador o erro da véspera. Recebeu-me de cara feia e, se lhe tivesse sido possível, ter-me-ia atirado pedras.

- Sabino, ontem, ao fechar às pressas as nossas contas, dei um erro contra mim de 500\$000, disse-lhe.

- Eu não sei disso, não! Respondeu-me brusco.

- Eu não venho lhe pedir favor, nem quero verificar a minha própria conta, exijo apenas que você mande examinar por quem muito bem entender e veja se eu estou, ou não, certo!... E saí.

Isto lhe acalmou o ânimo. Fez como mandava o dever: chamou um parente de sua mulher, Aristides Farias, e, com seu irmão Engrácio Guedes, constatou a verdade da minha reclamação.

Não me pagou logo. Uma semana depois eram-me entregues em Campina Grande os 500\$000 do meu engano.

Passei a sexta-feira toda arrumando os “trastes” e reduzindo a dinheiro alguns livros de literatura e biografias, que enchiam uma estante, com a ideia fixa bem minha, bem aninhada na minha cabeça, de que, em chegando a Campina Grande, não seria mais empregado de ninguém.

A força de vontade ajuda a viver, encoraja o espírito e dá à pessoa o jorro de coragem necessário para os cuidados e os passos a fim de ter assegurado o pão de cada dia. Ninguém, que tome uma resolução partida de dentro da alma, terá em sua frente o insucesso. A ideia forte, a vontade firme, ajuda a fé, como o fermento ajuda ao padeiro.

Aprendi com Samuel Smile a encorajar-me, lendo os seus livros. “Vida e Trabalho”, “Economia”, “O Poder da Vontade” e o “Character”, eram os meus conselheiros de todas as noites e de todos os domingos, quando não saía para feirar nos lugares vizinhos em companhia do meu empregador. Com tão rico capital de estímulo, e com a ajuda de Deus, nenhum homem terá insucessos

no trabalho que encetar. Um destino bom, uma fé a confortar a alma, uma companheira sincera e leal, laboriosa, e, sobretudo, econômica, são capitais vivos com que se pode contar e enfrentar as mais fortes vicissitudes da vida! E tudo isto eu trouxe de Taperoá, de regresso à terra natal onde me fixei e de onde não pretendo sair nunca mais, senão para o mundo desconhecido, do mistério infinito, aonde só chegam os pensamentos e as almas cheias da graça divina.

Assim, com essa bela disposição de espírito, parti de Taperoá para outras atividades, na ensolarada manhã de um sábado, 21 de janeiro, com a mulher de um lado e um filho risonho nos braços.

Em Campina tratei de viver. Não procurei tomar patrão, mantendo o meu propósito. O jogo do bicho era franco e a comissão da venda era de 20 por cento. Fui vender bicho e bilhetes de loteria. Gostei da ocupação. Não fora o presidente João-Pessoa ter determinado a extinção do jogo em todo o Estado, talvez a estas horas eu ainda estivesse vendendo a sorte aos viciados.

Há coisas que acontecem para mudar destinos, para bem de uns e desgraça de muitos. Acabado o jogo que fiz? Continuei a vender loterias Federal, de Minas e da Bahia. Nessa época com pouco dinheiro se vivia. Enquanto vendia bilhete da sorte grande, meu espírito trabalhava, atento, em todas as horas, procurando um ponto para me estabelecer. E a ocasião chegou. A Prefeitura, que funcionava num compartimento apertado, mudou-se para um sobrado existente ainda hoje na Rua Marquês do Herval, ocupado atualmente pela Cooperativa de Crédito Agrícola. Foi-me fácil alugar o ponto, e, no dia 1 de março de 1928, inaugurei uma pequena venda de frutas. Dei o nome ao estabelecimento de "A Fruteira". O apurado do primeiro dia da casa foi de 1\$000, o mesmo do de 25 anos depois, como iremos ver no fim desta narrativa.

No primeiro ano de labor já eram bem crescidas as vendas e aumentava mais a mais o movimento da casa. Abria as portas do estabelecimento ao nascer do sol e as fechava quando os ponteiros do relógio marchavam para meia noite.

No quinto ano, 1933, o negócio era dobrado. Não vendia mais somente frutas: vieram os produtos do fumo, as bebidas frias e quentes, e as especiarias. Depois os doces, bolos, canjica e pamonha de milho verde, feitas por minha esposa, que, Deus

louvado, comungou com o meu espírito no ideal e no trabalho para que tivéssemos uma vida mais folgada no futuro.

No décimo ano, 1938, "A Fruteira" se tornara conhecida como casa de especiaria e bar, mas sempre vendendo frutas. Frutas de todas as espécies, desde a uva à maçã, desde o limão à macaíba.

E o tempo correndo, e "A Fruteira" triunfando.

No décimo quinto ano, 1943, tornou-se a casa preferida dos intelectuais, mas sempre vendendo frutas. Ensinaram-me a fazer "Bate-bate", uma bebida preparada com aguardente, maracujá, mel de abelha e limão. Foi o chamariz sensacional. Tornou-se o "Bate-bate" o inspirador das almas - a conquista maior - e veio de um espírito simples, que eu soube aproveitar.

O "Bate-bate" mudou de nome, passaram a chamá-lo de "Primoroso". Fabricava e vendia muito, mas sempre vendendo frutas, que era o ramo fundamental da "A Fruteira" e onde repousava o seu valor econômico, e o motivo de sua existência.

A fama do "Primoroso" chegou até ao Rio de Janeiro: o ministro sem pasta, então secretário da presidência da República, Dr. José Pereira Lira, tendo de vir a Campina Grande inaugurar o prédio dos Correios e Telégrafos, manifestou o desejo de experimentá-lo, e logo o encarregado da sua recepção aqui telegrafou ao proprietário do Grande Hotel, Senhor João Fernandes, pedindo que adquirisse um litro dessa bebida nordestina para satisfazer o desejo do ilustre político. E ele gostou... Intelectuais, poetas, filósofos, boêmios, professores, acorriam a "A Fruteira". Formamos um cenáculo no terceiro compartimento da casa, e as abelhas do espírito aí se reuniam. E o compartimento, que não era bem claro, pois a luz do sol nele entrava escassamente, tornava-se resplandecente com a luz que jorrava da prosa, que às vezes chegava ao delírio encantador da inteligência e da sensibilidade. Estabeleciam-se discussões em torno dos diversos campos do pensamento, sobre as variadas escolas dos poetas, do estilo delirante de Olavo Bilac, Castro Alves, Emílio de Menezes, Guerra Junqueiro - sarcastas preclaros -, Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Gilca Machado, até dos nossos vates conterrâneos como Mauro Luna, Anézio Leão, Euclides Vilar, Iracema Marinho, Murilo Buarque e muitos outros daquém e dalém mar, cujos nomes as paredes do Cenáculo guardavam como divindades tutelares do espírito e da forma.

Ó! "A Fruteira", como me encantavas, como me ilustravas

nesses momentos de brinquedos do espírito e das imagens, de sensibilidade e de ternura dos teus frequentadores! “O fósforo irradia nos espíritos, a graça faísca e torna-se impossível citar exemplos, tantos, tantos, tantíssimos eles são!”

Às vezes tornavam-se sublimes as irradiações dessas almas, dessas abelhas pensantes, e lá vinham para o meio da gente Rousseau, Diderot, Lenine, Victor Hugo, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Graça Aranha, Eça de Queiroz, Garrett, Camilo Castelo Branco, Machado de Assis, Humberto de Campos, Augusto dos Anjos e outros, cujas vidas foram um constante exemplo de lições a espargir-se no mundo... Deslumbravam-me esses momentos de letras e de felicidade da vida!

Lembro-me de uma reunião que fizemos no Cenáculo, no dia 7 de dezembro de 1947, que ficou em nossa retentiva como um acontecimento brilhantíssimo. Foi o dia máximo de alegria e prosa de “A Fruteira”. Ao lado do vinho português foi servido o “Primoroso”, em brinde de honra pela visita ao nosso Cenáculo das figuras representativas das letras e da diplomacia portuguesa: Dr. Mário Duarte, cônsul em Pernambuco; Dr. Artur Alves Barbosa, advogado e escritor de saudosa memória; Eduardo Maia Franco, banqueiro e conferencista; Padre Antônio Lamego, do Colégio Nóbrega; Fernando Saraiva, do alto comércio e da indústria e Edmundo Celso, poeta e jornalista do “Diário de Pernambuco”, todos da comitiva que viera de Recife inaugurar o monumento que a Colônia Portuguesa de Campina Grande mandara erigir na Praça Clementino Procopio em memória do bandeirante português Teodósio de Oliveira Ledo, fundador da cidade, em 1697. Nesse dia, pelo incomensurável “Constellation” do pensamento, Lisboa foi transportada para a “A Fruteira” e, por lembrança do Cônsul Mário Duarte e do banqueiro Eduardo Maia Franco, por 48 horas a nossa casa passou a ser chamada de “Café Nicola”.

O “Café Nicola” ainda existe em Portugal. Como a “Confeitaria Colombo”, no Rio de Janeiro, o “Nicola” acolhia até alta madrugada os poetas boêmios da velha Lisboa, como, por muitos anos, a “Colombo” da “Cidade Maravilhosa”: Olavo Bilac, Coelho Neto, Aníbal Teófilo, Goulard de Andrade, Emílio de Menezes, Guimarães Passos, Augusto Maia, Octávio Augusto, Leal de Sousa, Bastos Tigre, Raimundo Monteiro, Tomás Lopes, Heitor Lima, Humberto de Campos, Luís Edmundo, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Alcides Maia, Bruno Barbosa.

Falar no “Café Nicola”, vem-me à lembrança Bocage, o boêmio máximo de Lisboa, e também aquela sua quadra, feita num repente, no instante em que um guarda noturno lhe põe no peito uma pistola, interrogando-o: “Quem és, de onde vens, para onde vais”? O poeta responde:

Sou o poeta Bocage,  
Venho do Café Nicola,  
Irei para o outro mundo  
Se me dispara a pistola.

Formaram, ao lado dessa plêiade alegre, pessoas que não posso deixar de evocar, duas das quais habitam o centro das estrelas, na eternidade, a quem prestamos aqui um preito de saudade: Drs. Luís Gomes e Antônio Telha. As outras: Dr. Zefirino Lima, Euclides Martins, Adauto Barreto, Lopes de Andrade, João Cunha Lima, Luís Gil, e José Pedrosa, esse belo semeador de livros à mão cheia, a quem os intelectuais campinenses hão de erguer um dia um busto de reconhecimento.

Depois dessa, outras reuniões incendiaram o Cenáculo. Cantores como Déu, “Black-Out”, Jorge Veiga, Luiz Gonzaga e Pedro Raimundo - levados por José Jataí, precursor do rádio em nosso meio -, visitaram e divertiram “A Fruteira”, sob a batuta do “Primoroso” que, em certas ocasiões, se tornava um maestro acordeando, arrancando sons divinos das almas em alegria. A casa se enchia de gente, como é natural em momentos assim.

“A Fruteira” entra no seu vigésimo ano de vida. 1948. Não diminui a sua marcha ascendente, nas letras e no negócio, e sempre vendendo frutas.

Em 1950, no dia 13 de maio, solto o meu primeiro pássaro em letra de forma: “DOIS POETAS”, editado pela Livraria Pedrosa. Trabalho que colheu dos críticos boa dose de elogios, muito embora tenha sido escrito com ingente esforço de espírito, pois o autor, autodidata, aprendeu a formar frases e a dispô-las em períodos lendo os bons autores e compondo artigos para um jornal da província, no próprio prédio de “A Fruteira”, como foi o “Correio de Campina”, cujo nome ainda está no frontão, jornal fundado

em 1912 pelo então chefe político Cel. Cristiano Lauritzen. Por esse jornal passaram penas brilhantes, valores intelectuais como Dr. Paulo Barreto (João do Rio), Dr. Severino Pimentel, Dr. Generino Maciel, o historiógrafo Dr. Hortênsio Ribeiro, Dr. Júlio Maciel, Lino Gomes da Silva, Lino Fernandes de Azevedo, José Alves Sobrinho, poeta assassinado em 1915, Agnelo Amorim (João do Centro), professor José Coelho, Alberto Saldanha e outros letrados de brilho, que enriqueciam as letras campinenses nessa época.

“A Fruteira” gargalhou, bebeu, tertuliu, brincou, saltou de contentamento, encheu-se de felicidade, como uma jovem quando sabe que foi pedida em casamento, naquele dia 13 de maio, dia que constituiu a sua maior glória, testemunhada por Hortênsio Ribeiro, Gilberto Leite, Nilo Tavares, Epitácio Soares, José Leite Sobrinho, José Lopes de Andrade, Félix Araújo, José Pedrosa, Luís Gil, Antônio Mangabeira, Aluísio Batista, Juarez Barreto, Castro Filho, Euclides Vilar, Zefirino Lima, Durmeval Trigueiro, Luís de França, Euclides Martins, José Justino, João Sales, Manoel Ulisses, José Gualberto, Miguel Ramos, Cabo Fonseca, Jonas Araújo, João Pedrosa, Fernando Monteiro e muitos outros que, por aclamação, manifestaram o seu entusiasmo nessa festa de espírito e coração. Dessa turma, somente três ausentaram-se, foram chamados por Deus para a eternidade: Euclides Vilar, Gilberto Leite e Félix Araújo, jovem inteligente, de talento singular, vereador, prestes a se formar em Direito, assassinado no dia 13 de julho de 1953, em pleno dia, na cara da Prefeitura, em frente da sede do governo, por um capanga contratado, funcionário municipal, vindo não se sabe de onde, cujo fim trágico teve lugar na cadeia, trucidado pelos detentos, que nessa noite não tinha ninguém para vigiá-los no cárcere. Essa história um dia terá de ser conhecida, quando Deus inspirar a justiça paraibana e obrigá-la a desarquivar o processo que se seguiu depois do assassinio brutal do vereador combatente, do tribuno inigualável que foi Félix Araújo. Os culpados misteriosos se refestelam, como feras que devoram os cabritos monteses. Nero mandou incendiar Roma e ficou escondido atrás da sua lira, mas a verdade surgiu e a justiça foi feita, implacável como a força do destino.

Nesse momento de recordação, “ABRINDO O LIVRO DO PASSADO” presta sua homenagem sincera à memória dos três amigos desaparecidos.

Quem não vira menino em momentos como aquele 13 de maio, dos DOIS POETAS? O ouro do mundo derramado em moedas não pagaria a nossa alegria naquele instante fugitivo da vida!

“Ó! se há vida em outros mundos, em estrelas rubís, em planetas safiras, se existem pontos de contato entre a nossa existência terrena e a dos outros seres do espaço, em recanto algum do infinito haveria esplendor, fadaria comparável ao acontecimento da tarde, que marcou o voo, do Cenáculo de “A Fruteira” para outros centros notáveis, do meu livro “DOIS POETAS”!

Foi nesse ambiente de cultura e amizade que nasceram no Cenáculo o Clube Literário de Campina Grande e o Clube dos Caçadores. O Clube Literário vive, mas dormindo; o Clube dos Caçadores, desperto, continua com sua marcha alegre, proporcionando aos seus associados momentos de intensa satisfação, atrás dos nambus e das cordornizes, reunindo-se todos os dias em sua sede na Rua Venâncio Neiva, proporcionando momentos de distrações aos seus associados.

“A Fruteira” teve sua turma do barulho e da graça, dos ditos jocosos, das alcunhas adequadas, dos logros e das petas inconcebíveis, como as sabia contar Chico Melo, tão descomuns que certa vez enterramos um prego de cinco polegadas na parede segurando esta: “que viajando de Cajazeiras a Campina Grande, trazendo uma carga de algodão, teve de parar seu caminhão 69 vezes para remendar uma câmara de ar, alcançando, enfim, o destino com o pneu vazio”. Ninguém duvidou, mas o prego ficou enterrado na parede... E seguiam-se outras contadas por Odílio Gomes (Grande Amante), o homem das mil e uma namoradas. Nessas vezes o chovalho repicava como um sino tocando sinal de anjo. Um círculo galhofeiro, onde se graduavam com tampas de cerveja os “oficiais” do “exército” sem batalhas, que acantonava no Cenáculo. “Collier, - um funcionário dessa empresa assim alcunhado - certa vez saiu feito coronel, com os ombros cheios de “estrelas”, pregadas com goma arábica, e uma frocada cauda de papel para ver a namorada que passava no momento; Manoel Ulisses, dos discursos bombásticos, saía sempre graduado como tenente, capitão, brincadeira que o zangava e o fazia falar mais errado. Muitos se iam com as algebras peçadas de cascas de laranja e pitombas, como um viajante gaúcho, que voou para Porto Alegre sem perceber que levava essas lembranças.

No seu mundo anedotário, salientavam-se Miguel Ramos e “Gordurinha”, Teotônio Amorim, um viajante do Recife, baixinho, gordinho, muito engraçado para contar anedotas, assíduo n’ “A Fruteira”. Miguel Ramos, também pequenininho, gordinho, tem o hábito de fungar ao chupar o cigarro. As anedotas contadas por ele aumentam de valor; Martins, o português das gargalhadas chiantes, a quem Miguel está sempre a xingar contando anedotas alusivas ao português, franco, sincero, sem raiva e dono de um coração do tamanho da Drogaria Confiança, onde trabalhou; Chico Asfora, que levou um chocalho para sino no Cenáculo, e era utilizado para chamar o Martins e bater escandalosamente quando um cenaculista contava uma história julgada mentirosa; Zefirino Lima, poeta, alma simples e honesta, parecendo um filósofo, amigo de Satanás, com quem tem encontros amistosos em qualquer lugar onde o invoque; José Pedrosa, livreiro e beletrista, poeta nas horas de alto vinho, que, com a sua poesia marginal, deseja “derrubar os castelos medievais, das ruínas salvar as belas madonas de tranças bonitas que estão enclausuradas, e dar liberdade ao amor”... Espetacular, quando se diz desonesto, mas incapaz de praticar um ato que desabone a sua conduta como comerciante e como homem da sociedade; o Lopes de Andrade, de sorriso fino, manhoso como seda, bom glutão e melhor copo nas festas, faz política richeliana, com jeito de “Eminência Parda”, porém sem o rosário de pecados que tornava essa figura poderosa; João Cunha Lima, também glutão e bom copo, escarninho, sutil, gaiato nos trocadilhos sem ferir a pele da vítima, mas de uma linha impecável; Omega Sodré, o “Le PETIT”, bebedor de cerveja e vinho bom, cuja prosa “delirante” vale por uma enciclopédia, de uma retentiva capaz de decorar todos os anúncios do “Correio da Manhã”, edição de domingo. Espírito de finura e delicadezas de estilete, quando o ferem torna-se mordaz, arregala os olhos em declaração de guerra. Muito espirituoso no carnaval com os dísticos que manda pôr nas camisas: “Por que não chove cerveja? e “Bebendo ou brincando”, “Le Petit não paga nada”.

É assim 1950 o Omega, e outros tantos que frequentavam “A Fruteira” cujos nomes enchiam muitos cadernos. Em 1950, no Cenáculo apostaram os bigodes Dedé Lampião (Antônio Gualberto) e Basto das “Nações Unidas”, na campanha em que se empenharam os drs. José Américo (o Messias) e Argemiro de Figueiredo (O Amarelo), disputando a cadeira maior do Palácio da Redenção. O caso

foi testemunhado e escrito. Serviu de tabelião o Chico Asfora. O “Amarelo” perdeu e o “Messias” de barro ganhou. O Dedé Lampião ganhou o bigode do Basto, e o arrancou no salão de Zé Bigode. Dias antes de entregar o bigode, o Basto pô-lo a preço, apelando, humilde, para Dedé não lhe tirar os pêlos tão estimados. A oferta foi recebida com gargalhada. Foi a aposta mais original da campanha que culminou com o crime da Praça da Bandeira, onde a justiça se desonrou, não punindo os culpados.

José Jataí era o “filhinho” que dava mais trabalho a “A Fruteira”; chegava sempre na última hora. Quando se sentava para beber, tirava os sapatos, e na hora de fechar, a matraca batendo dando o sinal fatal, os companheiros gritavam: Jataí, calça os sapatos! E Jataí, levando o copo à boca e o repondo à mesa vazia, pilheriando, começava a calçar os pés de cantor, que ele o é muito bom. Era assim “A Fruteira”...

Outra reunião, cuja data cuja data o meu caderno não anotou, mas saltou-me do fólio da lembrança, foi a em que festejamos no Cenáculo o aniversário natalício do nosso amigo Grimoaldo Siqueira, arrendatário, nesse tempo, do Grande Hotel. Espírito de fino trato, elegante no servir, e de alto gosto, como aquele Jacinto do 202, de Paris, de que nos fala Eça de Queiroz, em “A Cidade e as Serras”. Ao ágape compareceram: Omega, o Le Petit, o livreiro José Pedrosa, Antônio Telha, Nelson Rosas, João Cunha Lima, Lopes de Andrade, Cristino Pimentel e o homenageado. Nessa noite de amizade, o maior poeta foi o “Cinco Estrelas”, o maior prato, um pato assado e a poesia por excelência foi a “Bonega Brand”, uma ninfa inspiradora, destilada do suco do cajá, no engenho “Assis”, onde começou sua carreira prática de agrônomo o Dr. Manoel Tavares de Melo, hoje ocupante de um cargo no Ministério da Agricultura. A ele rendemos-lhe uma homenagem, e a nossa tristeza por ter deixado de fabricar o néctar de sabor inesquecível.

Fatos outros tiveram ressonância n’ “A Fruteira”, alguns de sentido político, e muitos de crítica, como um que o jornal “Palavra do Dia” anunciou com escândalo: “Mãos impuras tocaram as Tábuas de Moisés”. As “Tábuas de Moisés” era um quadro negro que servia de arauto à “Palavra do Dia”, jornal de uma só frase, escrito a giz, de apologia ou sarcasmo aos mandantes da cidade, que não se conduziam direito no cargo; órgão de “A Fruteira”, que era exposto no frontispício do cortiço, quando não, anunciando as

virtudes do “Primoroso”. Pela “Palavra do Dia”, a cidade acompanhou com entusiasmo a apuração da eleição para prefeito em que o Dr. Elpidio de Almeida venceu o senhor Veneziano Vital do Rêgo, em 1947.

A agulha do Destino é implacável, e pode fazer chegar a sua influência a todas as coisas, às almas mais simples e aos diversos mundos - do acontecimento mais ínfimo ao movimento social mais esplendoroso. Pode, também, atingir, com o seu olhar poderoso, todas as criaturas, para torná-las felizes ou inditasas, fazê-las sentir na máxima plenitude a dor que depõe, a alegria que sublimiza. Graças ao Senhor do Céu, tenho sido seu afilhado, pois tem me dado as mais inequívocas provas de bem.

“A Fruteira” atinge o seu vigésimo quinto ano de existência, 1953, e sempre vendendo frutas. Faz Bodas de Prata. Já me sentindo com o coração abalado e os nervos enfadados da impaciência que toda a vida de trabalho intenso deixa no corpo e no espírito da gente, entendi de afastar-me das lides comerciais. Anunciei aos meus fregueses e aos meus amigos que no dia 1º de março encerraria, definitivamente, a minha carreira comercial com uma festa em que todos poderiam comer e beber de graça o estoque restante do estabelecimento. Assim aconteceu. Feito o apurado de 1\$000 foi selada a registradora depois de lavrada a seguinte ata:

## ATA DE ENCERRAMENTO

*A 1º de março do ano da graça de 1953, primeiro dia do horário velho, e em que se completa 25 anos de “A Fruteira”; os comandos sanitários, desta e de outras terras, presentes à dita cuja, resolveram não considerar os protestos dos senhores pais e filhos, de senhores de engenho e solidários com o “fruteiro-mor” Cristino Pimentel, encerrarem as atividades “pedicaníferas”, em virtude de que as seguintes determinações:*

*1ª - Acabar com o estoque, porque de graça beber é melhor que pagando;*

*2ª - Lacrar a registradora para que alguém bem intencionado não se deixe tornar “pagão”;*

*3ª - Convocar os carros da Polícia para entrega ao domicílio, acompanhado de uma comissão para que, solidariamente, apanhará da cara metade do “decujos”, para que ele não apanhe sozinho;-*

4ª - Determinar o máximo rigor na observância dos deveres sociais, não devendo de forma alguma alguém deixar para outro o que ainda possa servir para si;

5ª - Dispor tudo de tal maneira de que o Cristino não tenha o que vender, no dia seguinte;

6ª - Compromisso solene, de não responsabilizar ao "fruteiro-mor" por qualquer intoxicação que alguém venha a sofrer, por maior ou menor quantidade ingerida.

E, por estarem conformes, subscrevem esta ata de encerramento das atividades comerciais de "A Fruteira" com votos vencidos do Sindicato dos Pés de Cana.

Campina Grande, 1-3-1953.

**Seguem-se as 150 assinaturas dos presentes ao lavramento da ata:**

Exedito Dauetts, Virgínio da Gama e Melo, Adabel Rocha, Severino Branco Ribeiro, Antônio Cabral de Castro, José Justino, Aluísio Pereira Souto, Odelmir Machado, Manoel Ulisses, Protásio Ferreira, Miguel Ramos, Antônio de Sousa Carvalho, Júlio Gomes, Amaro S. Lucena, Cornélio Souto Correia, Severino Américo, J. Ivan Ribeiro, Manoel Meira, Francisco Soares, Everaldo Viana, Epitácio Soares, Sebastião Lima, Egídio de Oliveira Lima, Napoleão Medeiros, Pinto Costa, Antônio Pereira da Costa, Fon-Fon, Zildo Guedes Fernandes, Cláudio Nogueira de Arruda, Sebastião G. Pinto, José de Oliveira, Aldo Cavalcante, Altamiro Brasil, Hanlet Pimentel de Lima, Francisco Fernandes Soares, Antônio Palmeira, Manoel Feliciano da Silva, Manoel Nunes Farias, Manoel Francisco de Oliveira, Amaro Ferreira Filho, David José dos Reis, Severino Guedes de Freitas, Erasmo Mariano dos Santos, Arlindo Diniz, Rocha Tito Alves, Pedro Damião de Sousa, Aluísio Cavalcante, Valdinho Rangel, Aureliano Alves, Francisco Cassiano, Alonso Fialho, Horácio Cabral, João Gordo, Geraldo Borges, Ilo Pereira dos Santos, Aluísio Araújo, Antônio Lima, Antônio Pequeno da Silva, Josias de Almeida Cavalcante, Wilson Guedes, Vicente Andrade, José Evangelista, Vespasiano Costa, Plácido Alves, Luís Henrique, Manoel Estêvão, Itamar Vale, Francisco Anselmo, José

Inocência, Neno Gonzaga, Miguel Leocádio, Félix Araújo (o mártir), Leonel Medeiros, Felinto Barbosa, José da Costa Barros, Aldo Corsino de Lima, Manoel Floro, Manoel Souto, Artur Souza, Erasmo Ferreira, Geraldo Fernandes, Carlos Fernandes Dantas, Délio Cabral, Célio Cabral, Breno Marcelino Gonzaga, José Francisco, José Paulo da Silva, José Rodrigues Diniz Filho e Gumercindo Leite, que lavrou a ata.

Foram sacrificados perus, galinhas, frangos, para o repasto; até pebas e pombinhas torradas com toucinho, ovos de touro, bacalhau, lombinhos de fígado, quartos de carneiro e porco, tudo isto apareceu no dia marcado, que com o "Primoroso" - especialidade da casa - foram consumidos, juntamente com todo o estoque das bebidas existente.

Abrilhou a festa a orquestra da Rádio Borborema, que, espontaneamente, derramou suas músicas excitantes entre os mil convivas que compareceram. Compunham a orquestra as seguintes figuras: Carlos Dantas (Carlos I), Délio Cabral (Carlos II), Célio Cabral (Carlos III), Bráulio Rocha, Jaime Pandeirista, Breno Marcelino, José Apolo, Joaquim Aleixo, Geraldo Fernandes, José Belém, e o cantor Horácio Cabral (Bacanasso).

Acontecem coisas na vida da gente que o vocábulo dificilmente exprime o pensamento, e não é o instrumento próprio para um agradecimento; ocorrências outras que a palavra não tem som nem beleza para manifestar uma gratidão, mas há em todo homem sentimentalista um relógio posto por Deus que marca todas as vibrações de um bem que receba: esse relógio é o nosso coração. É nele que guardo os nomes desses músicos amigos, que deram a harmonia melhor à festa de Bodas de Prata de "A Fruteira". A própria direção da Rádio destacou o seu melhor locutor, Hilton Mota, para fazer a transmissão dos festejos pelo preço da amizade. Ações dessa natureza cativam.

A festa começou para os íntimos no Cenáculo, às 4 horas da tarde do dia de sábado, e terminou no domingo, 1º de março de 1953, às 14 horas.

Descrever o que foi esse acontecimento, numa época em que o comerciante não mede esforços para acumular lucros, em que a ganância voa em "Super-Convair", afunda navios e se compara aos supersônicos varando o espaço comercial, carece de uma pena aprimorada, que tenha um espírito que viva a escutar e sentir as

harmonias dos mundos em festa, as alegrias dos poetas livres dos espaços de penas coloridas, de asas ligeiras, doiradas pela luz do sol nascente.

Foi uma festa invulgar. O Cenáculo ficou privativo das novas e velhas abelhas que o alcandoraram de luz intensa do delírio poético que atingiu a todos. Duas coisas faltaram nessa festa de espírito: a mulher e a alegria das flores. Para suprir essa falta, vieram as canções musicadas e as poesias declamadas. Foram quebrados todos os copos e todas as taças como ponto final da brincadeira.

Quisera poder fazer um poema menotiano sobre essa festa de Bodas de Prata de "A Fruteira", e do seu encerramento, e terminar "todas as estrofes em ouro, lembrando o ouro, cantando o ouro, realçando o ouro, vivificando o ouro em todas as suas modalidades, em todas as cores, em todos os sons".

Invoquei nesse trabalho, mais de uma vez, o poeta Martins Fontes, autor de "Nós as Abelhas", porque só do seu espírito poderia sair a beleza e a forma que procurei ensaiar nesse jogo de recordações e sentir!

Não podia deixar de imprimir aqui os dois motes glosados que o pintor Severino de Branco dedicou a "A Fruteira". É um perfume a mais nessa história pitoresca onde o som, a alegria e o espírito sobraram, quando o sol do estabelecimento se pôs deixando flava a sua passagem.

#### MOTE

SEMPRE EXISTIU ALEGRIA  
N' "A FRUTEIRA" DE CRISTINO.

#### GLOSA

Um centro de boemia  
Cheio de grande fulgor,  
Sempre houve bom humor,  
SEMPRE EXISTIU ALEGRIA  
O plebeu e o granfino,  
E o Dr. Zefirino  
Com sua franca bondade  
Formando sociedade  
N' "A FRUTEIRA" DE CRISTINO

**MOTE:**  
**UMA LEMBRANÇA DEIXOU:**  
**NA HISTÓRIA DE CAMPINA.**

**Glosa:**  
Tudo quanto se passou  
Neste meu feliz destino  
"A Fruteira" de Cristino  
**UMA LEMBRANÇA DEIXOU**  
Cinco lustros ela marcou  
Vivendo com disciplina,  
Nesta cidade heroína  
Onde sempre triunfou  
Um capítulo ela formou  
**NA HISTÓRIA DE CAMPINA.**

Glória a Deus, glória ao céu, glória à coragem que realçaram o caminho da minha vida! Fechando o livro dessas recordações, abro o meu coração e estendo as asas até àqueles que me deram luz, muita luz, muito brilho, muito sol, para me aclarar e fazer com que eu chegue ao término da minha jornada humana, como vou seguindo.

E aqui estão plasmadas todas as minhas sensações, todos os meus momentos de felicidade, colhidos e sentidos na música e na prosa do Cenáculo, que fez d' "A Fruteira", por algum tempo, em Campina, um centro de fulgor onde o talento, a cultura, a fantasia e os sonhos dos espíritos que lá se reuniam se irradiava aclarando tudo, doirando tudo, dando brilho a tudo...

"ABRINDO O LIVRO DO PASSADO" realça essa fase de minha vida para que o tempo não faça desaparecer o perfume...

Vou indo, estou indo, irei indo, com o facho do sucesso nas mãos, embora pequenas para conter tanta felicidade. Lendo, lendo muito, e aprendendo no grande livro da vida - árvore sempre verde, que a todos oferece o seu pomo fecundo para que se fartem do imenso amor, da imensa sabedoria que encerra, conduzindo as pérolas colhidas na estrada venturosa do trabalho.

## CRISTINO PIMENTEL - VIDA E OBRA

Cristino Pimentel (22/07/1897 - 31/12/1971), oriundo de família modesta e baixa renda, ele mesmo, em passagens de suas obras, dá elementos para recompor sua vida. Com intrusões, que vão da informação à atuação e que rolam de crônica para crônica, informa de si, de sua família, das ruas em que viveu e brincou, do trabalho iniciado em adolescente, bem como do gosto pela leitura que lhe complementou a pouca escolaridade. Casado e já com um filho bebê, instala-se, com uma casa de venda de frutas - "A Fruteira" - que, rápido, lhe traz a necessária estabilidade econômica e disciplina de vida, permitindo-lhe ler, escrever e toda a facilidade para colaborar intensamente em jornais e editar livros.

### 1 - Produção literária

- Obras publicadas: Enumeradas em letra romana e assim à frente referidas:

I - Dois poetas. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950: 64p.

II - Pedacos da história da Paraíba. João Pessoa: Editora Teone, 1953; 128p;

III - Abrindo o livro do passado. João Pessoa: Editora Teone, 1956; 330p;

IV - Pedacos da história de Campina Grande (2º volume de Abrindo o livro do passado). Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958: 282p.

V - Mais um mergulho na história do passado. Campina Grande: Edições Caravela-RG Editora, 2002: 132p. Obra póstuma, editada por Antônio Soares, que breve ocuparia a Cadeira Cristino Pimentel na Academia de Letras de Campina Grande.

- Obras anunciadas:

- "Três ruas, três poemas";

- "Versos dos outros em minha cabeça e meus para a cabeça dos outros";

- "Cartas a 'Alexandre'" (série de crônicas publicadas nos jornais);
- "Filosofia de quem não é filósofo".

- **Fragmentos, por ele revelados:**

- Florzinha (Taperoá/Pb: 16/7/1916: Terceiros) - 1919;
- Maria de Figueiredo (Espírito Santo) - 1917;
- Saudades (1918);
- A doida (Taperoá/Pb) - 1917;
- Dedicado a quem sangrei o meu primeiro amor; Dúvida - 1918.

- **Trabalhos inéditos, por ele divulgados:**

- Viagens através do Brasil;
- A imprensa campinense através dos tempos (História da imprensa até 1963);
- Um turista através dos tempos, 1963.

- **Verbetes:**

Cristino tem verbete ou referências em:

- Contribuição para uma bibliografia paraibana (saído em 1972; reeditado: João Pessoa: Governo Estadual Cícero de Lucena, 1994) de Horácio de Almeida: registra as quatro primeiras obras publicadas.

- Prévio dicionário biobibliográfico do autor da microrregião do agreste da Borborema. Campina Grande: UFPb/NELL, 1982. Com falhas nas data e enumeração das obras.

- Dicionário literário da Paraíba (João Pessoa/Governo Municipal Cícero de Lucena, 1994). As cinco linhas dedicadas a Cristino como tudo o que se relaciona com Campina Grande saem incorretos; nem informa devidamente das obras do autor em tela. Ora, em 1994, não é de aceitar que Idelette Muzart Fonseca dos Santos praticasse tais incorreções numa obra editada com verbas do Conselho Estadual de Cultura.

- Autores campinenses-96 (Edições Caravela, 1996): informa sobre a vida e as obras de Cristino.

**2 - Vida**

Cristino nasce, em Campina Grande, aos 22/7/1897. Neto materno de Damião José Rodrigues (1842 - 1924) e de Maria Josefa de Jesus, ambos

descendentes da Família Santa Rosa, cujo progenitor foi Teodósio de Oliveira Ledo (português, de Viana de Castelo; faleceu idoso na década de 1730), o fundador de Campina Grande. Damião enviúva em 1891. Entretanto vem o casamento de seu segundo filho - Maria Georgina. Damião acompanha a filha e seu marido, Severino José Pimentel, popularmente o Pimentelzinho, que com a esposa e sogro se instala na Rua dos Armazéns, hoje Marquês do Herval, onde tinha um pequeno negócio. Do casal nascem seis filhos de que Cristino Pimentel é o quarto, incluindo duas moças.

Maria Georgina, popularmente dona Mariinha, viúva desde 1904, tem de enfrentar sérias dificuldades para criar os filhos, todos menores, de tenra idade. Para isso, ela e seu pai Damião somam esforços e recursos: ele com sua pensão municipal, paga semanalmente (cortada em 1917), e com os ganhos no jogo do bicho careta (depois jogo do bicho) e ela "fazendo de uma máquina de costura o seu veio aurífero" (III: 133): Assim os dois criam e educam seus netos e filhos.

A escolaridade de Cristino foi muito reduzida e praticada com professores que só lhe poderiam ter ensinado a ler. Ele mesmo diz que frequentou as aulas de Chateaubriand Williams Guedes, que, além de maleiro, empregado de comércio, guardalivros, comerciante, praticista, industrial e escrivão de polícia, era também professor.

Antes dos quatorze anos inicia-se em trabalhos de sapateiro e ferreiro. No primeiro, com dona Pretinha, sua vizinha, "velha sapateira com quem aprendi a bater sola e taxiar sapato" (III: 131); o segundo, exerceu-o na "casinha baixa onde trabalhei de ferreiro com Manoel Grosso, batedor de facas" (III: 19) cuja tenda ou oficina e também residência, ficava na Rua Açude Novo em que Cristino morava. Em 1912, Cristino, em breve estadia com seus pais em Taperoá foi testemunha da ação violenta dos homens dos drs. Augusto Santa Cruz Oliveira (1/11/1873 - 31/10/1944) e Franklin Dantas (falecido em outubro/1930) contra o "despotismo do governo" de então (II: 1953). No mesmo ano, se inicia como aprendiz de tipógrafo no jornal semanário "Correio de Campina", recém-lançado por Cristiano Lauritzen (falecido aos 18/11/1923) cujas instalações ocupavam o térreo de uma casa na Rua Beco do 31. Aqui trabalha por alguns anos. Nesse e por esse trabalho, aliado à leitura de livros que sempre praticara, completou a pouca escolaridade e conseguiu aquele amplo lastro de instrução que sua obra documenta.

Em 1927, precisamente aos 28 de abril, Cristino, já casado com Honorina Câmara Pimentel e com um filho de colo, deixa Campina Grande e segue para Taperoá, a fim de trabalhar como auxiliar da firma Sabino Pinto,

compradora de algodão. Entretanto, não contente com a firma que não oferecia segurança, pagava pouco e descumpria o contrato inicial, faz diligências para novo emprego na firma José de Brito & Cia, o que levou o empregador a, uma vez informado do caso, demiti-lo aos 19 de janeiro de 1928 (III: 157). No sábado, dia 21 de janeiro de 1928, após ter vendido alguns livros de literatura e biografias, regressa a Campina. Aqui, deixando o propósito de ser empregado de alguém, dedica-se a nova atividade: “o jogo do bicho era franco e a comissão da venda era de 20 por cento. Fui vender bicho e bilhetes de loteria” (III: 159). Extinto o jogo quase de imediato, Cristino continua a vender Loteria Federal, de Minas e da Bahia, enquanto, atento, procurava um ponto para se estabelecer. Ironia do destino! O ponto aparece. Precisamente, o andar térreo de uma casa, desocupada pela prefeitura, onde 16 anos antes, ele exercera a profissão de tipógrafo no jornal “Correio de Campina”.

Nela, Cristino passa a residir e inaugura uma pequena venda de frutas, a que deu o nome de “A Fruteira” cuja abertura foi no dia 1 de abril/1928. O apurado nas vendas desse dia foi de hum mil reis (1\$000). O primeiro ano foi bom. As vendas crescem durante o primeiro ano. Abria as portas ao nascer do sol e as fechava pela meia noite. No quinto ano ou seja em 1933, o negócio era dobrado e, além das frutas, vendia produtos de fumo, especiarias e bebidas (quentes e frias). Seguidamente, passa aos doces, bolos, canjica e pamonhas. No ano de 1943, A Fruteira, em seu décimo ano e sempre vendendo frutas, é reconhecida como casa de especiarias e bar.

A clientela de bebidas aumenta. Entre ela os intelectuais, que são atraídos pelo próprio Cristino, nesse tempo já notável cronista dos órgãos de imprensa. Em 1943, torna-se a casa preferida dos intelectuais, a quem servia o Bate-Bate, bebida de aguardente, maracujá, mel de abelhas e limão e também bebida que se tornou o “chamariz sensacional” dos intelectuais. Para estes, Cristino reserva-lhes uma sala no interior da casa. Assim, nasce o Cenáculo, nele se reunindo “as abelhas do espírito” - poetas, filósofos, boêmios, professores, intelectuais, artistas -, resplandecendo com a “luz que jorrava da prosa, que às vezes chegava ao delírio encantador da inteligência e da sensibilidade” (III: 161). As discussões eram animadas em torno de nomes locais como Mauro Luna, Anézio Leão, Euclides Villar, Iracema Marinho, Murilo Buarque, e outros “daquém e dalém-mar” (III: 160).

Acontecimentos importantes se registram n’A Fruteira. Cristino os recorda com intensa saudade. O primeiro desses acontecimentos ocorreu no dia 7 de dezembro/1947, data em que a colônia portuguesa, inaugura, na Praça Clementino Procópio, um monumento à memória de Teodósio de

Oliveira Ledo, o fundador de Campina. "Foi o dia máximo de alegria e prosa d' A Fruteira" III: 162). Ao lado do vinho português foi servido o 'Primoroso', em brinde de honra pela visita ao nosso Cenáculo das figuras representativas das letras e da diplomacia portuguesa". A Fruteira foi, pelos intelectuais portugueses, batizada de Café Nicola, nome de um café de Lisboa célebre ao tempo de Bocage (1765-1805) que o frequentava.

Outra data memorável foi o dia 13 de maio de 1950, quando Cristino, ante a elite intelectual campinense, lança o "primeiro pássaro em letra de fôrma - seu livro Dois Poetas - editado pela Livraria Pedrosa" (III: 164). Sobre ela: "A Fruteira' gargalhou, bebeu, tertuliou, brincou, saltou de contentamento, encheu-se de felicidade..." (III: 164).

Prosseguindo em sua ação, A Fruteira/Cenáculo se constitui no polo culturalmente mais fecundo de Campina Grande. Tudo nela era permitido e tudo era para ela trazido, desde os grandes nomes da literatura, mundial, nacional, estadual ou local aos grandes problemas sociais, do anedotário e às efemérides cotidianas. Por regra, funciona como um círculo galhofeiro "de barulho e graça", de anedotas, de petas ou brincadeiras inofensivas em que se graduavam com "tampas de cerveja os 'oficiais' do 'exército' sem batalhas" ou se enchiam com cascas de laranja e pitomba as algibeiras dos descuidados. Um outro que é enfeitado com uma cauda de papel colorido para ir ver a namorada passando em frente a A Fruteira. Todos ou quase todos os intelectuais de Campina e muitos das cidades vizinhas bem como quem passava por Campina tinham acesso às reuniões ou para elas eram convidados. Foi ainda em seu âmbito que se criaram o Clube Literário de Campina Grande e o Clube dos Caçadores. O Clube Literário de Campina Grande foi, aos 31/8/1948, fundado por, entre outros, Cristino Pimentel, José Leite Sobrinho, José Lopes de Andrade, Nilo Tavares, Aduato Barreto, Nóbrega Simões, Aleio Silva, Antônio Mangabeira, Zeferino Lima, este sendo seu primeiro presidente. Lino Gomes da Silva Filho, em Síntese da história de Campina Grande (manuscrito que preparamos para ser editado e o foi por gráfica de João Pessoa), fala de um "Clube Literário de Campina Grande", fundado aos 31/8/1947 (data difere da anterior; deve ser o mesmo) e do "Clube dos Literatos", fundado pelo Cenáculo (A Fruteira por vezes assim chamada), no ano de 1949.

Outra iniciativa foi a criação do jornal "A palavra do dia", órgão d'A Fruteira, exposto em quadro negro, chamado "Tábuas de Moisés", colocado no frontispício da casa. Preenchia esse jornal "uma só frase, escrita a giz, de apologia ou sarcasmo aos mandantes da cidade, que não se conduziam direito no cargo" (III: 169) ou então anunciando as virtudes do Primoroso.

O tempo rola. Chega-se ao ano de 1953. Bodas de prata d' A Fruteira - vinte e cinco anos sempre vendendo frutas. Cristino acha que é chegada hora de descanso. Assim ele escreve: "Anunciei aos meus fregueses e a meus amigos que no dia 1º de Março encerraria, definitivamente, a minha carreira comercial com uma festa em que todos poderiam comer e beber a graça o estoque restante do estabelecimento. Assim aconteceu" (III: 170). Apurado o quantitativo de 1\$000 (tal como foi no primeiro dia), lavra-se a ata e lacra-se, de imediato, a registradora para que alguém bem intencionado não se torne "pagão". A festa começou no sábado, pelas quatro horas, e terminou no domingo seguinte, dia 1 de março, pelas 14 horas. Além das bebidas, incluindo o Primoroso, foram consumidos perus, galinhas, frangos, pebas, pombinhas torradas com toucinho, ovos de touro, bacalhau, lombinhos de fígado, quartos de carneiro e porco.

Este o fim d' A Fruteira. Embora constituindo o maior foco de concentração de intelectualidade jamais existente em Campina Grande, não chegou a formar grupo literário. Irineu Jófilo e algo Afonso Campos também funcionaram como pólos de unificação. O Cenáculo, menos literário do que eles, configurou-se como centro de boa convivência literária. Com a extinção d' A Fruteira, o Cenáculo ainda continua. Cristino o diz: "O Cenáculo ficou privativo das novas e velhas abelhas que o alcançaram de luz intensa do delírio poético..." (III: 172). Naturalmente, decaindo muito e sucessivamente de sua ação unificadora. Cristino, retirado a sua vida particular, continuou brilhando no mundo das letras. De imediato, publica seu segundo livro - Pedacos da História da Paraíba/1953, obra, que, reunindo os folhetins anteriormente publicados em O Norte, sai bem mais trabalhada, mais firme e melhor produzida do que Dois poetas/1950. Em 1956, Abrindo o livro do passado, seu terceiro e penúltimo livro e também sua melhor obra e a melhor obra de crônicas produzida em Campina Grande. Os artigos continuam aparecendo em jornais. Dois anos após, em 1958, publica o quarto e último livro - Pedacos da história de Campina Grande/1958 -, com o subtítulo 2º volume de Abrindo o livro do passado. Nesta obra anuncia próximas obras que não chegaram a sair. A colaboração em jornais continua até final de sua vida. Além destas obras ainda há registrar quer fragmentos quer inéditos de obras ou trabalhos, uns e outros encontrados após sua morte entre os papéis da sua biblioteca. Neste contexto, torna-se compreensível a frase de Virgínius de Gama e Melo: "O que Cristino Pimentel publicou até agora (1964, Cristino já tinha seus quatro livros publicados) não constitui um décimo, talvez do seu acervo memorístico" (in Revista campinense de Cultura [1(2), dezembro, 1964: 60).